



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES - MIH**

LEONARDO DA SILVA LEAL

**TRAÇOS DE SI, EXPERIÊNCIAS DE HOMENS GAYS NA CIDADE DE
BATORITÉ/CE (1970-2021)**

**REDENÇÃO/CEARÁ
2023**

LEONARDO DA SILVA LEAL

**TRAÇOS DE SI, EXPERIÊNCIAS DE HOMENS GAYS NA CIDADE DE
BATORITÉ/CE (1970-2021)**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em
Humanidades pela Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab.

Orientador: Prof^o Dr. Roberto Kennedy Gomes
Franco

Co-orientador: Francisco Vitor Macedo Pereira

**REDENÇÃO/CEARÁ
2023**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Leal, Leonardo da Silva.

L47t

Traços de si, experiências de homens gays na cidade de Baturité/CE 1970-2021 / Leonardo da Silva Leal. - Redenção, 2023. 102 f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco.

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Vitor Macedo Pereira.

1. História de vida. 2. Identidade de gênero. 3. Homossexuais masculinos. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 306.76

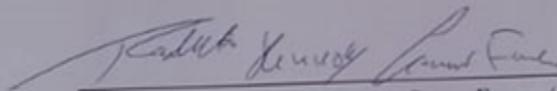
LEONARDO DA SILVA LEAL

TRAÇOS DE SI, EXPERIÊNCIAS DE "HOMENS-GAYS" NA CIDADE DE
BATORITÉ/CE
(1970-2021)

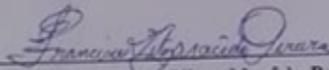
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab - Campus das Auroras.

Aprovado em: 21/03/2023

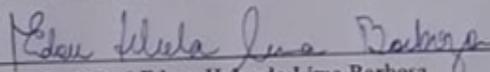
BANCA EXAMINADORA



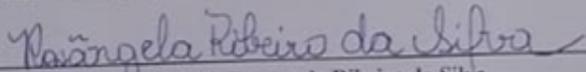
Prof. Dr.º Roberto Kennedy Gomes Franco (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



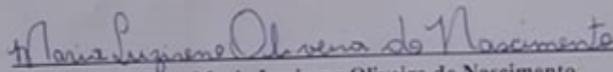
Prof. Dr.º Francisco Vitor Macêdo Pereira (Co-orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Prof. Dr.º Edson Holanda Lima Barbosa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Prof. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Prof. Dra. Maria Luzirene Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual do Ceará - UECE

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pela bolsa que subsidiou parte do processo de formação acadêmica de qualidade. Agradeço ao professor orientador Roberto Kennedy Gomes Franco pelo incentivo para ingressar no mestrado e sua crítica ao projeto social de desigualdades geradas pelo capitalismo.

Agradeço aos meus amigos, como Leonildo Leal, Juliana Santos e Ester Araújo pela parceria, a Karla Gerlane e Jardele Queiroz que sempre me acolheram nos dedicados debates e desafios relativos às problemáticas sociais que nos acompanham nessa vida de estudantes pobres, LGBTs e Mulheres do Maciço de Baturité.

Agradeço aos colegas que compartilharam suas histórias de vida na encruzilhada em que se deu o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos amigos das cidades de Redenção e Acarape que à sua maneira me acolheram com carinho e dedicação, Redenção lembra muito a Dona Ana, minha mãe, pelo fato de encorajar e dar alento nos dias difíceis, assim, obrigada aos meus queridos amigos Teles, Silvio, Berg, Welison, Emanuelle Dias, Cláudia, Emanuelle Cordeiro, Jonathans, Nelsinho, Sônia, Leopoldo e Tcheury Stony.

Agradeço *in memoriam* ao meu pai, Seu Leônio Leal, pelos ensinamentos de que a vida deve ser mediada pelo respeito e credibilidade, valores tão fortemente reafirmados cotidianamente por ele em nossos dias de trabalho e em nosso lar.

*A vocês entrego esta mensagem
E não é por mim
Eu estou velho
E sua utopia é para as gerações futuras
Há tantas crianças que vão nascer com a asinha quebrada
E eu quero que voem companheiro
Que sua revolução
Dê a eles um pedaço de céu vermelho
Para que possam voar*

Fragmento do poema “Manifesto - Falo por minha diferença”

Pedro Lemebel (1986)

RESUMO

A presente dissertação, tem como escopo central tecer reflexões sobre as experiências de homens gays, vivenciadas no contexto urbano e rural da cidade de Baturité no interior do Ceará, a partir de fontes inéditas. Como metodologia, recorreu-se a história oral a partir do método, história de vida que visa descortinar as dinâmicas das relações sociais de gênero e classe a partir das experiências no cotidiano familiar e com as diferentes instituições no campo familiar, profissional e cultural. Possibilitando constituir as fontes e compreender suas relações socioculturais e os processos de construção das subjetividades LGBTQIAPN +, especificamente, enquanto homens gays cisgênero, em Baturité/CE. A definição deste campo de estudo está pautada na (in)visibilidade histórica e sociocultural dessa população e, também, na produção de conhecimento crítico, engajado e situado, no contexto do Maciço de Baturité. Como aporte teórico-metodológico, segue-se Thompson (1978); Bosi (1994); Portelli (1997), Delgado (2003); Franco (2004; 2020); Louro (2003). Neste desafio, a consolidação deste trabalho, diante das adversidades das reflexões e das ausências materiais cotidianas, relaciona-se com o olhar e o fôlego aos quais os sujeitos colaboradores desse processo tomaram para construir a narrativa de suas experiências. Nesse sentido, reconhece-se que tanto na perspectiva teórico-metodológica quanto na profundidade das diferentes dimensões expressadas nessas narrativas há um aporte significativo para a continuidade desse estudo a partir de outras problemáticas de pesquisa.

Palavras-Chave: História de vida. Gênero. Homens gays. Baturité/CE.

ABSTRACT

The present dissertation has as its central scope to reflect on the experiences of gay men, lived in the urban and rural context of the city of Baturité in the interior of Ceará, from unpublished sources. As a methodology, oral history was used based on the method, life history that aims to reveal the dynamics of social relations of gender and class based on experiences in the family routine and with different institutions in the family, professional and cultural field. Making it possible to constitute the sources and understand their sociocultural relations and the construction processes of LGBTQIAPN + subjectivities, specifically, as cisgender gay men, in Baturité/CE. The definition of this field of study is based on the historical and sociocultural (in)visibility of this population and, also, on the production of critical, engaged and situated knowledge, in the context of the Massif of Baturité. As a theoretical-methodological contribution, Thompson (1978); Bosi (1994); Portelli (1997), Delgado (2003); Frank (2004; 2020); Blonde (2003). In this challenge, the consolidation of this work, in the face of the adversities of reflections and everyday material absences, is related to the look and breath that the collaborating subjects of this process took to build the narrative of their experiences. In this sense, it is recognized that both in the theoretical-methodological perspective and in the depth of the different dimensions expressed in these narratives, there is a significant contribution to the continuity of this study from other research issues.

Keywords: Life story. Gender. Gay men. Baturite/CE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Mapa do município de Baturité.....	27
Ilustração 2 - Mapa das localizações urbanas e rurais do município Baturité onde ocorreram as entrevistas.....	28
Ilustração 3 - Fotografia do ateliê no quintal da casa onde ocorreu a primeira entrevista.....	44
Ilustração 4 - Fotografia da sala de estar da casa onde ocorreu a segunda entrevista..	45
Ilustração 5 - Fotografia do alpendre no quintal da casa onde ocorreu a terceira entrevista.	45
Ilustração 6 - Fotografia da cozinha da casa ornamentada pelo trabalho artístico do entrevistado	48
Ilustração 7 - Fotografia dos trabalhos de trabalhos pré-moldados em cimento e pinturas religiosas, máscaras e desenhos confeccionados no período da pandemia	50
Ilustração 8 - Fotografia do quadro retratado pelo artista Pacotiense Fábio, a partir da fotografia de sua mãe	63
Ilustração 9 - Fotografia da sala de estar com móveis da sacristia doado pelo pároco da Igreja Cristo Rei (representada no quadro acima do móvel).....	68
Ilustração 10 - Fotografia da sala de jantar ornamentada pela mãe e deixada do mesmo jeito <i>in memoriam</i>	74
Ilustração 11 - Fotografia do terraço em frente à casa, com exposição de artesanatos feitos no período da pandemia	88

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ALA+** - Associação LGBTQIA + de Acarape
- ANF** - Agência Nacional das Favelas
- ANTRA** - Associação Nacional das Travestis e Transexuais
- APA** - Área de Proteção Ambiental
- CREDE 8** - 8^a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
- CIEG - Dandara** - Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero Dandara
- GGB** - Grupo Gay da Bahia
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFCE** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
- ILGA** - Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais
- IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- LGBTQIAPN +** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, não-binários e mais
- NADS** - Núcleo de Apoio a Diversidade Sexual da União dos Estudantes do Maciço de Baturité/CE
- ONG** - Organização Não-governamental
- OHBA** - Organização dos Homossexuais de Baturité
- SEMACE** - Superintendência Estadual do Meio Ambiente
- UAB** - Universidade Aberta do Brasil
- UECE** - Universidade Estadual do Ceará
- UEMBA** - União dos Estudantes do Maciço de Baturité
- UNESP** - Universidade Estadual Paulista
- UNILAB** - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
- USP** - Universidade de São Paulo
- REUNI** - Programa de Apoio e Reestruturação das Universidades Federais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO - PRECARIZAÇÃO DOS CORPOS LGBTQIAPN +	22
1.1 Masculinidades Subordinadas: homossexuais, gays, bichas e viados no interior do Ceará.....	24
1.2 Constituição sócio histórica da cidade de Baturité/CE.....	28
2. CAPÍTULO - OS INTERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CAMPO DE PESQUISA	32
2.1 Demarcando espaços, rompendo invisibilidades: refletindo (re)existências político-culturais no contexto no maciço de Baturité/CE.....	39
3. CAPÍTULO - COTIDIANOS E AS VIVÊNCIAS DE SI COMO FONTES DE PESQUISA	43
3.1 Alexandre Sebastião: professor da educação infantil, artista e diretor de teatro.....	49
3.2 Glauber Marinho: professor de teatro e decorador artístico	65
3.3 De Assis Stênio Gomes: historiador, professor de baby class (ballet infantil), ator e coreógrafo.....	76
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
5. REFERÊNCIAS	96
6. APÊNDICES	101

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como escopo central a produção de fontes orais inéditas a partir das experiências de vida de homens gays na cidade de Baturité-CE. Homens gays, estes, que atuam em diferentes sociabilidades, sendo artistas, trabalhadores da educação e do circuito teatral e cultural do estado do Ceará.

Estudo parte das encruzilhadas da vida e do processo de formação acadêmica no curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e consubstancia-se no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da (UNILAB). Localizada na microrregião cearense do maciço de Baturité, a UNILAB se propõe a interiorizar/democratizar o acesso ao Ensino Superior. A presente pesquisa teve financiamento institucional da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG/UNILAB).

O objetivo é tecer reflexões sobre as experiências de homens-gays nascidos na década de 1970, em Baturité/CE, a partir de fontes inéditas. De acordo com Alves & Araújo (2013) [...] a abordagem thompsoniana da experiência histórica que contém uma apreensão dialético-materialista da práxis humana” (ALVES & ARAÚJO, 2013, p. 56). problematiza-se as experiências e trajetórias a partir do conceito de “fazer-se” Thompson (1987) que define como um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos do contexto familiar, educacional e cultural.

De modo que, objetiva-se compreender a precarização de corpos LGBTQIAPN +, a produção de fontes orais inéditas numa perspectiva interdisciplinar e a dimensionar e refletir experiências de homens gays na cidade de Baturité/CE. Assim, atravessadas pela perspectiva de gênero, sexualidade e seus desdobramentos, essas experiências no contexto da cidade de Baturité, no interior do Ceará, apresentam um potencial de análise para diferentes abordagens socioculturais de pesquisa.

O entrecruzamento entre fazer-se pesquisador e o contexto da pesquisa trouxe à tônica peculiaridades e problemáticas que atuam diretamente sobre os corpos de homens gays e seu processo de visibilidade e aceitabilidade. A partir dos espaços culturais e em seguida pela escolarização e profissionalização no ensino superior ou formação nos coletivos teatrais, dentro dessa estrutura social estabelecida a partir do padrão de masculinidade hegemônica garante-se a passabilidade.

Segundo De Pontes e Da Silva (2017, p. 403-404) afirma que, “a experiência da passabilidade como horizonte normativo acaba por definir e explicar valores aos corpos e, por conseguinte, aos próprios sujeitos, explicitando relações de hierarquia”. Desse modo ser homem gay cisgênero e com acesso a educação e profissionalização, dinamiza a Lgbtfobia que em outras nuances atinge de forma mais intensa os corpos negros e transgêneros, agravando-se quando interseccionada com as questões de classe social e a interiorização. Contudo as várias violências ainda são obstáculos nesse processo de fazer-se em nossa sociedade.

No caminho proposto por Portelli (1997), “O pesquisador de campo, entretanto, tem o objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida em um conjunto de informações menos tendenciosas”(PORTELLI, 1997, p. 09). Nesse sentido, o caráter qualitativo da pesquisa segue como procedimento metodológico, a história oral. Utiliza-se a história oral instrumental, enquanto técnica de apoio para as entrevistas de perguntas abertas e registro em suporte de áudio, assim, facilitando a narrativa livre de cada interlocutor, consequentemente a transcrição para o suporte textual, que produz assim o *documento*, enquanto fontes para as problematizações neste estudo.

A potencialidade dessa pesquisa insere-se numa perspectiva de engajamento e resistência política, ao demarcar território na produção de conhecimento dentro da academia eurocentrada e patriarcal. Desse modo, segue-se como ferramenta metodológica a história oral plena, mecanismo de elaboração e a análise das entrevistas valorizando saberes e experiências não-lineares, sobre esse processo Meihy (2017) afirma que:

Não se pensa, na passagem do oral para o escrito, em critérios de submissão de um código (oral) a outro (escrito). Reconhece-se que a sociedade capitalista com as feições que temos hoje foi montada sobre a tradição grafada e, assim, as narrativas colhidas em gravações se inscrevem nos pressupostos de registros validados pela cultura. Sem dúvida, a oralidade no mundo contemporâneo se relaciona de forma intensa com a escrita. No caso da história oral, é importante pensar nas virtudes de uso analítico possibilitadas pela escrita. (MEIHY, 2011, p. 21).

Enquanto firmamento político, as discussões teóricas estão centradas nos estudos de gênero, especificamente sobre histórias e vida de homens gays cisgêneros, conceito este que, segundo Bonassi (2017), “designa pessoas que se identificam única e exclusivamente com o sexo/gênero que lhes foi atribuído ao nascimento” (BONASSI,

2017, p.20). Este conceito corresponde, portanto, aos marcadores de orientação sexual e identidade de gênero dos sujeitos da pesquisa.

Nesse sentido, busca-se potencializar o debate sobre esse campo de estudos de gênero dentro das humanidades e nas pesquisas de cunho interdisciplinar. Dessa maneira, promover o rompimento entre o ideário de descredibilização sobre os estudos em história oral e o silenciamento relegado em muitos espaços acadêmicos aos estudos de gênero e sobre os diferentes corpos e grupos subalternizados como o próprio reconhecimento da cientificidade da história oral como metodologia de pesquisa e seus desafios para o século XXI, (ALBERTI; FERNANDES & FERREIRA, 2000).

Inicialmente é preciso apontar que, no contexto dos últimos 20 anos, com as crises causadas pelos avanços do neoliberalismo, e conseqüentemente, ante o desmonte das tímidas políticas públicas, principalmente para a população organizada pelas categorias LGBTQIAPN +¹, entre estas, um conjunto de políticas intersetoriais construídas com muita luta e resistência pelos diversos setores da sociedade civil, movimentos sociais e das organizações não-governamentais (ONG), foram extintas ou desarticuladas.

A democracia brasileira toma um fôlego com a derrota do bolsonarismo da Presidência da República, no sentido que as organizações começam a reorganizar as políticas na perspectiva do estado democrático de direito, sonhar agora é possível. Compreende-se que, mesmo diante da derrota do governo de extrema direita nas eleições de outubro de 2022 e da retomada de um governo dito progressista, há crítica às contradições apresentadas pelas alianças, formando um novo cenário ainda em consolidação, numa perspectiva de retomada de políticas, pautadas nas questões sociais em confluência no Brasil apresenta-se num cenário desafiador.

Diante disso, dados históricos dos levantamentos da ANTRA, apontam alarmantes índices de violência e assassinatos qualificados como “crimes de ódio” contra a população LGBTQIAPN +, se intensificaram neste período de comprometimento do estado democrático de direito, com elevados números da violência, principalmente contra a população composta por pessoas travestis e transexuais, as mais vitimadas historicamente. Nos últimos 14 anos, o Brasil ocupa o topo do ranking mundial de assassinatos contra a população LGBTQIAPN +, conforme

¹. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binárias e outras

o recente *Dossiê Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022*, publicado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), afirma que “os dados mudam enquanto o cenário é o mesmo” (BENEVIDES, BRUNA G., 2023).

A proposição deste estudo surgiu junto à minha militância política e experiência de vida no enfrentamento às discriminações e na luta pela emancipação e vivência plena das sexualidades e identidades de gênero comuns aos meus pares LGBTQIAPN +. Essas resistências promoveram uma sensibilização e a oportunidade de pensar a partir de algumas experiências no movimento estudantil secundarista na União dos/das Estudantes do Maciço de Baturité (UEMBA)² nas ações do Núcleo de Apoio à Diversidade Sexual da entidade (NADS), na Organização dos Homossexuais de Baturité (OHBA) e em outras organizações como o Núcleo de Política de Gênero e Sexualidade da UNILAB.

Neste novo momento, na universidade, houve a oportunidade de conhecer outras percepções de sujeitos e de identidades que resistem e revolucionam mudanças a partir de seus estilos de vida, dentro dos processos históricos em que estão inseridas/dos, subvertendo a heteronormatividade e o patriarcado, na luta pela efetivação direitos humanos de todes³.

Nesse ínterim, a pesquisa também parte da caminhada pelo Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidade (NPGS/Unilab), que passou a se chamar Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero Dandara (CIEG-Dandara) e pelo Grupo de Estudos Gênero e Sexualidade na História, oportunizando-me conhecimentos no contato com diferentes discussões teóricas e metodológicas, bem como me direcionando a cursar disciplinas específicas, a participar em eventos políticos e acadêmicos acerca das temáticas de gênero e sexualidades. Toda essa trajetória me possibilitou subsídios para a inserção na Pós-Graduação e na construção desse objeto de estudo, de modo a refletir especificamente sobre as experiências de homens gays (THOMPSON, 1987), o lugar social e os conflitos envolvidos nos processos de suas sociabilidades na região.

² União dos Estudantes do Maciço de Baturité, Disponível em: <http://escolaft.blogspot.com/2013/12/aqueles-encontros-dos-estudantes-belos.html?m=1> Acesso em: 20 nov. 2022,

³ O uso da escrita neutra com o pronome todes e outras inserções no texto corresponde ao debate inclusivo de pessoas não-binárias, que não se reconhecem dentro do padrão sexo/gênero socialmente hegemônico.

Utiliza-se da dimensão interdisciplinar da história oral na interface de outros saberes, ou seja, da memória como fonte histórica, a partir das reflexões apresentadas por Araújo e Franco (2020), ao afirmarem que:

O uso da memória como suporte histórico pressupõe o trabalho com uma técnica contemporânea de pesquisa, a história oral com a qual se é capaz de ouvir o oprimido, recuperar trajetórias de inúmeros grupos sociais dominados que, postos no esquecimento por uma historiografia elitista, nunca foram reconhecidos como personagens importantes do processo histórico, processo que vem se construindo não livres de embates intelectuais dentro da academia (ARAÚJO & FRANCO, 2020, p.14).

Desse modo, recorre-se à produção de fontes orais neste estudo, visando descortinar as dinâmicas de sociabilidade de homens gays e as suas experiências com as diferentes instituições, no campo familiar, escolar, comunitário, do trabalho etc., o que nos possibilita descrever e investigar suas relações sociais, de gênero e de classe, nos processos de construção das subjetividades e de seus corpos gays.

Considera-se que a realização deste trabalho sobre as memórias de si, de homens gays na cidade Baturité/CE, é bastante oportuna para a construção de conhecimentos a respeito de suas vidas para compreender e analisar, além de apresentar estas trajetórias, problematizando-as com a realidade social de seu contexto local. Em contraposição, aos avanços e problemáticas apresentadas pelo debate sobre cotidianos subalternizados e dissidentes ao sistema sexo\gênero, proposto por Butler em entrevista à Prins & Meijer, (2002), que afirma:

Pensar os corpos diferentemente me parece parte da luta conceitual e filosófica que o feminismo abraça, o que pode estar relacionado também a questões de sobrevivência. A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia. Eu me enfureço com as reivindicações ontológicas de que códigos de legitimidade constroem nossos corpos no mundo; então eu tento, quando posso usar minha imaginação em oposição a essa ideia. (PRINS & MEIJER, 2002, p. 175)

Tomando o conceito de abjeção dos corpos⁴, a partir dos efeitos políticos dessa abjeção o que difere do assujeitamento a partir da negação conforme Butler teorizando Foucault. Desse modo, pensar novos caminhos que se desdobraram no desenvolvimento

⁴ O sujeito se constitui através da força de exclusão e abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo do sujeito, um exterior abjeto que, depois de tudo, é interior ao sujeito como seu próprio repúdio fundamental. A formação de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do “sexo” e esta identificação se dá através de um repúdio que produz um campo de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir. BUTLER (1980, p. 20) apud BENTO (2021).

deste estudo, além das problemáticas enfrentadas pela pandemia da Covid-19, outras fissuras, tensões e conjunturas implicaram sobre o desenrolar dos trabalhos, principalmente no que se relaciona ao contexto sócio-histórico do pesquisador. Quem antes de tudo, é parte integrante do processo o qual se constitui como objeto de estudo, bem como as suas problemáticas que serão apresentadas.

Nesse sentido, dialogando com a noção de classe social que Halifax (1963) apresenta no prefácio do Livro *A formação da classe operária inglesa*, vol I, E. P. Thompson (1987), em que a relação de classe está intrinsecamente ligada ao conjunto de experiências na realidade concreta dos sujeitos, em que:

A noção de classe traz consigo a noção de relação histórica. Como qualquer outra relação é algo fluido que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura. A mais fina rede sociológica não consegue nos oferecer um exemplar puro de classe, como tão pouco um do amor ou da submissão. A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais. [...] A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou compartilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses os diferem (e geralmente se opõem) dos seus. (A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA, HALIFAX, 1963, THOMPSON, 1987, p. 9-10).

Nesse sentido, ao situar os sujeitos em contexto, entende-se que a questão de classe atua dentro da relação histórica na regulação do sistema de valores nesse modelo capitalista de sociedade, que por sua vez contribui, restringe e interfere na materialidade dos corpos e conseqüentemente, nas relações do gênero. Pois o gênero sempre é acionado como determinante das hierarquias de poder e colocado no plano de uma segunda ordem quando dissidente, no caso, ao sujeito lhe é atribuída uma condição de inferioridade se houver aspecto dissidente quanto ao seu gênero.

De modo que, o fazer-se desses homens gays está condicionado aos entrelaçamentos e intercruzamentos dos padrões vigentes da sociedade em que estão inseridos, corroborando ou inviabilizando os processos de constituição material de suas existências, onde poucos conseguem romper o fio na curva das estatísticas sociais e tem garantida sua inserção e aceitabilidade de suas existências dentro dos contextos sociais de trabalho e de outras possibilidades de ser.

Segundo Thompson (1978), o capitalismo age como determinante na vida prática quando as ausências de condições materiais de existência estão postas, de modo que, “A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerras de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus

sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado.” (THOMPSON, 1978, p.17).

Diante disso, podemos compreender que a diversidade sexual e de gênero dinamizam historicamente sobre a sociedade brasileira, a partir dos enfrentamentos políticos e teóricos contra as políticas de identidades heteronormativas, isso se deu primeiramente com a organização dos grupos de mulheres, depois, das pessoas LGBTQIAPN + a partir dos anos de 1960. Principalmente no debate sobre os antagonismos de classe e as relações de dominação dos homens sobre as mulheres, ou seja, problematizando outras perspectivas de construção e desconstrução de gênero, que se contrapõem a heteronormatividade compulsória constantemente reafirmada, tanto pelas religiões ocidentais quanto pelo Estado que é excludente e generificado em suas percepções binárias de masculino e feminino, que nega outras possibilidades de ser dentro da ordem recorrente do padrão heterossexual vigente em nossa sociedade.

Entretanto, entendemos que esses disciplinamentos estão imbricados na configuração identitária dos sujeitos no curso de suas vidas, pois as experiências ocorrem em diferentes ambientes de sociabilidade que se dinamizam em permanências e rupturas na formação das subjetividades e nos silenciamentos dos corpos e suas práticas e inter-relações nos espaços de sociabilidades, principalmente nos grupos culturais, cotidiano familiar e da escola.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram entrevistados três sujeitos, entre 45 e 60 anos. No levantamento inicial desta pesquisa, contam-se 13 sujeitos, entre 45 e 80 anos, mas o agravante da pandemia de Covid-19 inviabilizou as entrevistas programadas para o ano de 2020. Ou seja, todas foram realizadas em 2021. Elegeu-se como critério a proximidade à casa de acolhimento do pesquisador na cidade de Baturité, a partir do primeiro entrevistado, que é residente e domiciliado na zona rural do município e que, primeiramente, se propôs a colaborar com o estudo. Entretanto, outros percalços comprometeram o caminhar do desenvolvimento da redação final deste estudo, ocasionado por comprometimento motor em decorrência de um acidente com fratura no ombro esquerdo em meados de 2022 e as problemáticas decorrentes da negligência na gestão do sistema de saúde da região.

Dentre as metas finais dessa pesquisa estão, a produção de conhecimento, assim como colaborar para a elaboração de políticas voltadas para estes sujeitos,

promover o debate sobre corpos dissidentes, sobre direitos e a promoção desses direitos para pessoas LGBTQIAPN +, como também promover na academia cearense o debate sobre as questões de gênero e sexualidade dessa população, enquanto devolutiva política no papel que se propõe a universidade.

Dados sobre a população LGBTQIAPN + são escassos, tirando os levantamentos subnotificados das secretarias de segurança os casos de assassinato e violências são registrados a partir das entidades de base, como o Grupo Gay da Bahia (2018), o nordeste configura-se como a região do Brasil que mais mata essa população, “420 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil em 2018 vítimas da homofobia: Uma pequena redução de 6% em relação a 2017, quando se registraram 445 mortes número recorde” (GGB, 2018, p.1).

Somente nos últimos anos tivemos avanços nesse sentido com levantamentos a partir do poder público, como em novembro do ano de 2022, o levantamento lançado, feito em parceria com a Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade de São Paulo (USP), publicado na revista científica *Nature Scientific Reports*⁵ que apresenta dados sobre o quantitativo dessa população na sociedade, atestando que 12% da população adulta brasileira se declara como pessoas LGBTQIAPN +, dados correspondem a 19 milhões de pessoas de acordo com a estimativa populacional.

Esse avanço está na contramão do levantamento divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2019, um levantamento que tinha como referência a orientação sexual da população brasileira, mostrando que 1,8 milhão se declarava homossexual. Ou seja, tem atração por pessoas do mesmo sexo ou gênero. Entretanto, no estudo de 2022, há uma ampliação significativa dessa população, o que favorece dentro do debate de políticas públicas um potencial planejamento para investimento sobre as questões sociais que acometem esses sujeitos, trata-se de outra abordagem da sobre população LGBTQIAPN +, não relacionada diretamente a orientação sexual mas se "Você tem atração física, romântica e sexual por pessoas do

⁵ Estudo da UNESP e USP mostra levantamento sobre a população LGBT+ brasileira. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2022/11/brasil-tem-12-de-pessoas-lgbt-mostra-levantamento-cla045t81008k014uc10q17d3.html> Acesso em: 06 nov. 2022.

mesmo gênero que o seu?” seguindo critérios de amostra de pesquisas eleitorais no Brasil.

Perante o exposto, trabalha-se entre homossexualidade, masculinidade e corporeidade a partir do termo guarda-chuva gay, numa perspectiva de refletir sobre quais aspectos a cultura de nossa sociedade (in)visibiliza social e culturalmente a bicha e o homem gay, principalmente no contexto da cidade de Baturité/CE, pois a vida de sujeitos gays independente da dimensão geracional, de classe, raça\etnia, bem como suas as experiências de corpos dissidentes é arriscada, no interior do nordeste brasileiro segundo as estatísticas, tanto pelas desigualdades sociais como pela violência.

Em vista disso, considera-se uma maior expectativa de vida diante dos avanços da ciência e os aparatos tecnológicos da sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que esses aparatos são restritivamente escassos a determinadas classes sociais, ao que me parece os sujeitos LGBTQIAPN +, além da inadequada distribuição de renda e oportunidades de acesso pleno aos direitos fundamentais, afinal de contas esses sujeitos são invisibilizados pelos marcadores sociais do gênero e sexualidade, bem como os de classe. Usualmente, quando demarcado o rompimento com o ideário de heteronormatividade da sociedade, eles são marginalizados, silenciados e invisibilizados, fazendo com que as suas diferenças individuais sejam desconsideradas, sendo todos/as considerados/as homens e mulheres cisgêneros, sem delineamento sócio-político dentro das estatísticas dos organismos nacionais e internacionais, sistematicamente comprometendo as ações pontuais do Estado junto a esses segmentos.

Nesse sentido, a definição do grupo de entrevistados segue a perspectiva de tratar questões como classe, raça/etnia e geração no campo de suas experiências específicas, questões essas que correspondem à problemática da violência contra a população, de homens gays, pobres, negros, periféricos e idosos no que corresponde à invisibilização de seus corpos, considerando o enfrentamento a violência e a dignidade e aceitação desses corpos e suas realidades observáveis no campo.

No tocante às experiências como objeto de análise, seguimos o olhar conferido de Benjamin apud Nicolazzi (2004), que define,

(...) a condição primordial para a existência de uma humanidade redimida, a qual teria como legítima a tarefa de se apropriar totalmente de seu passado, não com o intuito de reconstruir suas ruínas, mas para afastá-lo em direção ao lugar que lhe é de direito, seria a invenção de uma experiência outra, capaz,

tanto quanto possível, de preencher tal lacuna. Nesta invenção, a escrita de história desempenha papel fundamental na medida em que a história constitui-se como “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”; daí a importância de se recuperar o trabalho artesanal, poético, de contar uma história, uma vez que a narração de uma experiência se constitui ela mesma numa experiência de narrar: “ela (a narrativa) mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Em outras palavras, é de modo histórico que experiências diversas se constituem, as quais são providas de um determinado sentido a partir do momento em que são inseridas em narrativas de histórias que têm por escopo definir seu conteúdo experiencial. (BENJAMIN apud NICOLAZZI, 2004, p. 5-6).

Desse modo, justifica-se a relevância social deste estudo, pela produção de fontes inéditas e por pautar questões de gênero e visibilidade num contexto interiorizado no Ceará, a fim de compreender os processos de interação social, dissociados dos grandes centros de poder a partir de outras óticas e especificidades sócio-históricas e culturais.

Dessa forma, problematizar interfaces de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa, num olhar sobre as dissidências à conduta hegemônica patriarcal nesse modelo de sociedade de classes, que historicamente foi reafirmado pelo retorno do “projeto civilizador cristão” das diversas entidades e confrarias religiosas presentes no município, atuando junto a saúde e mais fortemente na escolarização e doutrinação como a Ordem dos Jesuítas, Salesianos, Vicentinas, entre outras, isto é, constitui em parte o cenário cultural do contexto onde os interlocutores estão inseridos, na cidade de Baturité no interior do Ceará.

1. CAPÍTULO - PRECARIZAÇÃO DOS CORPOS LGBTQIAPN +

No Brasil, as desigualdades sociais junto à população, mais especificamente a LGBTQIAPN +, compõem um projeto político liberal e capitalista, o que se torna um agravante na precarização da existência da maioria dos sujeitos. As discriminações e as violências de gênero são marcadores de aniquilamento que historicamente atingem corpos de pessoas LGBTQIAPN +. Segundo Trevisan (2018):

A partir do final do século XX, o vácuo político-ideológico, a crise do capitalismo e a recrudescência dos credos religiosos institucionalizados criam terreno fértil para as execrações morais, insufladas por um milenarismo de olho no capital. E a homossexualidade foi alvo fácil de um novo fundamentalismo político-empresarial que a tornou bode expiatório da generalizada crise de esgotamento moral daqueles dias e, assim, uniu bancadas políticas dispares de evangélicos, ruralistas e católicos contra a “decadência moral”. Sobretudo após a derrocada do sistema político comunista, difundiram-se e se radicalizaram as regras de consumo nas sociedades de economia globalizada, tornando hegemônicas as leis de mercado no mundo todo (TREVISAN, 2018, p. 17-18, grifo do autor).

Perante o exposto, historicamente, as questões de gênero no Brasil estão ligadas às problemáticas de violência, criminalização e patologização dos corpos. Segundo o relatório de 2021 da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Interssexuais (ILGA)⁶, divulgado pela Agência Nacional das Favelas (ANF)⁷, o Brasil ocupa o primeiro lugar em número de homicídios de pessoas LGBTQIAPN + nas Américas e o primeiro lugar no mundo de assassinatos de pessoas Trans. No Nordeste, especificamente o Ceará e a Bahia estão entre os cinco estados do país mais violentos para essa população.

Da Mota (2009), apresenta que os ideários de desqualificação da sexualidades dissidentes, não obstante ocorre agravamentos quando se pensa na velhice, a partir da moral heterossexual e do estereótipo da bicha velha, no qual se enquadram os sujeitos que rompem com a performace da juventude e da beleza atribuída a juventude, adequada aos padrões de corpo cisheteronormativo conforme a ordem difundida pela mídia capitalista, que fetichiza os corpos e os desqualifica segundo a classe social:

Além disso, se por um lado a sexualidade na velhice se mostra pela

⁶ Sobre a ILGA, ver conteúdo disponível em: [Revisão Anual 2021 | ILGA-Europa \(ilga-europe.org\)](https://ilga-europe.org/) acesso em: 09 dez. 2021.

⁷ Sobre a notícia da Agência Nacional das Favelas, ver conteúdo disponível em: [Brasil é o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ no mundo - ANF - Agência de Notícias das Favelas](#) acesso em: 09 dez. 2021.

representação da ternura e carinho, por outro, no âmbito da homossexualidade, está crivada pelos estereótipos do tipo “bicha velha” ou “coroa assanhado”. Esta problemática contextualiza a análise simbólica sobre o corpo quando visto em seu processo etário, cronológico, rumo ao envelhecimento, como se o caminho da degeneração da aparência física excluísse o erotismo e a perda da atratividade. [...] Mas esse indivíduo ainda está sob o crivo da generalidade que não leva em conta as suas particularidades subjetivas e por que não dizer identitárias. Assim, mesmo nesta nova representação do idoso na vida social contemporânea tem-se uma conotação universalizante e generalizadora, determinada pela idade ou pela identidade social de aposentado circunscrito à moral heterossexual (DA MOTA, 2009, p. 27-28, grifo do autor).

Diante disso, soma-se outro conjunto de desigualdades sociais, como acesso à renda, educação, moradia e a segurança alimentar, entre outros fatores que comprometem a qualidade de vida de sujeitos LGBTQIAPN +, impossibilitando que cheguem ao que reconhecemos socialmente como cidadania plena, colocando-os como sujeitos abjetos. Apesar da falta de um levantamento oficial, a região do maciço de Baturité teve um número significativo de assassinatos por Lgbtfobia nos últimos 15 anos, amigos jovens e adultos, muitos deles com requinte de crueldade, caracterizados com o conceito de “crime de ódio”⁸.

Nesse sentido, foi lançada uma pesquisa⁹ no final do segundo semestre de 2021, pela Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para LGBT do Estado do Ceará, com o intuito de fazer um levantamento nas quatorze regiões do Estado, sobre as condições de vida dessa população no que contemple diversos fatores como habitação, etnia e raça, deficiência, educação, trabalho e renda, saúde, segurança pública, entre outros, e servirá de avaliação e para o planejamento de políticas públicas.

Assim, então, o Estado funciona como agente regulador desde a natalidade, higiene, trabalho, educação, longevidade e no que De Beauvoir (2014) vai chamar de “sistema sexo/gênero”, que atua sobre os corpos e suas experiências individuais e coletivas, como uma normatividade moral e natural. Butler (2000), conferindo uma maior complexidade a esse debate, afirma que:

A categoria “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório” [...] é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se

⁸ Sobre a caracterização de crime de ódio. Disponível em: <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/entenda-o-que-sao-crimes-de-odio-e-como-denunciar-praticas-na-defensoria-publica/#:~:text=S%C3%A3o%20crimes%20de%20%C3%B3dio%3A%20o,em%20ambiente%20hostil%20e%20turbulento>. Acesso em: 18 abr. 2023.

⁹ Sobre a pesquisa, ver conteúdo disponível em: [SPS lança Pesquisa Estadual sobre a população LGBT+ cearense - Governo do Estado do Ceará \(ceara.gov.br\)](https://www.ceara.gov.br/pt-br/secretaria-de-politicas-pubblicas-para-lgbt/psps-lanca-pesquisa-estadual-sobre-a-populacao-lgbt+-cearense-governo-do-estado-do-cesara) acesso em: 15/12/2021.

como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir [...] os corpos que controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório cuja a materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras “sexo” é uma construção ideal que é forçosamente materializado através do tempo (BUTLER, 2000, 111-112).

Nessa perspectiva, o sexo como gênero atua como dispositivo de um ideal regulatório dentro do “sistema sexo/gênero, tanto pela generificação do “sexo” e ou pela sexualização do “gênero” De Beauvoir (2014), sempre a partir das bases patriarcais e binárias de nossa sociedade, principalmente no contexto de construção da família nuclear burguesa, constituída nos meados do século XIX. Em vista disso, marcando os grandes embates sobre patologização e criminalização das sexualidades e das identidades de gênero, como a retirada parcial ou integral de direitos conquistados nas duas últimas décadas pelo debate do Programa Escola Sem Partido, ou seja, a duras penas evidenciadas por avanços e retrocessos para a população LGBTQIAPN +, que a conquista de direitos está numa linha tênue entre conquistas e perdas sociais pelas investidas das bancadas da Bala, Ruralista e da Bíblia no Congresso Nacional.

1.1 Masculinidades subordinadas - homossexuais, gays, bichas e viados no interior do Ceará

O século XX foi um palco promissor nas lutas pela desnaturalização da cisheteronormatividade pelos movimentos de mulheres, LGBTQIAPN + e outros segmentos sociais que atuam na resistência pela garantia do direito de viver em plenitude suas diferenças, ou seja, as questões de gênero, independentemente do contexto, são sempre um campo de disputas. Assim, a identidade de gênero, étnica e de sexualidades dissidentes constitui em marcador de exclusão, sendo constantemente alvo de restrições no cenário político-ideológico, isso compromete a plenitude dos sujeitos em exercer suas experiências de vida e constituir livremente suas subjetividades, enquanto direito. Diante disso, seguem lutando por um mundo mais plural e igualitário.

Em consideração a isso, Louro (2003) afirma que:

A inscrição dos gêneros feminino ou masculino nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades de sexualidade das formas de expressar os desejos e prazeres também são socialmente estabelecidas e codificadas. As

identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2003, p. 11).

Entretanto, as inscrições de gênero seguem designando os papéis sociais a partir de uma perspectiva biológica e universal, que molda e estabelece ideais de masculinidade e feminilidade correspondentes ao ideário burguês da sociedade brasileira, que é estruturalmente racista, machista e conservadora.

Sáez e Javier (2016) nos fazem pensar a esse respeito:

O cu, o ânus, o reto é um órgão sexual? A medicina nos dirá que não, que é uma parte do aparelho digestivo que não tem nenhuma função reprodutora, logo, não é um órgão sexual. E, como diz a Igreja Católica e os grupos homofóbicos, seu uso erótico é uma perversão, já que não tem uma função reprodutora. Bem, por essa mesma lógica, como assinala Freud, a boca, como é outra parte do aparelho digestivo (precisamente o extremo em relação ao ânus) tampouco deveria ser usada no jogo erótico: seu uso sexual, o beijo, é então também uma perversão. Na realidade, como sabemos, o cu sempre foi usado como órgão sexual para o sexo e é aí que o sistema dominante de sexo e gênero começa a estremecer. A lógica tradicional heterocentrada, com seu binarismo pênis (homem) - vagina (mulher), como modelo “natural”, o normal, o harmonioso, o que deve ser, vem abaixo quando entra em jogo um órgão que é comum a todos os sexos, e que não está, portanto, marcado pelo gênero masculino ou feminino (SÁEZ; JAVIER, 2016, p. 65, grifo do original).

Diante disso, esgrachar a linguagem sobre essa discussão, além de situar o debate, expõe o argumento central de criminalização e patologização das sexualidades como coloca em contexto as construções sócio-históricas de negação e massacre da população LGBTQIAPN + no Brasil e no mundo. Sáez e Javier afirmam que “Oitenta e cinco países perseguem a homossexualidade. A condenam com prisão, flagelação, internamento psiquiátrico ou campos de trabalho” (SÁEZ; JAVIER, 2016, p. 67).

Atualmente, no caso brasileiro, não existem em seu ordenamento jurídico ou psiquiátrico, ações que comprometam diretamente a dignidade humana de pessoas LGBTQIAPN +, mas, no contexto político, vêm ocorrendo diversas investidas, principalmente no último (des)governo bolsonarista com desmonte de políticas públicas consolidadas pela luta dos movimentos sociais, como também, o encorajamento e o agravamento dos crimes de Lgbtfobia no país.

Nesta configuração falocêntrica do território chamado de Nordeste e conseqüentemente, na construção do nordestino do começo do século XX, inscreveram-se marcas enraizadas de uma das regiões mais violentas do país. Dadas essas circunstâncias, Albuquerque Júnior (2013) afirma que:

Faltava à região o resgate de um modelo de masculinidade e virilidade que, no passado, teria garantido a predominância econômica e política desta área, no país. Era preciso resgatar o patriarcalismo, não apenas como modelo familiar e de relação entre os “sexos”, mas como ordem social. O Nordeste precisava de um novo homem capaz de resgatar esta virilidade, um homem capaz de reagir a esta feminização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização, a república haviam trazido. [...] Por isso, o nordestino vai ser construído como uma figura masculina, o nordestino vai ser definido como o macho por excelência, capaz de revirilizar uma região que precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150).

A construção desse ideário de masculinidade de macho por excelência, está atrelado aos processos de violência e discriminação em relação a outras construções de masculinidades subordinadas, como a figura da bicha e de outras variações de viado, baitola, fruta, freco, goiaba, mariquinha, frango, balde e qualira, todos como estereótipos de inferioridade e discriminação nos diferentes contextos do Nordeste. Essas expressões de gênero estão relacionadas à categoria, originalmente médico-psicológica da homossexualidade, funcionando como novas modulações, definidoras de existência subalterna dentro da complexidade do conceito guarda-chuva da homossexualidade. Para essa discussão sobre homossexualidade, Fry (1985) aborda:

Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é homossexualidade e que as idéias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades. Assim, queremos arrancar a homossexualidade do campo da psicologia e da medicina, que têm se apropriado do assunto crescentemente desde os meados do século XIX, para colocá-la no campo da cultura e da política no seu sentido mais amplo. (FRY, 1985, p. 10).

Assim posto, a cultura de violência corrobora como determinante de violências e assassinatos por Lgbtfofia na região Nordeste, em meio à cena dos discursos de ódio e tolerância, tanto no plano das políticas públicas como no cotidiano da população LGBTQIAPN +. Segundo Bola (2020), “existem vários mitos sobre a masculinidade e esses mitos são passados de geração em geração como verdades absolutas. [...] e qualquer garoto ou homem que por acaso não se encaixe nos estereótipos é virtualmente exilado do clã masculino” (BOLA, 2020, p. 17). Essa construção de masculinidade enquanto macho como um padrão de masculinidade, corresponde à estrutura de hierarquização sobre outras experiências dissidentes.

Segundo Peter Fry, especificamente o conceito de bicha refere-se:

Àqueles que se identificam com esse “tipo ideal” são chamados de “bichas mesmo”, “bichonas” ou “bichas depravadas”. As “verdadeiras bichas” se definem e são definidas com base no seu desempenho social e no seu suposto desempenho sexual. As “verdadeiras bichas” geralmente usam pseudônimos femininos chamados “nomes de tela” ou “nomes de guerra”. Elas se tratam a si mesmas e são tratadas pelos outros como se fossem mulheres por usar pronomes e adjetivos femininos. Elas reivindicam a preferência por relações sexuais com “homens verdadeiros”, os quais mantêm sua definição de “homem” verdadeiro por assumirem o papel de “introdutor” nas relações sexuais (Humphreys, 1970 apud FRY, 1982, p. 67, grifo do autor).

O conceito de bicha em suas modulações, é carregado de estigmas e preconceito, fator esse que ganha novas nuances a partir das bases patriarcais de nossa sociedade, conforme Tiburi (2018):

O patriarcado é um verdadeiro esquematismo do entendimento, um pensamento pronto, que nos é dado para que pensemos e orientemos a nossa ação de um determinado modo, sempre na direção do favorecimento dos homens brancos e de tudo o que sustenta seu poder (TIBURI, 2018, p. 19).

Para tanto, o sistema patriarcal, além de ser uma estrutura eurocentrada, vai organizar as bases do pensamento social, colocando a figura do homem branco, cristão e heterossexual como centro. De acordo com Albuquerque Júnior (2013) ocorre o declínio do patriarcalismo e suas permanências e rupturas dão sustentáculo à ascensão da família nuclear monogâmica burguesa em meados do século XIX. Esse novo modelo de família que se consolida enquanto ordem social vigente no século XX, é o grande fator de desumanização de outros corpos e das experiências de sexualidades dissidentes, especificamente nas identidades trans e não-binárias.

Tiburi, ainda afirma que, “o que chamo de “homem branco” é apenas uma metáfora do poder, do sujeito do privilégio, da figura autoritária alicerçada no acobertamento das relações que envolvem os aspectos gênero e raça, sexo e classe, idade e corporeidade”. (TIBURI, 2018, p. 19, grifo do original). Isso infere que, sobre corpos LGBTQIAPN +, incide a dominação interseccional que, segundo Akotirene (2019) “visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p.14).

Nesse sentido, o sujeito é colocado em condições subalternas a partir do acúmulo de diferentes aspectos de sua existência, no caso deste estudo, os homens, gays/bichas, pretos/pardos, pobres, trabalhadores assalariados, residentes no interior do estado do Ceará e em envelhecimento têm as suas vidas precarizadas pelo entrecruzamento desses sistemas de opressão.

Entretanto, essas questões serão tratadas no processo de análise das entrevistas no desenrolar deste estudo. De modo que estão relacionadas às questões familiares, a vida artística e profissional, assim como as residências são postas como um manancial de cultura, individual e coletiva.

1.2 Constituição sócio histórica da cidade de Baturité/CE

O município segue o perfil nacional de divulgação institucional de alusão a uma memória histórica oficial e heteronormativa (homens como representantes dos grandes feitos e referência de civilidade). Observa-se isso pelas informações do site oficial do município administrado pela prefeitura, que traz as seguintes informações gerais, a título de aporte sobre a memória desses grandes nomes, homens que constituem o imaginário de ser baturiteense:

Baturité é um município brasileiro do estado do Ceará. Localiza-se na microrregião do maciço de Baturité, mesorregião do Norte cearense. Sua população estimada no último censo é de 32.968 habitantes, o que representa cerca de 0,38% da população do estado do Ceará . Baturité é a terra natal de Franklin Távora, escritor do romantismo, autor de O Cabeleira; de Luiz Severiano Ribeiro, o fundador do Grupo Severiano Ribeiro. (Disponível em: <https://www.baturite.ce.gov.br/omunicipio.php>, Acesso 07 Out. 2022).

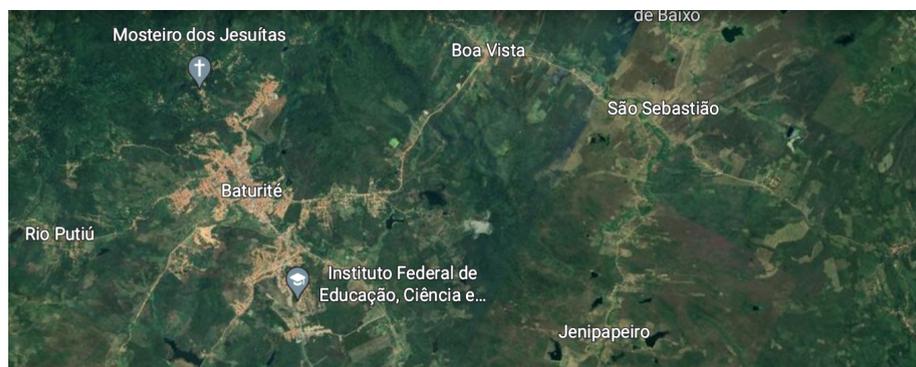
Desse modo, a conjuntura da formação histórica e institucional desde a missão jesuítica de 1755¹⁰, insere a região do Maciço de Baturité, como o país projeto heteronormativo civilizacional cristão, desde a conversão e o aniquilamento sociocultural e existencial dos povos originários, até os seus desdobramentos nos contextos atuais, a constituição da cidade de Baturité/CE, enquanto Unidade Administrativa da República Federativa do Brasil.

Seguindo os elementos que fortalecem esse imaginário, segue o Hino de Baturité¹¹, principalmente na segunda estrofe que diz, “Monte-mor, Baturité. Tua fê se fez memória. O teu povo te bem diz. E é feliz, por tua história!”. E na quarta estrofe, “Portugueses heróis na aventura”. Deste imenso País desbravar. Nos trouxeram com sua cultura. A saudade sem fim de além-mar!”. A narrativa está referendada pelo ideário colonialista, de mãos dadas com seu algoz, o cristianismo, apresentando uma

¹⁰ Formação do Maciço de Baturité. Disponível em: [IBGE | Cidades@ | Ceará | Baturité | História & Fotos](#) Acesso em: 10 Nov. 2022.

¹¹ Hino do município de Baturité. Letra por Geraldo José Campos e Melodia por Frei Wilson Fernandes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e9qxqmyN5KE> Acesso em: 15 Mar. 2023.

Ilustração 2: Mapa das localizações urbanas e rurais do município de Baturité onde ocorreram as entrevistas.



Fonte: Adaptação do Google Maps.

O município tem como referência histórico social seu clima, o patrimônio arquitetônico e outros atrativos, compondo o circuito turístico do estado, principalmente pela exuberância da Serra de Baturité, que abrange os municípios de Redenção, Aratuba, Mulungu, Palmácia, Pacoti, Guaramiranga e Baturité, protegida pela Lei Federal número 9,995/2000, que por sua vez, institui a Área de Proteção Ambiental da Serra de Baturité (APA)¹², palco de grandes investimentos em construção civil a partir da especulação imobiliária dos últimos 30 anos, sendo possível o desenvolvimento dessas atividades socioeconômicas, desde que licenciadas pela Superintendência Estadual do Meio Ambiente do Estado do Ceará (Semace), haja vista que impactam de modo significativo a flora, a fauna e as sociedades nesse contexto.

Nos últimos anos a região do maciço de Baturité vem ganhando outros contornos sociais a partir da expansão das universidades públicas na região pelo Programa de Apoio e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI)¹³, que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência de estudantes na educação, alinhado com a perspectiva de interiorização das universidades públicas, a fim de potencializar o desenvolvimento de diferentes regiões no país, como o Nordeste.

Essa política de expansão do ensino superior, assume contornos de realidade, a partir da implementação do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus de Baturité e Guaramiranga e pelos campi da Universidade da

¹² Área de Proteção Ambiental da Serra de Baturité. Disponível em: <https://www.semace.ce.gov.br/2010/12/08/apa-da-serra-de-baturite/#:~:text=Abrange%20uma%20%C3%A9rea%20de%2032.690,%20Pacoti%20Caridade%20e%20Reden%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15 Mar. 2023.

¹³ REUNI. Disponível em: <https://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni> Acesso em: 18 Mar. 2023.

Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) nos municípios de Redenção e Acarape, a partir do ano de 2010, bem como de outros campi, como o da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Pacoti, e o de diferentes pólos da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em outros municípios.

Nessa perspectiva, parte-se do pressuposto de que a educação para os sujeitos da pesquisa, como ampliação do acesso ao ensino superior a partir do século XXI, apresenta-se como a principal alternativa de sua inserção na sociedade contrariamente à marginalização de outras pessoas LGBTQIAPN +, como das classes mais pobres em geral, que não têm acesso à educação e a profissionalização para prover as condições materiais de existência alçada pelo trabalho dentro do modelo de sociedade capitalista vigente. Nesse sentido, os fatores de invisibilidade, violência social e pela pauperização, como a falta de acesso às políticas públicas que contribuem para as históricas desigualdades sociais.

Contudo, a ampliação de vagas e o aporte assistencial das universidades públicas junto às ações afirmativas de ingresso ao ensino superior, tem mudado a realidade das pessoas LGBTQIAPN + da região, na profissionalização para o mercado de trabalho, tido como principal fator de desenvolvimento pessoal frizado nos diálogos com os sujeitos da pesquisa. quanto na inserção e visibilidade social de uma pequena parcela dessa população, apesar da precarização da vida de uma maioria significativa que não teve acesso a educação de qualidade no percurso da vida, vulnerabilizando ainda mais outras experiências LGBTQIAPN +.

2. CAPÍTULO - OS INTERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CAMPO DE PESQUISA

O presente trabalho tem como objetivo tecer reflexões sobre as experiências de vida de homens-gays, tendo como fonte para nessa investigação as memórias desses sujeitos no contexto da cidade de Baturité no interior do Ceará. Considera-se que a realização deste trabalho sobre a produção de fontes orais a partir das histórias de homens gays na região do maciço de Baturité, é bastante oportuno para a construção de conhecimento situado na região, uma história de sujeitos dissidentes. De modo, a compreender e evidenciar os processos vivenciados por esses sujeitos, pois assim, poderemos trazer estas trajetórias e problematizá-las com a realidade social em contexto.

Metodologicamente, esta pesquisa utiliza-se da história oral, compondo o campo mais amplo da pesquisa qualitativa. Segundo Chizzotti “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2010, p. 79). Nesse sentido, recorreremos às memórias, utilizando o método de história temática como forma de saber a técnica de entrevista semi-estruturada para a abordagem sobre as experiências vividas.

Para Thompson (1992) “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação, admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (THOMPSON, 1992, p. 44). Diante disso, a escolha da temática e a articulação da pesquisa em trabalhar com a população LGBTQIAPN + se dão nessa perspectiva de construir conhecimento interiorizado, situado no contexto da região do Maciço de Baturité e a partir de experiências subalternas de homens gays pobres.

Nesse sentido, nos primeiros contatos com os interlocutores, a temática, os objetivos e os procedimentos foram apresentados e reafirmados, sempre na busca de estabelecer uma maior credibilidade e confiabilidade no estudo, ou seja, propõe ao pesquisador e aos colaboradores uma relação de igualdade e mutualidade nesse processo, rompendo qualquer relação estática ou dinâmica hierárquica. Diante disso, Portelli (1997) sugere que:

A entrevista de campo, não pode criar uma igualdade que não existe. A entrevista levanta em ambas as partes uma consciência da necessidade de mais igualdade a fim de alcançar maior abertura nas comunicações. Do mesmo modo que a hierarquia desigual de poder na sociedade cria barreiras entre os pesquisadores e o conhecimento que buscam, o poder será uma questão central levantada, implícita ou explicitamente, em cada novo encontro entre o pesquisador e o informante (PORTELLI, 1997, p. 10).

Para tanto, no levantamento inicial foi definido um conjunto de treze possíveis interlocutores. No entanto, o início das atividades do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades correspondeu com as restrições sanitárias decorrentes do agravamento da pandemia da Covid-19 (Sars-Cov-2), o que significou o reordenamento do cronograma e da agenda de contatos para as entrevistas, sendo de fato trabalhados apenas com três interlocutores.

Segundo Delgado, (2003),

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico (DELGADO, 2003, p. 19).

Nesse sentido, a produção de conhecimento no contexto da região do Maciço de Baturité toma novos contornos a partir de outros corpos e olhares sobre a realidade vivida, e nessa concepção que as narrativas de homens-gays são bases para este estudo.

Segundo Bosi, (1994),

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escola, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouvíamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito [...] a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida (BOSI, 1994, p. 39-47).

Neste ensejo, retoma-se no início do semestre de 2021 o contato com o primeiro interlocutor. A estratégia foi deliberada a partir da disponibilidade no restritivo isolamento social tanto do entrevistado como do pesquisador. Sobre as entrevistas, a

primeira foi agendada para o dia 26/03/2021, mas só foi realizada no dia 29/03/2021 em decorrência das fortes chuvas na região. Considerando a dificuldade no acesso, pois a localização da residência do entrevistado fica no distrito de Candeia São Sebastião, na zona rural do município. Para as demais entrevistas, seguimos com o isolamento social com intervalo de quinze dias, uma na sede e outra num bairro da periferia do município.

Diante disso, as escolhas dos demais interlocutores seguiram-se por indicação do primeiro e pela proximidade residencial, garantindo mais facilidade de acesso para as entrevistas. Assim, a segunda entrevista ocorreu na sede do município e a terceira no bairro da periferia, residência de acolhimento do pesquisador. Contudo, o contexto social ocasionado pela pandemia e as recomendações dos órgãos de controle sanitário foram vistos como impeditivo à continuidade da pesquisa, assim como outras intempestividades.

Como estratégia metodológica, as entrevistas foram iniciadas com uma pergunta aberta, “fale de sua vida enquanto homem gay e de sua experiência de vida”. No percurso de cada entrevista, algumas questões eram abordadas no intuito de aprofundar, sem interromper ou constranger. Primou-se pela garantia de uma narrativa livre, a fim de garantir a fluidez dos relatos orais. A escolha das residências foi sugestão dos interlocutores, o que gerou satisfação, no sentido de adentrar nas mesmas e conhecer os espaços, o contato deles com os objetos e outros artefatos que os conectam com suas lembranças do passado.

Bosi (1994), comenta ainda que:

A narração é uma forma artesanal de comunicação [...] o passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte [...] Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum de conversar o narrado que deve ser reproduzido [...] a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos [...] o narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experiências no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1994, p. 88-90).

Assim, ao final de cada entrevista gravada, houve a solicitação para o registro fotográfico dos espaços, pois em todas as casas havia uma disposição de magníficos artefatos, mobília, painéis, espaços destinados exclusivamente à memória familiar, obras de arte e outros adornos de produção artística particular. Diante disso,

enquanto primeiro desdobramento desta pesquisa, propõe-se a análise destas iconografias num trabalho futuro.

Para o registro fotográfico e coleta dos relatos orais, foi utilizada a câmera do aparelho celular de sistema operacional Android (SAMSUNG A10) e como suporte o aplicativo Voice Recorder, essa ferramenta tem função de gravador de voz de alta qualidade. Após a etapa de arquivamento, foi iniciado o trabalho de transcrição das entrevistas, que teve o auxílio de uma amiga Jardele Queiroz e seu companheiro Marcus Van Basten, estudante do curso de Antropologia da Unilab.

Seguindo o tratamento dado às fontes orais após o processo de transcrição, recorrem-se ao procedimento metodológico de textualização, trabalhado por Gattaz (1996):

Descrevo agora em termos práticos o processo da textualização, baseado em minha experiência na pesquisa de Mestrado, para a qual entrevistei onze imigrantes espanhóis. [...] As entrevistas foram conduzidas segundo os critérios da História Oral de Vida, sem questionário rígido ou perguntas diretamente indutivas, e tiveram a duração média de 60 minutos. A primeira etapa da textualização é a transcrição literal, que realizo logo após a entrevista, quando as palavras do depoente ainda estão frescas na lembrança. Esta transcrição deve ser completa e o mais rigorosa possível, registrando através de sinais gráficos a interrupção de palavras, frases ou parágrafos e outras características da entrevista. Após a transcrição literal, realizo a primeira textualização, onde as perguntas são incorporadas à fala do depoente e cada parágrafo é transcrito para ficar mais compreensível - este trabalho também é realizado junto com a escuta da fita (GATTAZ, p. 135-40, 1996)

Além de seguir esses procedimentos, visando garantir uma melhor qualidade das fontes orais, reafirmo que a história oral tem seu reconhecimento dentro da academia, ocupando um grande espaço a partir dos diversos grupos de estudo e centros de pesquisa, assim, pensando sobre seus limites e possibilidades, tomo as reflexões apresentadas por Joutard, sobre suas premissas iniciais e colocadas como segundo desafio que,

[...] é preciso saber respeitar três fidelidades à inspiração original: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades "indescritíveis", quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono.[...] A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. Já conhecemos o papel representado pela história oral

no desenvolvimento de uma verdadeira história das mulheres, [...] Não tenho preocupação quanto a este ponto: o lugar e a importância das mulheres no progresso da história oral representam uma garantia. Mas, há, ainda, o mundo operário e o camponês - e o dos emigrantes. [...] dar a palavra - amplamente - aos analfabetos e ao mundo da pobreza extrema: todos os que tiveram esta experiência conhecem a qualidade de certos diálogos, a justeza do tom e a riqueza dos testemunhos. Há, porém, além desses, o mundo dos deficientes, das crianças; tudo que é humano é nosso, e é preciso fazer recuar as fronteiras (JOUTARD, 2000, p. 33).

Nessa perspectiva, recorre-se às experiências vividas para constituir fontes orais, especificamente sobre as histórias de homens gays cisgênero, e compreender suas dinâmicas de sociabilidade e outras experiências de si e com as diferentes instituições de poder no campo familiar, escolar, comunitário e que possibilitaram a partir da cultura e do contexto social em que estão inseridos, a construção de suas subjetividades.

Na relação com os sujeitos da pesquisa nessa imersão no campo de estudo, ocorre um entrelaçamento de experiências pessoais com as histórias de vida compartilhadas. Assim, cunham-se nossas representações como homens gays. Essa identificação abrange grande parte dos referenciais dispostos nessas experiências de vida, colocando-se como principais eixos de análise e desenvolvimento neste estudo. Percebe-se isso da relação entre os campos de atuação e os espaços de sociabilidade que estão intimamente ligados, onde ser artista e trabalhador da educação no envolvimento nas atividades artísticas e culturais no município, a partir dos grupos folclóricos e companhias teatrais, é a zona de conforto dos interlocutores.

Entretanto, problemáticas como identidade de gênero, orientação sexual, são centrais nesta pesquisa. Assim, ao acionarmos os estudos de gênero e com a metodologia de história oral como prática reflexiva interdisciplinar, justamente a ferramenta metodológica da história oral, como temática em foco, atravessamos o caminho entre escrita acadêmica e criação de realidades outras. Além disso, sem deixar de reconhecer o conceito de gênero enquanto polissêmico, o apreenderemos no tocante às análises sobre a estrutura patriarcal e outras corporeidades dissidentes a ordem cisheteronormativa, marcando politicamente essa escrita como engajada.

A dimensão geracional por sua vez é compreendida como processo de envelhecimento, historicamente existem diferentes normativas e perspectivas sociais sobre o marco do envelhecimento nas diversas sociedades. O sujeito velho ou será desumanizado ou visto como extraordinário. Pensando o geracional damos conta de que

sujeitos LGBTQIAPN + seguem uma desumanização pelo afastamento da juventude, como é o caso dos interlocutores. A esse respeito Beauvoir (2018) afirma que,

Até certo tempo, essa condição do velho é simétrica à da criança, com a qual o adulto também não estabelece reciprocidade. Não é por acaso que é tão comum se falar, nas famílias, da criança “extraordinária para sua idade” e também o velho “extraordinário para sua idade”: o extraordinário é que, sendo ainda homens, ou não sendo mais homens, eles tenham condutas humanas. [...] A ideia de reciprocidade é insuficiente para definir positivamente a relação entre adulto e os idosos. Ela depende da relação entre filhos e pais, e sobretudo já que vivemos num mundo masculino e a velhice é, antes de tudo, um problema masculino da relação que os filhos mantêm com o pai, através da mãe (BEAUVOIR, 2018, p. 228)

Nesse sentido, as experiências narradas pelos sujeitos e suas problemáticas estão como pontos de análise neste estudo, versando sobre a dinâmica do cotidiano familiar, dos conflitos diante do pertencimento identitário e sobre os cuidados com os pais idosos como parte importante das experiências familiares apresentadas pelos interlocutores, o de cuidado com os pais. Conceituando memória individual e coletiva, Halbwachs apud Bosi afirma que,

[...]cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas; pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado (HALBWACHS apud BOSI, 1994, p. 413,).

A experiência de imersão no campo de pesquisa é marcada pelo convite a adentrar a casa pertencente à família a várias gerações, onde os filhos que “ ganharam o mundo” retornam e assumem a responsabilidade pelo lar e seus residentes. Um lugar singular nesse percurso. Do barracão no meio do quintal, onde me ofereceram uma rede para deitar, do alpendre onde recebi um tamborete pra sentar e da cadeira na mesa da cozinha, sempre percorrendo até o interior da casa, o mais íntimo dos espaços, espaços onde a confiabilidade foi consolidada e ali começamos nossos diálogos.

Compreendendo a casa como lugar de memórias, desde uma sala decorada com diversas fotografias e pinturas na parede *in memoriam* da irmã. *In memoriam*, o quarto da mãe permanece intacto, com os mesmos lençóis, perfume e ornamentos.

Como lembrança a partir de uma fotografia, uma pintura da mãe ainda jovem, encomendada a um pintor da região e disposta na entrada da casa como um abre alas. A casa da família apresenta-se como espaço memorialista pelos sujeitos. BOSI potencializa esse espaço quando diz,

De onde vem, ao grupo familiar, tal força de coesão? Em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado. Um homem pode mudar de país; se brasileiro, naturaliza-se finlandês; se leigo, pode tornar-se padre; se solteiro, torna-se casado; se filho, torna-se pai; se patrão, torna-se criado. Mas o vínculo que o ata à sua família é irreversível: será sempre o filho da Antônia, o João do Pedro, o “meu Francisco” para a mãe. Apesar dessa fixidez de destino nas relações de parentesco, não há lugar onde a personalidade tenha maior relevo. Se, como dizem, a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa (BOSI, 1994, p. 425)

O espaço familiar é marcado pelas idas e vindas narradas desde a escolarização, trabalho, amores, a sexualidade e o retorno aos lares dos familiares. Compreende-se a existência de uma mutualidade, no qual os sujeitos vivenciaram e vivenciam as relações entre experiências e a velhice dos pais. Isso alterou as questões relacionadas ao cotidiano familiar, as experiências de discriminação e exclusão na juventude, declinando os conflitos e mágoas para tomar outras dimensões, a do cuidado, retorno, aceitação e continuidade, pontos a serem aprofundados pelas histórias de vida.

Seguindo as ideias de Pocahy em que,

Compreendo a idade como categoria política, histórica e contingente, assim como o são o gênero, a classe social, a sexualidade ou a ‘raça’. Mas não é de forma isolada, pois o marcador etário e geracional dificilmente pode ser pensado sem essas intersecções. O que significa dizer que a idade organiza a vida ao conferir “status” de humanidade em diferentes formas e condições político-culturais, no mesmo instante em que o gênero e a sexualidade se tornam visíveis e possíveis nessa trama discursiva (ao fixar as possibilidades para cada idade da vida). (POCAHY, 2011, p. 20-21, grifo do original)

Nesse contexto, pretende-se analisar problemáticas a partir do debate dos direitos humanos, desigualdades sociais e da luta por direitos articulados pelos movimentos sociais, isto é, por uma sociedade mais inclusiva e menos desigual. Tais perspectivas, operam subvertendo a ordem dessa humanidade que é restritivamente dada ao padrão de família burguesa, branca e cristã. De modo que as lutas contra as injustiças sociais potencializaram as grandes resistências nos diversos contextos e nos

diferentes movimentos sociais até os dias de hoje, como nas individualidades e coletividades não engajadas nas lutas organizadas.

A escolha dos nomes fictícios apresentados no texto da dissertação segue o construto e homenagem *in memoriam* aos amigos Glauber, De Assis e Alexandro, sujeitos e histórias que se somam as referências de lugares onde os interlocutores da pesquisa residem, essa alternativa marca a construção relacional entre sujeitos, lugares e histórias de vida de pessoas que tiveram suas vidas ceifadas pela violência, vítimas de Lgbtfobia como os lugares que marcaram as histórias de vida desses baturiteenses. Este estudo é *In memoriam* a outros amigos, como a travesti Michelly e o Novinho do Mondego violentamente assassinados.

2.1 Demarcando espaços, rompendo invisibilidades: refletindo (re)existências político-culturais no contexto do maciço de Baturité/CE.

Tecendo reflexões sobre a formação interdisciplinar nessa trajetória, o conceito de amefricanidade Gonzales (1988), no contexto de formação profissional na Unilab, dimensiona o entendimento sobre a estrutura das relações de poder sobre os corpos situados na América Latina, mais especificamente no maciço de Baturité. Alinhando essas reflexões aos debates histórico-culturais a partir dos diferentes segmentos sociais que demandam por acesso a políticas públicas e demandas específicas de ações afirmativas, enquanto oportunidades de humanização, compreende-se o quanto a educação foi o subterfúgio de aceitação e visibilidade pelos sujeitos da pesquisa.

Nas encruzilhadas que o contexto da escola e a universidade nos possibilita, enquanto territórios mobilizadores de conhecimento, os compreendemos como espaços de resistência contra a toxicidade e o ordenamento hierárquico hegemônico desses espaços para as sexualidades dissidentes. Ao situar-se nesse contexto, assume-se como desafio refletir a partir da categoria político-cultural de amefricanidade Gonzales (1988), para uma tomada de consciência histórica e de classe na atuação enquanto pesquisador. Desse modo, vem se consolidando entre tensões e disputas político ideológicas, como espaço democrático que é, para a produção de conhecimento. A Lei de criação da Unilab de nº 12.289 de 20 de julho de 2010, apresenta seu objetivo, que institui:

Art. 2º A Unilab terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão

universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. (LEI 12.289/2010, p. 08).

Ao instituir seu objetivo geral, a Lei de criação da Unilab dispõe sobre articulações entre diferentes países e culturas e seus comprometimentos no campo do desenvolvimento e do intercâmbio cultural, científico e educacional. O projeto Unilab constitui-se do acúmulo de debates políticos e sociais dentro do movimento negro brasileiro, academia e outras frentes de luta e compromissos internacionais, como a própria criação do conceito de Lusofonia, acionado dentro da geopolítica para instituir e aprofundar experiências bilaterais entre a chamada Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa, (CPLP)¹⁴ e outras entidades, organismos internacionais e comunidades de caráter internacional.

Considero que outras dimensões da realidade sócio-histórica sejam importantes para o desenvolvimento deste trabalho, partindo da constituição imaginário e conceitual de unidade e ou universalizante do conceito de lusofonia, enquanto discurso que se propõe a abrandar o braço forçoso de implementação do colonialismo a Igreja Católica, com a imposição da língua para a consolidação da exploração capitalista. Nesse sentido, deve-se ponderar outras perspectivas não-brancas e de valorização a partir de outras matrizes não ocidentais e civilizatórias nesse processo, alinhada aos diferentes debates e disputas teórico-metodológicas dentro da Unilab.

Sobre Lusofonia, Lança (2008) afirma que:

A lusofonia poderá ser o conjunto de identidades culturais existentes em países, regiões, estados ou cidades em que as populações falam predominantemente língua portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor-Leste e diversas pessoas e comunidades em todo o mundo. [...] Essa delimitação imaginária será geográfica, de poder, de identidade, de descrição comum, mas é, antes de mais, um projeto, uma construção artificial, como são todas as fronteiras, nações e conjunto de nações (LANÇA, 2008).

¹⁴ A ideia de criação de uma comunidade de países e povos que partilham a Língua Portuguesa – nações irmanadas por uma herança histórica, pelo idioma comum e por uma visão compartilhada do desenvolvimento e da democracia – foi sonhada por muitos ao longo dos tempos. [...] A 17 de Julho de 1996, em Lisboa, realizou-se a Cimeira de Chefes de Estado e de Governo que marcou a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), entidade reunindo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Seis anos mais tarde, em 20 de maio de 2002, com a conquista de sua independência, Timor-Leste tornou-se o oitavo país membro da Comunidade. Disponível em: <https://www.cplp.org/> Acesso em: 24 Jan. 2023.

Entretanto, há de se convir que os portugueses estão no lugar comum de dominação e que a língua portuguesa perpetua no campo das colonialidades, opressões e silenciamentos contra as populações situadas no Sul global. Lança (2008) afirma que a língua portuguesa “era suporte do Império e hoje é o suporte da lusofonia no que concede possibilidade de universalismo”. Para reforçar esta partilha há que promovê-la, o que não tem mal nenhum, se não se partisse do princípio de que cabe aos portugueses o controle da língua portuguesa” (LANÇA, 2008).

Desse modo, a língua enquanto mecanismo de assimilação e dominação, ou seja, aliada às missões implementadas pelas diferentes congregações do cristianismo, subjuguou populações inteiras ou mesmo dizimou de seus territórios experiências comunais de sociedade, as quais foram violentamente apagadas por meio do etnocídio¹⁵. A respeito da compreensão dessas dimensões históricas sobre a ocupação do que se conhece por América Latina, nos diz Quijano (2010, p. 73) que:

Com a constituição da América (latina), no mesmo momento e no mesmo movimento históricos, o emergente poder capitalista torna-se mundial, os seus centros hegemônicos localizam-se nas zonas situadas sobre o Atlântico, que depois se identificarão como Europa e como eixos centrais do seu novo padrão de dominação estabeleceram-se também a colonialidade e a modernidade (QUIJANO, 2010, p.73).

Entende-se que a partir de compreensões como essa de Quijano (2010) que define outros territórios em potencial de ocupação e dominação cultural e exploração territorial e dos povos, Lélia González (1988) cunha o conceito de amefricanidade e situa-o na formação histórica do Brasil, que:

Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórica do Brasil que por razões do inconsciente são exclusivamente européias, brancas. Ao contrário, ela é uma América Africana cuja a latinidade, por inexistente, teve trocado o ‘t’ pelo ‘d’ para aí sim, ter seu nome assumido por todas as letras: Améfrica ladina(não por acaso que a neurose cultural brasileira tem no seu racismo o seu sintoma por excelência (GONZÁLEZ, 1988, p. 69).

¹⁵ A origem do termo é a combinação de *genos* (palavra de origem grega que significa raça ou tribo) e de *cídio* (vem do latim *cidium* e significa matar). Além disso, Lemkin ressalta que além da palavra genocídio, outro equivalente a ser usado é o termo etnocídio, combinação das palavras de origem grega *ethnos* que significa povo ou nação e *cídio*, de origem latina. Disponível em: https://www.politize.com.br/etnocidio/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=etnocidio
Acesso em: 23 Jan 2023.

O conceito de amefricanidade é abrangente e se propõe combativo para reflexões e aprofundamento do debate sobre as relações étnico-raciais, principalmente no contexto da Unilab, que se constitui a partir do debate sobre a dívida histórica com os povos escravizados e seus processos de extermínio dos povos indígenas a partir dos encontros colonialistas do século XV, que na verdade prosseguem até o tempo presente, mostra a intensidade do ideário racista situado principalmente na experiência latinoamericana, assim, refletindo com González (1988) sobre os exercícios de democracias, problematiza-se que:

[...] a afirmação, todos são iguais perante a lei, assume um caráter formalista em nossas sociedades. O racismo latino americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento vinculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e valores do ocidente branco são únicos, verdadeiros e universais (GONZÁLEZ, 1988, p.73).

A perspectiva abordada por Lélia González (1988), imprime que entre o discurso e a prática, seja no campo das políticas públicas de acesso à Educação, Assistência Social e Saúde como exemplo de políticas de maior impacto sobre as populações que vivem em condições de vulnerabilidade social, sejam elas consideradas pelas estatísticas governamentais, populações majoritariamente pertencentes aos grupos de povos e comunidades tradicionais. Formado principalmente pela população preta/parda e pobre, categorias de reconhecimento da população brasileira implementadas nas pesquisas de cunho populacional pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ampliando a compreensão de racismo para além das relações étnico-raciais para racismo de gênero e classe social enquanto modulações de violência institucional.

Com relação a nossa herança histórico-cultural, os fatores que implicam na subalternidade dos sujeitos e que se propõe ao diálogo Sul-Sul no projeto Unilab, dialoga com as reflexões que Lança (2008) vai chamar de “herança da história trágico-marítima”, quando afirma que:

A herança da história trágico-marítima foi transformada em discursos sobre ‘pontes’ e laços culturais, depois de uma vez se terem criado pontes aéreas para fugir da insustentabilidade de uma situação ideológica que eram as colônias. E toda essa partilha que se pretende efetiva atualmente, é também ela ideologicamente questionável, com interesses e práticas que insistem nos mesmos termos dados do jogo. É preciso auto-reflexibilidade para estancar a reprodução dos mitos do antigamente (LANÇA, 2008).

Tais reflexões sobre “herança da história trágico-marítima” estão diretamente ligadas às práticas culturais, modos de fazer e resistências e ao projeto civilizador cristão, presente na região pelas “missões dos índios”, abrangendo o campo das relações étnico-raciais, de gênero, de espiritualidade/religiões e de experiências comunais de sociabilidades, que afligem as populações, tencionando práticas de violência e silenciamentos nos territórios.

No Brasil, existem 28 Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), essa categoria política tem o reconhecimento das suas especificidades, além dos povos indígenas, são listados 27 povos e comunidades tradicionais no Brasil: Andirobeiras; Apanhadores de Sempre-vivas; Caatingueiros; Catadores de Mangaba; Quilombolas, Extrativistas, Ribeirinhos, Caiçaras, Ciganos, Povos de terreiros, Cipozeiros, Castanheiras; Faxinalenses; Fundo e Fecho de Pasto entre outros, que para o acesso diferenciado às políticas públicas pelo estado brasileiro, asseguradas pelo Decreto nº 6040, mas permanecem em constante resistência, como os casos de ocupação irregular nos territórios indígenas por madeireiros, garimpeiros e grileiros na Amazônia legal, por exemplo.

Segundo Benjamin (1940), apud Lowy (2011), considerar os fatores de formação sócio-histórica dos povos é um dever, nesse sentido propõe a reflexão sobre:

Escovar a história a contrapelo é recusar toda identificação com os heróis oficiais do V centenário, os conquistadores espanhóis, os poderosos europeus que levaram a religião, a cultura e a civilização aos índios “selvagens”. Em consequência, é preciso considerar cada monumento da cultura colonial – a catedral do México, o palácio de Cortez em Cuernavaca – como um documento da barbárie, um produto da guerra, da exterminação, de uma opressão impiedosa (BENJAMIN, 1940 apud LOWY, 2011, p. 26).

Portanto, reconhecendo que essas especificidades foram constituídas no campo do debate das políticas públicas, busca-se a reparação histórica numa luta constante e muita resistência. Assim, trazendo os territórios tradicionais e sua relação com o processo de colonização para o centro do debate, do conceito de amefricanidade implica, segundo González (1988), um algo “Para além de seu caráter puramente geográfico, incorpora todo o processo histórico de intensa dinâmica cultural [...] que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a jamaica e o Akan seu modelo dominante, o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon.” Diante disso, os processos de resistência constituíram a formação desses povos que lutam por sua

soberania, sensibilizando pesquisadores para abordagens teórico metodológicas anti/racistas, anti-sexistas, anti-misóginas e ant-Lgbtfóbicas.

Neste debate, Quijano (2010) afirma que:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir das Américas. (QUIJANO, 2010, p. 73).

Considero oportuna a desconstrução das colonialidades, refletindo sobre a permanência e as rupturas dos processos de colonização nos diferentes contextos e trânsitos diaspóricos no atlântico Sul. As modulações da colonialidade do saber, do ser e do poder com base na amefricanidade de Lélia González (1988) dispõe sobre a luta política e principalmente epistemológica no enfrentamento ao racismo, tomando como base o desmantelamento das estruturas de hierarquização racial, cultural e de classe que se opõe à superioridade branca ocidental em todas as dimensões da existência.

Conclui-se que, a formação interdisciplinar proposta pela Unilab impacta significativamente na qualificação profissional de seus estudantes, mesmo compreendendo que seu projeto de consolidação seja historicamente um campo de disputas políticas e epistemológicas.

Assim, compreender essas dimensões do racismo e suas modulações diante dos diferentes grupos de mulheres, negros e negras, indígenas, quilombolas, pessoas LGBTQIAPN + e outras populações, é parte importante no processo de formação profissional. Diante disso, amplia-se a percepção dos discentes sobre os corpos/sujeitos que experienciam suas problemáticas relativas às desigualdades sociais tanto no contexto brasileiro como nos diferentes países parceiros no continente africano. Portanto, possibilitando horizontes importantes para as análises nesta experiência.

Portanto, a desmistificação e a desnaturalização dessas categorias históricas que colocam a maior parte da população latino americana em condições de subalternidade e exploração capitalista, abrem margem para outros debates sobre relações étnico-raciais a partir de outras modulações e pertencimentos interseccionais que rompem com os ideários racistas, patriarcais alinhados à perspectiva de superação da pobreza e outros problemas sociais.

3. CAPÍTULO - OS COTIDIANOS E AS VIVÊNCIAS DE SI.

Neste capítulo apresento as narrativas colhidas em nossos encontros. As histórias de vida socializadas, carregadas de um conjunto de situações experienciadas com seus pares nos diferentes contextos de interação social como os terreiros de casa, as estradas vicinais, na praça da estação etc., como as suas angústias, projetos acabados e inacabados no transcurso da vida cotidiana e familiar.

Encontra-se nesses relatos um forte clamor das lembranças da juventude e a superação de problemáticas, antes eram duras e dolorosas que em outro tempo da vida são colocadas de lado para a vivência de novas experiências familiares como o cuidado com os pais, ou mesmo a aceitação que outrora o distanciou do seio familiar.

No que concerne a “memória oral”, Ecléa Bosi (2003) afirma que,

A memória oral é um instrumento precioso se desejarmos construir uma crônica do cotidiano. Mas ela sempre corre o risco de cair numa “ideologização” da história do cotidiano, como se ela fosse o avesso oculto da história política econômica hegemônica. Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (BOSI, 2003, p. 15).

Essas percepções reafirmam o interesse pela história oral, no sentido de que ela nos permite a construção de novos conhecimentos a partir de fontes inéditas e incluir perspectivas de outros sujeitos históricos, como os sujeitos da pesquisa pertencentes à população LGBTQIAPN +. Nesta perspectiva, Ecléa Bosi (2003, p. 16) afirma que “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas aos subentendidos”. Portanto, essas possibilidades são possíveis em densidade, principalmente pelos caminhos estabelecidos nessa trajetória de pesquisa, a história oral.

Neste sentido, dialogando com a memória individual e coletiva familiar, colhe-se as memórias dos sujeitos entre 40 e 60 anos que superaram as estatísticas e passaram o que reconhecemos socialmente enquanto vida, a juventude, Marilena Chauí (1994), apresentando o Livro Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos de Ecléa Bosi, assim comenta:

A função social do velho é lembrar e aconselhar – memini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos...a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa [...] Destruindo os suportes da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros [...] Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos [...] Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças [...] lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição. (BOSI, 1994. p. 18, 19, 20).

Nessa assertiva que a obra de Bosi (1994) quando se posiciona que, “a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos”. Dialoga diretamente com a proposição deste estudo, que se desdobra da necessidade de que outras narrativas e histórias se perpetuem no campo do conhecimento científico e possibilite reflexões valiosas sobre a vida dos sujeitos aqui apresentados.

Do mesmo modo, cada depoimento é um mergulho no íntimo das experiências vividas, a passo que no interior dos lares podemos vislumbrar o quão cuidadoso e memorialístico foi sua constituição. O canto da fé, da lembrança do ente querido que se foi, a disposição dos artefatos artísticos de produção particular e outras obras adquiridas como presente ou encontradas a partir do refugio de outros sujeitos que acabaram compondo a ornamentação desses espaços.

Ilustração 3 - Fotografia do ateliê no quintal da casa onde ocorreu a primeira entrevista.



Fonte: Arquivos da pesquisa.

Os ambientes de recepção para as entrevistas são sempre os espaços de produção artística, podemos chamar de ateliês, dispostos sempre ao fundo da casa, no galpão, no alpendre, na cozinha, espaços de sociabilidade, criação artesanal, estudo e cuidado. Esses espaços davam para observar sua mãe no alpendre se balançando na rede, sair da cozinha e subir a escada e encontrá-la e sentar-lá na sua cadeira de preferência que ainda continua lá, enquanto trabalhava em algo e conversavam no alpendre da cozinha.

Ilustração 4 - Fotografia da sala de estar da casa onde ocorreu a segunda entrevista.



Fonte: Arquivos da pesquisa.

No que concerne a memórias essas transmitidas pela narrativa oral coletada e experienciadas pela observância e interação com o campo nos momentos em que pude estar dentro dos lares. Desse modo, apresento as narrativas colhidas neste capítulo para que além de partilhar as análises e problematizações desenvolvidas no decorrer deste estudo os leitores tenham acesso às fontes produzidas nessa caminhada.

Ilustração 5 - Fotografia do alpendre no quintal da casa onde ocorreu a terceira entrevista.



Fonte: Arquivos da pesquisa.

Dentro desta perspectiva, a socialização dessa dissertação de mestrado neste capítulo enfatiza o caminho metodológico seguido com o referencial teórico trabalhado, fase de coleta das entrevistas e outras complementações, ao passo dessa labuta de escrita acadêmica e da experiência como pesquisador tenha se dado a partir de alguns comprometimentos para o seu desenvolvimento em tempo hábil, sendo necessária a prorrogação de prazo em decorrência de questões estruturais como pobreza, e adoecimento na reta final do trabalho após um acidente de trânsito.

Assim, mergulhando pela abordagem metodológica traçada, o leitor (a) poderá construir suas questões, entendimentos e incluir no seu imaginário outras referências de ser sujeito no mundo, corroborando com o debate sobre outras abordagens e perspectivas de sociabilidade. Esse trabalho que, desde já, se faz na coletividade de experiências empíricas e teóricas, experienciando o pensar em outros objetos de estudo em história oral.

No que concerne o momento das entrevistas, seguimos as reflexões de Franco (2004) ao passo que,

Indagações, dentre várias outras que se debatem e urgem por respostas e que expõe-se aqui de forma não pronta, tendo em vista estar-se em pleno processo de interpretação da subjetividade humana, ou seja, o que aqui transcreve-se são versões dos sujeitos selecionados para a pesquisa. [...] O momento das entrevistas foi cercado de pura magia e beleza, os depoimentos, as gravações, a transcrição apenas apontam a verdadeira catarse em ebulição no momento das falas, que não eram apenas falas, eram gestos, expressões faciais, mão inquietas, trêmulas, suadas e frias, lágrimas, sorrisos e silêncios, onde a subjetividade e a

emoção ocupam o lugar da objetividade e da razão. (FRANCO, 2004, P. 72-75).

Igualmente, esperamos que os interlocutores possam, ao passo em que suas narrativas são construídas e apresentadas, agregar informação e contribuições ao conhecimento sobre experiências desses baturiteenses, e no relacional processo de transcrição e textualização, construirmos uma história oral esses homens gays que motivados pelo projeto colaboraram com esse estudo. Possibilitando que a sociedade tome conhecimento dessas histórias de vida como foi trabalhado por Ecléa Bosi em sua obra “Memória e sociedade: lembranças de velhos”. Dessa forma, possibilitando uma maior compreensão e proximidade com as experiências desses homens gays e seus cotidianos sociais e familiares na cidade de Baturité.

A identificação dos sujeitos da pesquisa pelos nomes fictícios, segue o critério de referência *in memoriam* de amigos LGBTQIAPN + que foram brutalmente assassinados nos últimos 15 anos em Baturité, e os sobrenomes com referência aos nomes dos lugares onde residem os sujeitos depoentes, ou seja, nossos nomes, lugares onde vivenciamos e nossas atuações profissionais compõem nossa construção de identidade como representa as dinâmicas de enfrentamento cotidiano em nossa formação enquanto sujeitos.

3.1 Alexandro Sebastião, professor da educação infantil, artista e diretor de teatro.

Eu passei vinte anos trabalhando na ONG - Associação de Promoção Social Feminina Carente – Filiada a Cristian Child Fund, e a gente tinha contato muito cedo com essa questão da sexualidade das crianças e dos jovens, só que como era um trabalho social não era voltado especificamente para a questão sexual, a gente percebia que tinha algumas famílias que já tinham esses conflitos, mas só que na ONG eu trabalhava e não entrava diretamente nesses assuntos.

Trabalhei na ONG durante vinte (20) anos, e fui estudando, fiz faculdade de pedagogia, fiz psicologia infantil. Depois desses vinte anos eu quis sair da ONG para assumir o concurso público que eu tinha feito e tinha sido chamado.

Ficava pensando que eu tinha terminado a faculdade, mas não tinha exercido minha função específica que era professor de sala de aula.

Fico pensando se eu não tivesse estudado pedagogia o que estaria fazendo hoje. Eu acho que eu nasci pra ser professor mesmo com todos esses conflitos que tem na rede municipal.

Mas é isso mesmo que eu sei e gosto de fazer, e acho que até me aposentar em relação ao trabalho vai ser isso. Também tinha vontade de fazer outra faculdade que fosse algo voltado pra área da arte, história da arte, artes cênicas, mas é um pouco difícil pensar nisso agora, já to pensando em me aposentar e só faria outra faculdade se fosse em relação a essas áreas.

Em relação a esses conflitos sobre sexualidade, na formação, na infância e da parte da família e da comunidade, pois é, todos os meus amigos gays eles contam que tiveram esse conflito familiar da questão sexual, mas eu nunca tive, nunca passei por isso não. Eu não sei se é por que eu desde de muito cedo trabalho, eu tinha treze pra quatorze anos quando terminei a oitava série que na época em oitenta e sete (1987) era o primeiro grau e de todos os cinco irmãos só quem estudou foi eu, só quem terminou de estudar e fez faculdade foi eu.

Por que para os outros, era “o que dava pra fazer”, e minha mãe me botou pra morar com a tia lá em Baturité, pra terminar a oitava série, terminei aí passei uns três a quatro anos até fazer o científico, aquela parte do segundo grau que chamava assim. Fiz o científico já depois que o município começou a assumir essa responsabilidade de levar os alunos pra estudar na cidade de Baturité, porque ninguém tinha transporte e aqui não tinha o científico, foi aí que eles começaram a ter essa responsabilidade e eu consegui terminar o segundo grau.

Ilustração 6 - Fotografia da cozinha ornamentada pelo trabalho artístico do entrevistado.



Fonte: Arquivos da pesquisa de campo.

Nesse tempo todinho eu já trabalhava nessa ONG de carteira assinada, já tinha vinte anos, mas o resto do trabalho foi voluntário desde os doze a treze anos eu já fazia trabalhos assim. E como essa questão financeira pesa muito em família, a gente sabe que pesa, todos meus irmão quando ficavam maiores e podiam pegar serviço e minhas irmãs, todas foram criadas fora, por que minha família não dava conta, “vai trabalhar fora”, “vai se virar”, e também lembro que com meus dois irmãos foi assim, ficou maior de idade “chute pra rua”, vai se virar.

Eu muito quietinho em casa, já trabalhava, já ganhava algum dinheiro, nunca nem precisei falar disso, chegar assim e conversar “mãe, eu sou gay”, acho que eles foram, ela foi percebendo aos poucos e por essa questão social e financeira de ajudar em casa, eu acho que isso já contribuiu muito, por que como aconteceu com meus irmão ela não ia me mandar trabalhar fora se eu já era uma ajuda pra família, isso facilitou muito, nunca tive nem que contar “ ah vou contar, vou contar” e todas as vezes que eu já fui namorar eu me juntei, umas quatro vezes, assim de namorar fixo e minha família sempre conheceu meus namorados e eles conviviam normalmente dentro da família, todo mundo chegava aí percebia quem era, mas nunca teve essa indagação não “meu filho você é gay?”, não, nunca.

Morro de rir da história de um amigo em comum. Era um almoço de domingo e ele foi inventar de contar nesse almoço, menino foi todo mundo se levantando da mesa, mãe dele se levantando, o pai dele fez aquele escândalo, as irmãs e os irmão. Eu disse, “menino, pra que isso? Pra que esse evento?”. Toda vida que a gente

tá junto conversando a gente ri dessa história, meu “fii”, isso é coisa de novela, ele morre de rir.

Eu digo que eu não passei por esse processo, não precisei, e hoje com quarenta e sete, eu digo que minha vida afetiva, sexual pra mim já deu, se eu tiver que tá com alguém pra mim fazer um café eu já não quero mais, já não tenho paciência. Meu ex, faz tempo que eu não falo, babou. Íamos voltando, um relacionamento desse, direto nesse fuxico, eu acho que foi por conta da idade, por que ele sempre foi mais novo do que eu, tivemos filhos, os cachorros, e pronto. Acho que ele ficou instável, na vida dele financeira, sabe que ele é tatuador agora, ajudei até onde eu pude. Mas assim hoje em dia pra mim tenho mais paciência não de começar um relacionamento e nem sinto falta.

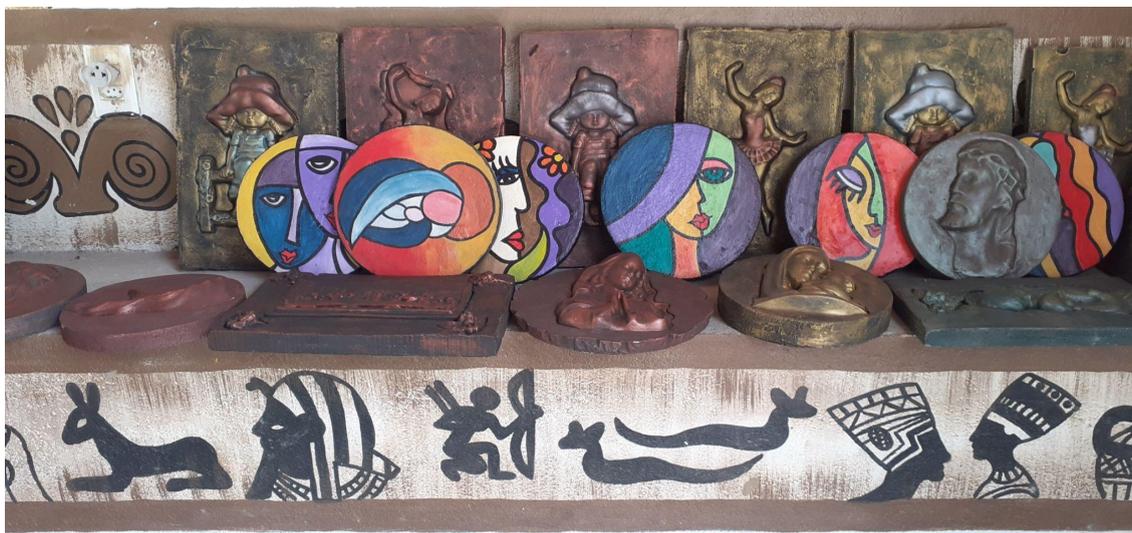
Eu acho que eu vivo tão ocupado no meu mundo interno, recentemente eu conheci um menino, é muito engraçado essa história, ele disse que estamos namorando no telefone, nas redes sociais tem gente que é assim e vivi relacionamentos sérios, a internet deixa as pessoas unidas, mas sozinhas, encontrei com ele uma vez só, então, ele se sente comprometido. Tem esse rapaz na internet que ele pensa que tem um namorado e que sou eu, mas ele fala eu respondo, ele já veio em Baturité e eu já fui ver ele duas vezes, só que um detalhe, ele é frade e vive num convento e eu não gosto, menino eu não quero mais um problema pra minha vida não, já dessa história de religião, quando pende pra esse lado de religião, quando eu vejo esse pessoal de igreja pra mim já incomoda, eu não sei como que chama esse preconceito, é um preconceito? Talvez.

Por que eu não me assento em nenhuma religião, a que eu acho mais condizente é a religião espírita, mas por mim mesmo não frequento nada não, gosto de ir lá no Vale do Amanhecer, acho tudo legal lá, mas também nunca mais fui. Já fui nas festas do Terreiro do Pai Ricardo, fui várias, mas não me aceito em nenhuma não, aí já estou aqui pensando que quando for no mês de junho ou julho ele vai querer vir, aí nós vamos terminar.

A pessoa tem crise de ansiedade, ele tem, a pessoa estuda e não dá conta, tem dia que a pessoa tá super chateada por que o professor indagou ele muitas coisas e ele não soube responder as questões, menino eu não quero mais isso pra minha vida não, mais um problema, já basta os meus. Eu fico conversando com a Ângela, eu converso muito com ela, por que ela estudou psicologia, às vezes eu pego o telefone e a

gente passa horas conversando “mulher quando ele inventar de vir de novo nós vamos terminar por que ...”. e outra, as minhas obrigações.

Ilustração 7 - Fotografia dos trabalhos de pré moldados em cimento e pinturas religiosas, máscaras e desenhos confeccionados no período da pandemia.



Fonte: Arquivos da pesquisa de campo.

O meu dia a dia, os meus horários é corrido, o dia todinho com a mãe e tem hora pra acordar, pra dar remédio, pra merendar, pra almoçar e começa tudo de novo, remédio e merenda, jantar e merenda da noite aí vai. Tem dia que meia noite eu to exausto, pedindo a Deus pra dormir e queria que a noite fosse mais do que é, em tempo, pra passar mais tempo, por que a rotina é desse jeito aqui em casa. Sabe que minha irmã mais velha morreu faz quatro anos.

A minha mãe não se dá com a outra filha, eram as duas irmãs e o resto eram os meninos, que eram meus irmãos, e ela não se dá, de meio e meio minuto brigando, elas não conseguem nem conversar, aí não tem outra filha mulher e pra quem que sobrou? Pra gay, que vive em casa.

A minha irmã diz, ela vai lhe matar do jeito que matou minha irmã, porque minha irmã, ela era gordinha e cheia de problemas, quando ela morreu, passou três dias doente e morreu. foi tudo duma vez, ela disse rapaz a mãe vai lhe matar como ela fez com nossa irmã, minha irmã não tem papa na língua não, ela é horrível, aí eu disse mulher e eu tenho opção? Eu posso deixar ela aí mais quem? Eu não ia morrer condenado "deixou sua mãe, abandonou sua mãe...", mas isso porque aqui em casa nós todos fomos criados assim, todos muito secos, nós não temos esse apego, assim, o pai, a

gente era muito próximo do pai, o pai era uma pessoa muito próximo de nós, muito amigo, o pai só batia em nós quando ela mandava, os meninos iam crescendo e iam saindo pra se virar no mundo, ela criou nós assim, nós não temos esse afinco de filho com mãe e pai, e nem nunca teve, aí eu digo pra ela “minha filha tenho opção não, minha vida vai ser essa daqui”.

Bom de vender tudo isso aqui, vir pra Fortaleza, eu disse mulher a minha casa eu já comprei, tá comprada com dois andar lá no cemitério, o túmulo que vou mandar fazer pra família, vai daqui pra lá, não mais pra onde ir não, eles, a mãe mais o pai, moraram quase dez (10) anos em Fortaleza, no tempo que morei em Baturité nunca pensei em ir, nunca, primeiro que não tinha esse afinco de família pra tá morando junto, e quando a gente é mais jovem a gente pensa que ser livre é morar só, ter liberdade é morar só, e como eu trabalho aqui nunca nem pensei em ir, e agora muito menos, essa tranquilidade aqui meu filho em canto nenhum tem, e eu adoro morar aqui,

Valha, meu dia é tão corrido que quando eu dou fé já é hora de ir dormir. Eu fico muito ocupado, eu disse Lima, a minha sorte é a arte, se eu não tivesse uma arte, se eu não me interesse com a arte nessa pandemia eu tinha pirado, por que o meu tempo que tenho, fico aqui fazendo minhas coisas, pintando, cuidando das plantas, é assim, e não sinto falta mais de nada e muito menos de namorado.

A mãe aí ó, não vai tomar uma água, eu sempre disse que tinha medo de morrer afogado por que não gosto de dar água ao povo, aí é direto me dê uma aguinha, aí vou buscar. Mais hoje se tiver alguém pra eu ir buscar água e fazer café eu não quero mais, quero trabalho não, de ir pro banheiro e pedir uma toalha nam, nem quero incomodar quem tenha que eu incomode a ponto de a pessoa ir ou então eu ter que fazer, não quero mais não.

Eu tenho um sobrinho que é filho do meu irmão mais velho, e ele é muito machista, daqueles machista véi homofóbico, ele é horrível, toda vez que ele vinha pra cá, traz mulher diferente, uma delas eu vi ele batendo nela, eu fiquei horrorizado, eu morro de medo de ficar dependente de alguém e quem vá cuidar de mim seja ele, pelo amor de deus me mate, ou então eu faço uma eutanásia, eu não quero.

Minha sobrinha diz assim, o tio não quer mais ninguém não, vai mais namorar não, eu disse que isso não quer dizer nada, eu não estou dizendo isso, eu posso sim ter alguém, um dia sair pra beber e ter uma farra, mas, cada um no seu canto, e acho que nem no zap eu vou querer falar depois, porque, pra ta me incomodando, eu fico

extremamente incomodado com esse novo, por que final de semana diz assim “eu posso te ligar?”, no final de semana é que tem a obrigação de ligar? De falar no telefone? E eu nem gosto de falar, e agora com a cara enfiada no celular dando aula, pior ainda.

Eu já fui levar o documento para sindicato fazer a inscrição da ampliação e da prefeitura, minha amiga dizendo que a carteira de trabalho tudo agora é online “você baixa um aplicativo” aí eu disse “mulher eu não sou desse mundo”, eu estou cada dia mais pra trás por que esse monte de internet e a prefeitura, o prefeito disse que quer que sejamos a melhor educação do Brasil, ele é muito visionário, quer que a gente vá dar aula no google Meet que você tem que tá o tempo todo online com eles ali interagindo e tudo, eu disse “a meu deus eu tô sabendo nem mais usar o zap e quanto mais entrar nisso” ...

Por que a questão do município é que você fique ocupado as suas quatro (4) horas de trabalho, a questão do município é essa, não se preocupa se você tá o dia todim com a cara socada no celular dando aula usando seu telefone sua internet, por que eles não têm tecnologia nenhuma, você tem que se virar, ainda bem que eles não inventaram de não pagar o povo, porque se..., por que não custa nada eles dizerem que vão reduzir o salário por que o povo não está trabalhando.

Minha sobrinha, “tio eu não acredito não”, eu conversando com um amigo, eu disse assim “bicha tu já pendurou as chuteiras?”, ele não recebe ninguém na casa dele, se um boy tiver lá é por que tá escondido, o boy não quer que ninguém saiba que ele namora, mas todo mundo olha pra cara do bicho sabe que ele é viado, mas ele não quer, eu mesmo já andei na casa e não entrei por que o boy tava lá, pra ninguém ver, pra ninguém ver que o boy lá, eu disse “valha meu deus, quero mais isso não”.

A pessoa, como tu já me conhece, é altamente enjoado no último grau, e quando está envelhecendo parece que vai piorando. A mãe do meu ex mora ai em frente, sabe essa mulher, eu falo, faz tempo que ela é uma péssima vizinha, esse muro aqui foi construído aqui na frente da casa por causa dela, lá na frente tinha uma cruz e a cruz foi colocada aqui do lado de cá do muro, tem uma cruz não sei se tu percebeu, era uma cruz dos meus bisavós, já há mais de cem anos, nos dias de finados se rezava terço e tudo, e por causa dessa mulher da frente teve maior confusão, por que ela começou a tomar de conta ali da beirada da estrada, chutava as velas, arrancava as plantas da cruz, aí tu sabe mexeu comigo, rodei baiana, rodei saia, derrubei barraca, deu até justiça, fomos até pra

polícia, a gente tinha um pé de castanhola que a gente se sentava lá do outro lado, isso tudo que o pai conservou a vida toda.

E essa casa da frente era nossa e o pai vendeu a eles, só que eles moravam em fortaleza o pai e mãe, eu nunca imaginei que nós íamos voltar pra cá e quando voltamos ganhamos esses vizinhos, aí que saber duma coisa? Arrancamos o pé de castanha, arrancamos a cruz, e passamos o muro aí na frente, por que eles aí na frente moram no alpendre da casa deles, não é dentro de casa não é no alpendre, toda hora que se saia aí fora..., e a porta do meu quarto era na porta do meio da rua, toda hora a gente ficava vendo eles do alpendre, ela tirava os pelos do sovaco aí na frente, no alpendre, pra tu ver como ela é, ela cuidava da mãe dela, e ela jogava fraudas geriátricas ali na cruz, deixa lixo no pé da cruz, bicha era muita coisa, não aguentei não, até que um dia eu fui lá e botei o lixo todo pra estrada e ela não foi pra cima de mim, não veio dar em cima de mim..., aí bicha não prestou não.

Nessa pandemia eu não estranhei nada por que eu já vivia nisso, só que com a diferença que eu passava o dia quase o dia fora, saía de manhã pra trabalhar e de tarde pra outra escola, só que com a pandemia eu fiquei mais em casa e a responsabilidade da casa foi pesando mais pra mim, por que estou em casa, hoje eu tô lavando roupa, tô fazendo o almoço, vou limpar a casa, é o dia assim, aí meu irmão o outro irmão que é o que se preocupa mais com a mãe disse “fi”..., meu filho não tenho opção, ele diz que tem que ter uma pessoa pra cuidar da mãe, como a mãe é mulher mesmo eu sendo gay não tem essas coisas de estar banhando a mãe, eu não sei, não é de mim, por mais que seja a mãe não tem, eu não consigo imaginar eu, eu a mãe nua e eu dando banho na mãe, consigo não, eu não sei se isso vem da sexualidade, não sei, só sei que não tenho afinidade nenhuma com isso.

Meu irmão diz que tem que ter uma pessoa pra cuidar da mãe, mas aqui na comunidade é difícil, tem essa menina que mata um parente todo dia e falta mais do que vem, quando é no final do mês, tava dizendo pra ele, a gente paga oitocentos reais pra que? Desperdiçando os oitocentos reais por que a menina falta mais do que vem, eu lavo mais as roupas do que a menina, eu limpo mais a casa do que a menina, ela vem e faz um almoço e vai embora meio dia por que tem um parente doente e não sei o que, não dá certo, e como a mãe tá assim, a mãe fica dizendo as besteiras e a pessoa não releva sabe, aí fica nisso.

Eu dizendo pra ele, meu filho daqui uns dias quando a mãe não poder mais se mobilizar sozinha você vai levar a mãe pra ai, vai pegar as duas aposentadorias dela, que é a de morte pelo pai e a dela de serviço, e vai pagar uma cuidadora, pra ela ficar ai por que eu aqui não tenho como, e aqui a pessoa quando é de interior morre à míngua, tudo que você for fazer se não tiver planejado, se não for comprado pra trazer você não tem, aqui não tem uma buodega criatura, aqui a buodega é lá na ruinha lá acolá, a minha irmã uma vez “fi, vamos fazer um bolo”, tem que ir atrás das coisas pra comprar se não tiver, tá entendendo? Ah acabou o alho, hoje a comida vai ser sem alho, por que não tem como, e quem mora em interior ou em sítio é assim, se a gente vai fazer o mercantil do mês tem que planejar tudo, vamos fazer o que nesse mês todinho? vamos fazer um bolo? Vamos fazer isso? Compra tudo e trás, não tem como. Eu disse ao meu irmão, meu filho não tem aqui alguém pra cuidar de idoso, não tem. Ai meu filho mosquito, tu não tá sentindo não?

Esse meu amigo que foi pra Austrália, ele fez faculdade, ele falou sobre o que meu deus, acho que foi sobre sexualidade também, aí na época eu também conversei com ele, e aí ele tem os trechos, tu acredita que ele nunca me deu essa monografia pra mim ler, e ele dizia “eu vou te dar” e nunca me deu, e eu disse “menino me dá que eu participei” e nem me deu.

Quando eu trabalhava na ONG, era um cargo que nem existe mais, era monitor de correspondência, eu era responsável de cuidar da correspondência entre as crianças e os padrinhos, por que todas as crianças que eram inscritas nessa ONG tinham um padrinho estrangeiro, e eu via muito essa questão da sexualidade nas correspondências, que muitas vezes eram barradas pelo fundo cristão por que, por exemplo, tinha um que tinha a letra linda muito linda tipo como “os outros dizem que é letra de mulher”, povo tem isso né que letra tem sexo, letra de mulher, a letra do menino era muito era linda, e a gente fazia uns bloco de cartas muito bonito, com umas bordas, sabe que eu sempre fui penso pra arte, e a arte gay queridinha é babado tu sabe ne, e tinha umas bordas que tinham uns moldes vazados de flor eram as coisas mais lindas os blocos, eu comprava os blocos e dias e dias que eu passava a semana inteira fazendo bloco de carta, e eu fui do tempo de escrever papelzinho de carta viu filho, comprava não, eu fazia os meus, e xerocava e ficava lindo, e eu tenho uns ali que eu escrevi pra minha irmã, antes de ontem eu tava olhando, ai eu via muito essas questões nas cartas.

Um dia voltaram uma carta por que "esta letra não é letra de menino", gente como assim, como é que você identifica qual a letra de menino? Eu sou menino e tenho a letra linda, a minha letra inferior lá, por que quando eu corrigia as cartas dos meninos eu tinha que deixa a letra igual a carta que eu tava corrigindo, a letra da carta, aí a minha letra foi feiando por que fui imitando a letra de todo mundo, aí "esta letra não é letra de menino" e eu disse como assim? Letra tem sexo? Como é que vocês identificam isso? E o que vocês dizem da minha letra, por exemplo? Eu não sou o monitor de correspondência? Ou vocês não conhecem a minha letra? Sabe essas questões eu ficava assim passado, como assim gente, como é que pode? Aí essas cartas voltavam e diziam "menino escreve aí com a letra feia", por que não querem tua letra bonita, ou então escreva com letra de forma, que letra de forma é mais parecida, todas são iguais.

Aí vinha essas questões, e quando andava, e eu fazia visita as famílias, que via que a primeira coisa era que as famílias diziam assim, os meninos eram, pensa assim, pra ser gay aí dizia assim "esse menino não presta", "esse menino não quer prestar", eu sempre tinha esse ar assim, por que que a senhora diz isso? Que esse menino não quer prestar? "esse menino só quer brincar com menina, esse menino só quer saber de brinquedo de menina" aí a gente vê essas questões, mas a ONG não tinham um trabalho muito voltado pra isso, pra você ver essas questões, pra você abordar essas questões, as questões da ONG eram a sobrevivência da família, se a família podia sobreviver, se podiam ficar bem, se podiam precisar deles pra uma ajuda na casa, se a criança podia estudar, se a criança podia ter um tratamento de dente ou um tratamento oftalmológico, eram essas questões, mas questões humanas e sobre afetividade eram poucas, e eu como era do ONG ficava assim, eu observava por que eu meio que conhecia essas questões de perto e ficava observando, mas não tinha muita intervenção sobre isso.

E quando eu fui estudar com a minha tia e passei o ano de oitenta e sete todinho ali naquele Putiú, o pior ano da minha vida porque eu tava no auge da minha descoberta, e como é que uma pessoa que era daqui, do sítio sempre foi do sítio do interior ir pra uma cidade, porque Baturité era uma cidade grande, quando a gente é pequeno e uma cidade ali Baturité e a gente daqui, era uma cidade grande. Depois que a gente tá lá e se acostuma, cidade grande agora é fortaleza, você vai pra fortaleza depois que tá lá grande é Rio de Janeiro, São Paulo e depois de lá cidade grande é o mundo e assim vai.

Fui daqui do sítio e passei o ano de oitenta e sete todo, eu chorava todos os dias pra vir embora, mas não podia por que a mãe tinha dito pra mim ficar lá pra estudar, minha tia ruim que só o cão, já percebendo que eu era gay, ela já tinha dois (2) filhos e dizia assim pro meu primo “não vão sair vocês dois sozinhos não”, muito besta ela né, que dizer, sempre a gente percebia que as pessoas percebiam, mas que não se dirigiam diretamente, tinha aquele desvio e eu como sempre fui muito nojento, sempre fui driblando isso muito bem, já não tava mais nem aí, e eu morei muito tempo aqui no interior com minha madrinha de batismo, que é essa casa ali na frente, por que a minha mãe viu que já podia fazer alguma coisa em casa “vá ajudar sua madrinha”, mas também pela questão financeira, por que eu estando lá já era uma ajuda pra família, eu vivia lá.

Quando eu fui morar no Baturité, minha madrinha dizia assim “quando chegar lá você não vai escrever com letra bonita não”, ou seja, com letra de mulher ela dizia, e meus cadernos meu filho, eram lindos com capa com flores e tudo, naquele trequinho da peça Greve (A greve das sinhazinhas) os cadernos eram tudo enfeitado, aquela parte ali era da minha vida mesmo, tu lembra o João Paulo fazia tão bem essa parte da peça da Greve, os cadernos eram enfeitados tinham florzinhas desenhados era eu aquilo ali.

Aí sempre teve essas questões que as pessoas iam percebendo mas eu fui convivendo muito bem e é tanto que eu não cheguei nem ao ponto de ter que fazer nem um almoço pra contar não, nunca precisei não, sempre fui muito resolvido da minha cabeça, e assim foi. E assim, a minha mãe se dava muito bem com todos os meus namorados, ela às vezes vinha, quando a gente morava em fortaleza ela vinha, se dava muito bem. menino ela se dava muito bem com eles.

A velhos tempos aquele Espaço Cultural, eu sempre costumava dizer assim, que “o teatro sempre é uma porta pro social”, quando eu trabalhava na ONG e às vezes ia fazer reunião. Eu fazia uma peçazinha de teatro, com as crianças mesmo, pra transmitir uma mensagem ou alguma coisa e acho que minha relação com o teatro sempre foi isso, muito dos meus amigos meus diziam assim “tu nunca quis se vestir de mulher não?” eu de jeito nenhum, a minha parte assim, de se vestir de mulher é tudo no teatro, tudo no teatro eu me realizo nessa questão sexual, por que eu mesmo nesse negócio de tá me vestindo de mulher nunca, e no teatro a gente faz tudo né, tem homem que faz mulher, enfim.

Também é muito ligado à minha relação da arte com o teatro por que no teatro eu faço tudo, eu costuro, faço cenário, faço objeto de cena e é que tudo está relacionado a arte, e se não tivesse essa relação com a arte eu acho nem gostava de teatro, eu acho que a minha parte do teatro é essa, e também a questão do teatro sempre foi pra trabalhar as minhas questões pessoais, a timidez, essa história de tá no meio de um bocado de gente, o teatro resolve isso num instante, por que o teatro é muito próximos dessas coisas, você se veste em outra pessoa, você tira a roupa de outra pessoa, você conversa perto da pessoa, você simula um abraço, simula um beijo, então o teatro resolve isso num instante, quem tiver essas questões interpessoais se resolve bem ligeirinho, negócio de ficar nu na frente dos outros por que tem gente que é tímido né, tem gente que não consegue ir no banheiro cagar no claro, o teatro resolve num instante essas questões por que é muito forte essa ligação, muito, muito.

E hoje eu passo ali onde era o espaço cultural que a gente pintava e bordava ali, que a gente quando tava ensaiando “A Greve das Sinhazinhas” naquele palco, que era o altar da antiga igreja a gente dizia assim “a meu deus nós estamos profanando que é a igreja”, aí a gente perdeu o espaço e voltou a ser igreja de novo, e a gente vendo uma missa pensou “aí meu deus quantas coisas a gente num já disse nesse canto aí”, e hoje é um local sagrado, eu achei legal a questão da doação daquele espaço pro pessoal da igreja por que eles cuidam, eles tão cuidando, se aquilo ali não tivesse sido doado eu acho que estaria desmoronando e caindo as paredes.

Foi muito legal em relação a isso, mas é muito triste ver uma cidade que não cultiva a cultura, teatro já é tão difícil fazer, é tão raro encontrar quem abrace a causa do teatro, aí uma cidade que não cultiva isso, que pessoas serão essas daqui a dez a vinte anos que não tem uma ligação direta com o teatro, com a cultura assim, eu acho assim muito triste pensar nisso, eu acho que até extinguiram a fundação de cultura? Como é? Não, tem a fundação de cultura tem, não tem mais é a secretaria.

Mas é muito triste pensar nesse sentido que a cidade não cultiva, que o que a administração pública podia fazer né, mas não cultiva. Mas como diz a Fran “quem foi que mandou você fazer teatro?” a gente que gosta e é a gente que faz, é por isso a minha paixão pela Paixão de Cristo,

Eu e o John, a gente ficou doente esses dois anos sem poder fazer por causa da pandemia, mas eu continuo produzindo, eu tô ali com um monte de bordado, sabe que eu sempre bordei, tá ali meu guarda roupa entupido de figurino, tava dizendo pro

Netinho, quando a gente voltar a Paixão de Cristo o figurino vai tá todo renovado, por que eu produzo direto, tô até fazendo umas... vou até te mostra Ailton, com papel e papelão, aí eu produzo direto sabe, a minha cabeça não para, já reescrevi o texto, já tamo a ponto de bala, quando disser assim “já tá todo mundo vacinado, podemos”, volta tudo à ativa, mesmo porque o menino que interpretou Jesus quando a gente começou a ensaiar ano passado ele não realizou. O menino tá aí, então problema de gente nós não vamos ter, mas assim que voltar...

A gente ficou no ano passado quando começou essa história toda a, eu acompanho o pessoal lá do Pernambuco, e conversou com a menina que é da produção de lá, Marina, e ela dizendo que eles iam adiar a produção de lá por que eles não iam conseguir por que junta gente, lá junta gente, é assim um pé de serra em que o cenário, tu conheces? É assim arrudiado de serra, aquilo é imenso, o teatro é ali dentro e é gente, é gente que você não consegue ver, e como tem altos e baixos, você ver gente assim, é muita gente, aí ela me dizendo que não ia dar. Gente isso é sério, foi quando a minha ficha caiu que a gente também não ia poder fazer, aí todo Mundo “Sebastião eu não vou pro ensaio, como é que vamos ensaiar todo mundo falando perto uns dos outros?”, gente tenha calma, eu fui o último a desistir, todo mundo desistindo “não vai dar”, aí cancelamos também, e esse ano do mesmo jeito, por que quando começamos a pensar, por que já começamos em dezembro a movimentar, aí o tcham da pandemia vem na minha cabeça por conta dessa questão do teatro e não tá podendo né, mas quando a gente voltar.

O John vem com umas histórias de querer fazer umas lives com os pedaços da peça, “John não vamos”, por que ninguém tá vacinado, porque aí morre o diretor ou morre tu aí é que não tem mais nada ano que vem, o John é todo... quando eu fui visitar Pernambuco e ele tava aqui, ele queria dirigir a peça e levar pra frente, que conversa é essa John, tu não vai nem para os ensaios, como é que tu vai conseguir fazer isso John?” Não esse ano não tem, que foi no ano que eu viajei, mas ano que vem a gente continua.

Por que na medida que não tem produções, não se vai formando pessoas, o John ainda tenta com os Clowns, de vez em quando ele botar alguém novo, mas que é coisa pequena, é muito pequeno, o John ta fazendo mais trabalho fora do que dentro da cidade, principalmente por causa da história da pandemia, mas também se não fosse a pandemia não tinha muito horizonte não, a cidade não tem.

O candidato a prefeito, antes, na campanha dele ele tava chamando os professores pra dar ideias lá pra administração dele se ele ganhasse, eu não fui, mas uma amiga minha foi e eu disse a ela “minha filha o mande investir na cultura, nas escolas, não é só fazer campeonato de futebol não, porque cultura não é só esporte não”, mas não é um apoio assim que ele mande chamar um grupo de teatro pra se apresentar não, ele faça um apoio assim, o que que vocês vão fazer? Vão fazer peça tal, então nós vamos produzir, mande fazer o figurino, eu quero saber de apoio assim, e não um apoio de você abrir um espaço e a pessoa ir se apresentar não, é dar apoio assim nesse sentido.

O festival de dança que a ONG tinha, a gente fez por sete anos, tu participou né? Era um movimento muito grande, tu sabia que a gente fazia maquiagem, figurino e tudo, teve até um amigo meu que assistiu “menino é impressionante, até o brinco?”, eu disse claro é a produção, um brinco que combine com a roupa. Muita gente fala em voltar esse festival, mas já deve ser muito difícil por que a gente passava o ano trabalhando costurando, bordando, fazendo figurino pra realizar o festival, isso sim é um apoio, um apoio assim na história do material, ter um lugar pra ensaiar, ter um som, ter uma música, e não você somente abrir um espaço e os artista que se virem pra falar, é muito difícil.

A nossa Paixão de Cristo, só existe até hoje por que eu invisto, eu invisto dinheiro, eu compro tecido pra fazer figurino, porque quando chega no tempo a prefeitura “não, nos quer apoiar”, e qual o apoio da prefeitura? Ela manda um som, ou então se a gente vai viajar dá um transporte, e a produção toda nas costas da gente, aí o pessoal fica “por que você não vem apresentar em canto fulano de tal a Paixão de Cristo?”, por que o mínimo que a gente precisa é um transporte ou um lanche, pro tempo que a gente tá lá, um local apropriado com som, iluminação, por que o restante tudo nós temos, que é a produção, é tudo.

Aí o pessoal acha que arte é barato, a arte tem que ser de graça esse sentido, e aí eu vejo que é muito triste quando essa administração nova terminar, essa que tá aí, aí a gente vai olhar pra trás e ver o que foi que ficou de cultura, não tem nada, por que até um local pra se estar não têm, que era um local em que os artistas podiam se encontrar, não tem, aonde é que na cidade tem? Se nos fosse ter uma peça de teatro, onde é que ia ser? A quadra? Não é local, porque o espaço público que nós temos é as quadras e olhe lá, aquele Círculo Operário maravilhoso, eles não abriam mão não viu, o

pessoal da fundação São Vicente, o que que funciona ali ainda? Tá fechado direto? deles do pessoal da associação, pois aquele espaço ali seria maravilhoso.

A Fran que faz teatro, tu sabe quem é a Fran, a alma dela é teatro, ela disse que fez pedagogia também, aí ela dava aula para os alunos dela e tudo era uma peça de teatro, e disse que quando o pessoal da escola chegava, o diretor da escola “o que que tá acontecendo aqui? Cadê a aula?” aí ela dizia, aqui é uma aula, estou dando aula, e o teatro é muito assim né, e essa é pra mim a minha questão docente também, se dentro da sala de aula se não tiver arte aí pra a aula já ficou murcha, não tem nem perigo de eu terminar uma aula e não ter uma arte no final, pode ser uma colagem ou uma montagem, alguma coisa, alguém disse alguma frase assim com a voz impostada.

Os meus alunos são muito metidos, meus alunos, porque tudim “o tio disse que é assim...”, e pra mim se eu não tivesse, se eu não pudesse botar a minha arte dentro da pedagogia já era também, eu tava fora, mas eu incluo meu filho, eu incluo, as pessoas chega lá "de quem é essa sala? Parece uma sala de aula particular, tem uns bichinhos pendurados, tem os mobile, as latinhas, meus alunos, meu filho, assim porta lápis cada um tem o seu, morto de lindo e enfeitado, tudo eu gosto de pensar nos detalhes.

Se a gente faz uma aula sobre uma data comemorativa a gente tem nem perigo de a gente num fazer um drama, quem é que vai ser a Iara, quem é que vai ser o saci, é assim, apesar da questão do município, é tudo tão precário, é tudo tão difícil, papel é difícil, lápis é difícil, aí eu invisto né, meus alunos tem lápis de cor, tinta guache, tinta aquarela, tem cola glitter, mais menino, eu compro e levo e faço uma aula linda, os meninos termina o ano e chora pra não ir pra outra sala, teve menino que passou um mês indo pra minha sala que era do primeiro ano mas queria ficar na sala do infantil cinco, passou um mês ainda na minha sala e do primeiro ano, sem querer ir pra outra sala, parece assim que tudo é interligado né, eu não sei se é por que você gosta, ou se sua alma é aquilo ali, tá tudo ligado, tá vendo meu quintal? É tudo colorido, tudo pintado, não tem nem perigo de eu não colocar a arte no meio.

O meu ex é uma pessoa que pra dançar é só o pé mexendo, aí quando eu tava aqui bolando um figurino chamava ele, “bota aqui”, às vezes era um vestido ou uma roupa feminina ele ficava danado, por que ele dizia que eu queria fazer ele de palhaço, “menino é por que eu preciso de um manequim pra pôr isso aí pra ver como é que fica”, tudo era ligado, até o namorado era ligado, tinha que ser, e quando a gente era junto ainda eu botava ele pra fazer a fotografia, mas ele não tinha sociabilidade com o

pessoal, aí ficava ruim de fazer uma foto, aí quando eu pegava as fotografias dele “essa foto aqui eu mesmo podia ter feito de onde eu tava, lá sendo contra regra eu mesmo podia ter feito de lá”.

Eu acho que tá muito ligado essa questão da arte com a minha docência, e se tivesse filho, agora na páscoa mesmo a gente não estando presencial, mas eu fiz as minhas sacolinhas de páscoa com as cenourinhas e mandei pra eles, aí eles mandam vídeos agradecendo, tá ótimo isso, já tô aqui preparando as minhas sacolinhas pro meio do ano, organizar as atividades deles, eu sempre gosto de fazer esse link sabe, se num for não é nem divertido, eu não consigo nem imaginar dando uma aula com, não é nem mais giz, com quadro branco e pincel só, escrevendo lá né, ou então só conversando né, porque geralmente as aulas do município é o que eles tiverem disponível, é isso.

Sobre conflitos e as questões de gênero, é tem muito, tem criança que a gente percebe qual é a sexualidade dela, por que quem primeiro percebe são os pais, tu sabe, embora eles nunca digam, mas quem sabe primeiro que a criança vai ser gay é os pais, é o pai e a mãe, mas eles não dizem não, eles ainda tem coragem de dizer depois que nunca sabia ou que nunca soube, mas é os primeiros quem sabe, e na sala de aula o primeiro que percebe é a gente, o professor,

Tem pai que já me disse assim “ave maria esse menino é tão assim né?”, “essa menina é tão assim”, assim como? Da vontade de perguntar, mas, e outras também, as crianças que são, eu percebi isso que as crianças que são mais afetadas sexualmente, digamos assim, meio pejorativo, mas são as crianças que são mais caprichosas, mais organizadas, são mais obedientes do que os outros, os outros quando, são bem rebeldes, não obedecem ao professor respondem em cima na lata, as outras que têm uma sexualidade assim mais aflorada eles são mais diferentes nesse sentido, são mais tranquilos, só que assim a gente lida, eu lido com isso na sala de aula com muita destreza sabe, mas eu sei que é mais difícil, na família, lá fora.

A gente tinha na sala de aula presencial o dia de ir pro cineminha, que era na sala de informática, aí um dos meus meninos trouxe uma almofadinha de capa de guarda-chuva que eu fazia uma almofadinha redonda e dá pra sentar três, aí eles ficam sentadinhos de três em três, teve um dia que uma menina disse “tio não quero sentar mais ela não”, eu disse “por que?”, “tio é por que ela fica só me abraçando”, eu sabia o que era né, “mas é por que ela gosta de você”, quando a gente gosta das pessoas a gente abraça, a gente beija. Mas com as crianças, eles mesmos se sentem incomodados com

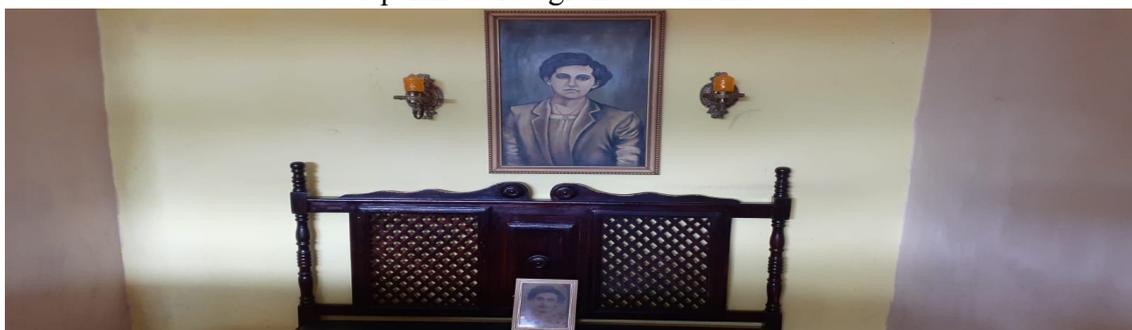
reação da outra criança se for..., a gente teve N situações nesse sentido, mas eu sei que dentro da família talvez eles não tratem com essa tranquilidade, eles batem nas crianças né.

A minha sala de aula tem duas caixinhas de madeira, dos brinquedinhos que eu levo, tem boneca, tem carro, tem bola, aí tem uns meninos que somente na hora de juntar os brinquedos quando termina, eles vão lá e ficam colocando só as bonecas e os brinquedos de menina num canto e os de meninos em outro, que dizer, parece que a cultura já está incrustada na criança, que esses brinquedos são de meninas e esses de meninos. Aí eu digo "não, você pode brincar com o que você quiser", mas eles como são tímidos eles só quer guardar os brinquedos separando, mas eu sei que a preferência pode ser querer brincar com aquilo ali, e as meninas as vezes eu mando vestir a boneca ou então tirar a roupinha, elas diz "olha ai tio a menina ta mandando eu tirar a roupinha da boneca", eu disse " o que é que tem?", tu não vestes tua roupa? Tua mãe não te veste? Pois veste a boneca dela também, aí se finge que não tão entendendo o que é que a gente tá dizendo.

3.2 Glauber Marinho, professor de teatro e decorador artístico.

Tudo bem, meu nome é Glauber Marinho, eu trabalho com artes desde muito cedo, tô prestes a fazer 52 anos, sempre morei em Baturité, sou filho natural daqui e amo essa cidade. Não é fácil, você sabe, ser homossexual no interior não é fácil, a gente tem que batalhar todos os dias, é uma luta diária, mas não só no interior como em qualquer lugar, agora assim uma coisa que eu aprendi durante esses 52 anos, você tem que se respeitar primeiro de tudo você pode fazer o que você quiser, mas você tem que saber entrar e saber sair.

Ilustração 8 - Fotografia do quadro retratado pelo artista Pacotiense Fábio, a partir da fotografia de sua mãe.



Fonte: Arquivos da pesquisa de campo.

Eu acredito assim envelhecer pra mim hoje está sendo normal, como qualquer pessoa, por que eu me sinto bem eu não me sinto diferente de ninguém, eu me sinto normal como qualquer outra pessoa, e descobrir a... não vou dizer a pouco tempo não por que já faz mais de 50 anos, mais assim quando a gente é mais novo tudo que a gente quer é sair de casa, quer sair quer ter liberdade, por que primeiro você briga com você mesmo, por que a gente tem essa briga interior pra se assumir e quando você consegue se assumir e se aceitar, aí você vai brigar com pai, com mãe, com irmãos, com os amigos.

É todo um processo até todo mundo lhe aceitar ou não, aí você quer sair de casa e vai viver sua vida, ser independente, quando você amadurece um pouco e ver que não é por aí que você na verdade o seio, o seio de tudo isso é a família, e aí você volta, aí você não quer mais sair de perto da família.

Por que na verdade você conquistou alguma coisa, por que você se respeita, e você acaba sendo um exemplo pra um deles ou pra todos eles, então você quer está perto, pra está todo mundo bem hoje.

Passei muito tempo morando em fortaleza, 7 anos mais ou menos e voltei e não quero mais sair de perto da minha mãe que tá com 85 anos, minha família toda me aceita, nunca tive problema com relacionamentos, sempre que coloquei dentro de casa disse “to com fulano de tal, quero isso, quero aquilo, e gosto de fulano”, eles nunca foram obstáculos na minha vida, sempre me respeitaram e aceitaram minhas decisões, claro que tem as restrições como todo mundo, mas como eu sempre disse lá uma vez, você tem que saber entrar e saber sair, é assim.

Eu acredito que daqui pra frente vai ser melhor ainda, porque assim, o bom da vida o segredo da vida é você viver cada dia, cada dia como se fosse o último, aí você não pensa na velhice, você vive e tudo que você vai fazer, fazer bem feito, se vai varrer uma casa varra bem feito, se você vai trabalhar trabalhe com amor, bote amor em tudo por que isso é a essência da vida, aí você não sente que tá envelhecendo.

Você sente que tá vivendo como dizem essa é a melhor idade, hoje se eu tivesse esta cabeça com alguns anos atrás eu estaria bem melhor, só que a gente não pode ter a experiência sem ter passado por algumas situações, e aí diz assim, eu não faria isso, por que se eu não tivesse feito todos os erros que eu cometi, todas as quedas que eu levei eu não estaria com essa cabeça que eu tenho hoje, então assim.

Pra mim está sendo maravilhoso, tudo que quero hoje é viver, cada minuto, cada segundo, e agora mais ainda que eu encontrei o amor da minha vida.

Assim, como todos foi muito difícil, me assumir gay, você sabe como é ainda mais no interior, que quando a gente se descobre a gente tem esse grande problema de se aceitar, por que a família bate em cima, todo mundo bate em cima e você.

Alguns anos atrás era mais difícil do que hoje, era mais complicado, mas aí quando eu entendi com 13 anos de idade que realmente, que sou sou gay eu não quero mudar isso e eu vou mesmo me assumir, comecei a sofrer interiormente, comecei, comecei, comecei e isso me fez enxergar que aí as pessoas iam se afastar de mim mas as que me amavam iam ficar do meu lado, aí alguns se afastar, alguns se chegaram e eu comecei a enfrentar todo mundo, por que é um enfrentamento como se diz, quando a gente diz que é gay aí todo mundo aponta “ah fulano é gay, filho do fulano é gay...”, mas aí eles esquecem que antes de ser gay é um ser humano e tem que ter respeito, por que eles têm total liberdade pra fazer o que eles querem, o que a gente quer na verdade.

E aí foi difícil, mas eu conheci uma pessoa maravilhosa, aliás muitas delas na minha vida, uma delas foi o Hernani Tito que todo mundo conhece, ele sempre trabalhou com artes e eu me engajei com ele fazendo teatro, fazendo decoração, e comecei a ficar respeitado também por conta dele, e uma grande amiga minha também da época era a Estelia Garcia que já faleceu também, e ela sempre dizia assim “seja o que você for tenha respeito, se for um ladrão não seja um ladrão de pente, tenha respeito pelo o que você faz” aí eu botei isso na minha cabeça, eu tenho que saber entrar e saber sair.

Se eu me respeitar todo mundo me respeita, e hoje graças a Deus eu consegui isso, aqui nessa cidadezinha que as pessoas até hoje ainda apontam, ah fulano é gay e o outro não é, e hoje eu entro e saio em qualquer canto e sou respeitado, nunca, nunca, nunca depois que eu me assumi eu baixei minha cabeça, sempre entrei como gay, se eu tiver um namorado eu ando e pego na mão dele e as pessoas tem que respeitar.

Na verdade assim, eu aproveitei essa decoração porque na verdade eu não aprendi com o Ernani Tito eu aperfeiçoei, por que a gente, todos nós nascemos com um dom, e eu já sabia desde criança que eu já tinha esse dom pra artes, aí eu entrei no teatro e comecei a ficar um pouco mais desinibido, comecei a fazer decoração aí eu usei essa

decoreção na minha igreja, na minha escola, e comecei a trabalhar profissionalmente fazendo decoreção, foi quando eu comecei a entrar na casa de todo mundo, fazendo decoreção, aniversário, casamentos, festinha de criança, e usei isso também na escola, fiz muito teatro na escola.

Quando eu terminei o ensino fundamental eu voltei pra minha escola, eu fiquei fazendo teatro lá, eu chamava... eu pegava os alunos mais danados, eu gostava de pegar aqueles meninos e transformar, ensinar o pouquinho que eu aprendi, e me sentia grato. Eu sabia que aqueles meninos tinham potencial, um potencial enorme, mas aí eles não tinham essa oportunidade de mostrar, aí eu comecei a trabalhar com esse tipo de coisa, decoreção, teatro, fiquei mais conhecido por conta disso até hoje, e sempre que posso dou a minha contribuição.

Eu trabalhei muito na escola que eu estudei que foi a Estevão Alves da Rocha, comecei lá desde o jardim de infância até o fundamental, fundamental 2, quando eu terminei lá voltei pra fazer teatro, fiz mais uns 10 anos, e fui trabalhar em Fortaleza, trabalhei 6 anos e meio no colégio Caruso Belém, também fazendo teatro, decoreção, festa de pai, de mãe, desfile de 7 de Setembro, tudo relacionado a arte.

E voltei, trabalhei na Escola Risco e Rabisco, logo bem no começo, logo na fundação, assim que passou 3 meses que foi fundado, trabalhei 5 anos lá, trabalhei 8 anos e meio no colégio das Irmãs Salesianas também fazendo o mesmo trabalho, arte, decoreção e teatro, e hoje eu trabalho na CREDE 8 fazendo os trabalhos na formação, todo tipo de evento sou eu que fico a frente para decorar, pra organizar o espaço, fazer lembrancinhas, decorar o que for necessário fazer eu estou lá.

Na verdade, não só no colégio das irmãs Salesianas, mas em nenhum colégio que eu passei eu tive algum tipo de problema com relação a homossexualidade, ninguém nunca me viu e “ó o Marinho gay... Não, é o Marinho profissional, é o Marinho decorador, é o Marinho do teatro”, nunca me taxaram com o rótulo “gay” nenhum deles, nem aqui, nem em Fortaleza e nem em canto nenhum até hoje, justamente por aquilo que eu te falei no começo, “você tem que saber entrar e saber sair”, eu uso meu lado profissional, meu lado gay eu uso na minha casa, numa boate, em qualquer outro canto que for possível eu usar com amigos, mas na minha vida profissional eu sou normal como qualquer outra pessoa.

No colégio das irmãs eu era responsável por todas as festas todas as festividades, começando de janeiro pela festa de Dom Bosco, eu decorava toda a igreja,

todo o ambiente de que fosse ter festa, missa, preparava alguma coreografia, alguma apresentação de teatro, depois, temos mês de maio que é muito festejado lá é nossa senhora Auxiliadora, eu passava o mês ensaiando com os alunos, desde o infantil até o ensino médio, por que lá nessa época tinha o ensino médio, acabou a pouco tempo, mas eu ensaiava com todos os alunos, distribuía as apresentações, a vida de Dom Bosco, de Madre Mazzarello, e dos santos da igreja católica, e a gente apresentava tudo no dia 24 de maio.

Eu tinha um relacionamento direto com os alunos, fazia tanto essa parte de teatro e de apresentações, como coreografia, como a parte de decoração, como a parte de vestimenta de todo o pessoal, tudo era eu que organizava, depois disso eu tinha... isso tudo antes, depois disso eu tinha a festa de São João que também era eu que desenhava todas as roupas, ia na loja escolhia os tecidos, levava pro colégio e lançava uma proposta e os alunos que iam lá e compravam, sem falar em algumas danças que eu ensaiava com todos, outras pessoas ficavam com outras danças outros professores.

Tínhamos a festa dos pais, não tínhamos de 7 de setembro por que o colégio deixou de desfilar a muitos anos, mas tínhamos o desfile do mês da bíblia, e a festa da primeira eucaristia que eu também organizava tudo, eu só não dava catecismo aos alunos, mas coreografia, roupa, decoração, lembrancinha, tudo era comigo, e a festa do final do ano de ABC, de nono ano e de terceiro ano, tudo era comigo, nisso eu tinha um contato direto com os alunos, com os pais e responsáveis.

Desde criança que eu sou católico, nunca me afastei da minha igreja, meu pai me ensinou isso desde os 6 a 7 anos e isso eu fui entendendo depois e fui aceitando, tudo certo não tive problema nenhum com isso, e o fato de eu já ser católico facilitou a minha entrada lá, por que como eu conheço praticamente tudo da igreja católica, os rituais, as missas e tudo, então foi fácil, nunca tive problema lá por ser gay, por elas serem religiosas, nunca pegaram no meu pé em relação a isso.

Pelo contrário ela me entregaram essa festa do 24 de maio que é uma das festas mais importantes que tem no colégio das irmãs Salesianas, dentro da Rede Salesianas, 24 de maio que é o de nossa senhora Auxiliadora, elas entregavam na minha mão e não perguntavam nem o que eu ia fazer, e eu fazia tudo.

Tinha certeza que pra elas eu não ia sair da linha, de fugir de alguma coisa ou algum tema por que elas confiavam no meu trabalho e na minha religiosidade, então assim eu me senti muito livre trabalhando lá, não tive problema nenhum com elas e

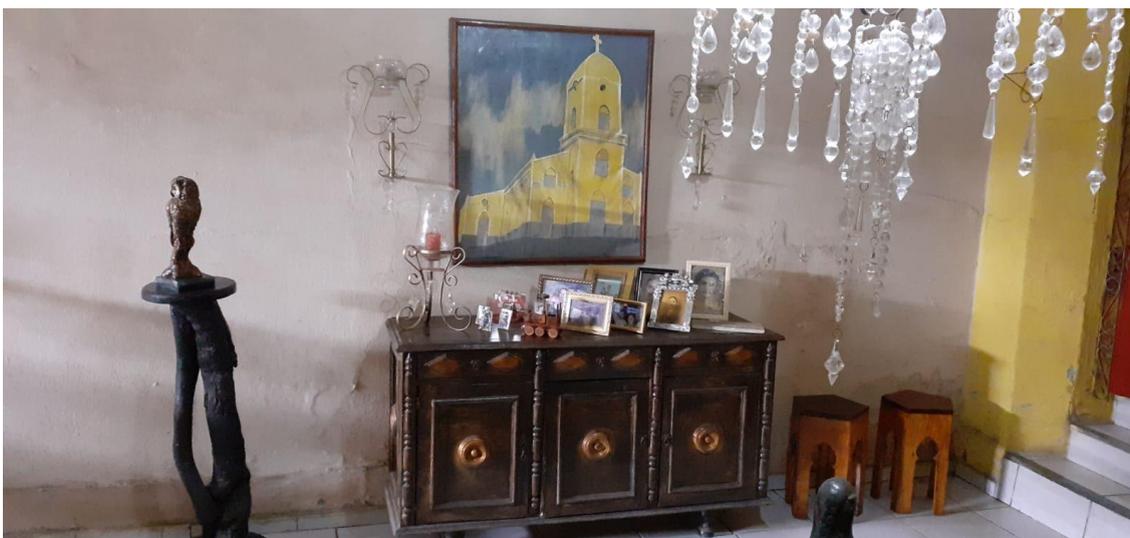
também que até hoje eu sou muito grato a elas, e aos colégios em que trabalhei, e em todos esses colégios que eu passei eles me entregavam o trabalho, confiavam e eu nunca tive problema, assim, de fazer alguma coisa e eles mandarem desmanchar, nada, nunca tive esse problema.

Eu procuro dar um pouquinho do que eu sei, desde bem cedo, antes de eu conhecer o Hernani Tito que eu aprendi a fazer decoração, eu já ia pra igreja pra tentar fazer algum arranjozinho pra lá, sempre gostei, e aí eu faço assim hoje, a alguns anos, tá com 20... vai fazer 25 anos esse anos que a gente foi fazer uma coroação de nossa senhora no mês de maio aqui na praça, deixamos de fazer no ano passado e esse ano também provavelmente não vá ter por conta da pandemia, a aglomeração que não pode ter, mas a igreja.

Na minha igreja católica eu vou faço decoração, se precisar fazer alguma apresentação eu faço, vou lá e dou minha contribuição, nunca fui taxado de nada, sigo dentro da religião, e aí sou conhecido na cidade justamente por isso, por fazer teatro, por fazer a coroação, por dar minha contribuição, tanto na minha quanto na igreja de nossa senhora da palma, e hoje eu acredito assim que se você pode contribuir, contribua, faça, a gente só lucra o que a gente faz de bom ou de ruim, fez coisa boa receber coisa boa, fez coisa ruim recebe coisa ruim, e ai vai de acordo com seu caráter.

Eu trabalho diretamente aqui na paróquia Cristo rei, que antigamente era nossa igreja, eu sou o decorador da igreja, sou eu que organizo os eventos, o padre só me avisa do dia que vai ter a missa, a festa, a programação e eu me organizo, faço todo o material, faço um orçamento aí vou lá e decoro, o que tiver nas minhas mão e eu poder fazer eu faço.

Ilustração 9 - Fotografia da sala de estar com móveis da sacristia doado pelo pároco da Igreja Cristo Rei (representada no quadro acima do móvel).



Fonte: Arquivo da pesquisa.

O fato de ter desmembrado a paróquia, assim para quem ainda não entendeu foi o seguinte, a nossa paróquia tinha muitas igrejas pequenas em muitos bairros e muito distantes e essas igrejas só tinha missa uma vez no mês, as vezes de 3 em 3 meses, e com essa separação, a paróquia cristo rei ficou responsável por 25 igrejas e a nossa senhora da palma com mais 25, então eles consegue pelo menos uma vez mês celebrar nesses locais mais distantes, e a gente que da nossa paróquia, nosso bairro foi que ganhou, temos missa todo domingo, toda quinta todo sábado e todos os movimentos estamos dentro estamos tentando levar as pessoas pra procurar deus ter mais um pouco de fé e ter mais uma pouco de esperança e é isso.

Na verdade, esse espaço, que você menciona, era a igreja do do Salesiano. Quando eles foram embora daqui, a igreja ficou fechada muitos e muitos anos, e aí depois que reabriram, depois de muitos anos, ela passou a ser uma escola, uma escola de segundo grau, sabe? E depois passou a ser um espaço cultural.

Como a nossa igreja passou, a nossa igreja passou, passou a ser paróquia, então, aquele espaço retornou e agora pertence a nossa paróquia. E o prefeito, na época, seu Assis Arruda, doou de novo o prédio, que é da igreja para a paróquia. E aí, ela voltou a ser da igreja. Na verdade, desde a religião católica, uma igreja, ela nunca deixa de ser igreja, é igual um padre quando ele, ele se propõe a ser padre, ele faz um voto de ser sacerdote pro resto da vida.

Ele pode deixar a batina, mas ele não vai deixar de ser padre e a igreja do mesmo jeito, a partir do momento que ela recebe o corpo e o sangue de Cristo, vira o lá

dentro, lá dentro da igreja, do prédio, ela nunca deixa de ser igreja, ela pode ser abandonada, pode ser fechada, mas assim, pode ser igreja. E foi isso que aconteceu. Voltou a ser igreja, voltou a ser e a ter missas frequentemente, a casa paroquial está funcionando lá, porque é um prédio muito grande, muito antigo.

E isso fez com que a gente ganhasse mais uma igreja, quem é, quem é mais antigo aqui, relembra da dos salesianos, passam aqui e vão olhar o prédio que é uma estrutura bem antiga. Faz parte do patrimônio, ela é uma cidade que é um prédio estilo gótico.

O que nós estamos precisando, de verdade, é um espaço cultural de verdade, onde acolha todas essas pessoas, que tem um espaço pra ensaio, tem espaço pra apresentação, que tem espaço pra dança, que tem espaço pra bilheteria, que acolha todo mundo. Faz muitos anos que nós estamos batalhando por isso, mas ainda não temos. Infelizmente, nós tivemos o Círculo Operário que na época, há muitos anos atrás, ele funcionava. Eram poucas pessoas que faziam teatro, eram poucas pessoas que faziam arte, o palco acomodava essas poucas pessoas. Mas se fosse fazer um teatro que vai tá na apresentação, o palco não tem estrutura, o prédio não tem estrutura.

Então, nós precisamos, realmente, desse espaço, um espaço grande, um teatro de verdade, que a gente possa colocar essas pessoas pra encenar, colocar essas pessoas pra mostrar o seu talento, a sua arte de transformar a nossa educação. Que a gente sabe que o Teatro tem essa grande contribuição de transformar a educação, de mostrar de uma maneira visível uma história que você lendo é uma coisa, ouvindo uma coisa, mas você vendo, sendo encenada, completamente diferente, você não esquece mais nunca. E nós precisamos muito desse espaço. Eu espero que apareçam e façam, que deem essa oportunidade, esses desafios que nós temos muitos, muitos da nossa cidade, de todo o nosso país. Nós estamos precisando realmente desse espaço.

Sim seu Assis, procurou o pároco, padre Neto, aí disse que o prédio estava fechado e gostaria muito de doar para a paróquia Cristo Rei. E o padre Neto disse que tinha muito interesse em receber, porque como era um prédio grande, com muitas salas ele queria receber pra poder ir lá funcionar a casa paroquial, é espaço pra reuniões, espaço pra missas e aí imediatamente, na mesma semana que esse serviço ele doou o espaço e voltou a ser paróquia, voltou a ser a igreja, com missas, frequentemente, foi sendo recuperado, colocando os vitrais, que antigamente existiam, de quatro metros de altura. Ainda não tem as imagens do tamanho original, vai ter ainda, mas já tem

sacrário, já tão fazendo o novo teto, tivemos que fazer uma restauração de algumas salas, porque como é um prédio antigo, teve que passar por reformas.

Quando a gente mais ouve, a gente vê, todo mundo a uma, ou seja, a gente quer ter a nossa liberdade. E a gente querendo ou não, o pai prende, a mãe prende, porque acha que vai se jogar mundo, porque não tá preparado e a gente quer sair, a gente quer viver, a gente quer ter essa experiência de vida. E eles aprendem. Então, assim, quando meu pai morreu, eles tinham feito vinte e três, vinte quatro anos. Aí eu resolvi que eu queria ir embora, porque estava cansado da cidade.

E aí, eu resolvi, não, cheguei, fui embora pra capital e fui pra Fortaleza. Morei lá seis anos e meio, quase sete anos, tive uma grande experiência. E aí, resolvi voltar. O que eu entendi que o pouco que eu aprendi, eu queria ensinar, eu queria passar essas experiências. Então, eu voltei, vim trabalhar nas escolas, vim trabalhar com teatro, vim trabalhar com os jovens, me engajei na igreja, e foi isso. Fui bem recebido com a minha família, porque realmente quando a gente tá longe, eles ficam muito preocupados, mas voltei com mais experiência, mais madura, eles entenderam que eu estava preparado e foi bem mais fácil do que quando fui embora.

O meu pai, quando ele descobriu, foi assim, eu nunca tinha, ou tentei pra conversar com ele, ah, eu sou homossexual. até porquê? Eu nunca me escondi. Então, entendi o que ele sabia. Mas aí, um dia estava fazendo uma ligação pra uma pessoa e ele ouviu. Começou a minha ligação, ele me chamou e perguntou, eu disse, isso, eu sou homossexual. E aí, ele deixou de falar comigo. Nós passamos quase 1 ano sem se falar, eu tomava bença pra ele, ele não respondia, ele machucava muito.

E aí, eu comecei a amadurecer com isso. Porque assim, ele não era obrigado a me aceitar, né? Mas tinha que me respeitar. Eu também não sabia como lidar com essa situação, quando ele morreu eu resolvi ir embora. Eu acho que isso me posicionou melhor a sair de casa, a ter experiência lá fora. Quando eu voltei, eu fui melhor recebida por conta disso, porque assim, eu não vou condenar meu pai hoje.

Essa ignorância da época, com a cabeça de todo mundo, todo homem, todo menino tinha que ser homem, casar com os filhos, a mulher, a recusa dos filhos. Então, pra eles, era muito difícil entender esse tipo de coisa. Hoje, eu entendo isso.

Não concordo, mas, assim, a minha mãe é completamente diferente. Minha mãe me acolhe, minha mãe passa a mão na minha cabeça, abençoa meu namorado, meu companheiro, seja lá quem for, ela quer saber se eu estou feliz. Meus irmãos, todos eles.

Então, assim, a única pessoa que realmente teve problemas, foi com meu pai, ele não aceitava, ele batia o pé, também nunca enfrentei ele, nunca bati de frente com ele, não aceita, não tem problema, mas também fiquei na minha, fiquei no meu canto, não deixei de fazer o que eu gostava e quando ele morreu eu fiz.

Infelizmente, ainda continua, infelizmente. como se diz, menino tem que vestir azul e a menina rosa, ela tem que ser super feminina e ele super machão. Eu sei do que eu passei em várias escolas. Uma criança, quando tá no pré-escolar, que uma um coleguinha bate nele Ele diz, olha, não pode bater, peça desculpas coleguinha, dei a mão, não sei o que. Quando eu chego em casa, o pai diz, lá, você desconta. Se bater em você, bata também. Então, assim, começa por aí.

A criança, ela é inocente, ela não sabe o que tá fazendo, mas o pai e a mãe que coloca isso. infelizmente até hoje é assim. Eu acredito que já vai durar muito tempo pra isso mudar. Infelizmente. E quando ele percebe, o pai ou a mãe, que o filho tem essa tendência, homossexual, ele é mais difícil, porque ele afasta dos colegas. Ele faz, ele tem uma postura que ele não tem que ele nem pode ter porque isso é a essência dele.

E aí, infelizmente, acaba estragando a vida da criança, se cria um adolescente revoltado, com tudo e com todos, porque viu uma coisa que ele não gosta, que ele não é. e se a gente tentar ensinar isso na escola, a gente é taxado, é chamado atenção, que infelizmente ainda não tem essa liberdade de se falar, de sexo, de gênero, nas escolas. Quando se fala, a gente chama atenção. Eu acredito que isso é uma questão de educação.

E essa educação, ela não começa na escola, ela começa dentro da casa. Quando a mãe percebe que o seu filho é diferente, ele tem que ter essa primeira conversa. Por que ele é assim? Mas se ele é assim, não consegue mudar, aceite, vá começando devagarzinho, vai ensinando as coisas, o certo e o errado, ele aprende. E os amigos aceitam. Infelizmente isso não acontece.

Eu sempre busquei, desde que eu entendi com treze anos que ser homossexual, alguém pra caminhar junto comigo. E aí, a gente levanta, cai, fantasia com todo mundo, porque vai chegar o príncipe encantado no cavalo branco, isso é a maior mentira, não vai chegar nunca. A gente primeiro se amar. Quando eu passava por experiências, eu dava a cara, eu saía, arrasava, alguns meus diziam assim, você tem que se amar e tinha ódio nessa festa, porque eu não entendi o que é se amar. Hoje, eu sei que

eu tenho que passar pela experiência de estar só. Gostar de estar só. Cozinhar pra você. Isso.

E aí, você começa a valorizar o seu eu. Quando aparece alguém pra caminhar junto com você, você engaja ele dentro na vida. Mas você não depende da pessoa. Você caminha junto com ele. Você cresce junto com ele. Mas você já está completamente formado. Você já sabe o que você quer. Então, a pessoa vem pra somar. E isso, eu acredito que todo mundo devia passar experiência de estar só, de ficar só, se gostar, de se amar.

A partir daí que você pode amar uma outra pessoa, que eu não posso dizer, eu amo fulano se eu não me amar. Eu não posso entregar a minha vida na mão de outra pessoa, se eu não valorizar a minha vida. Então, a partir daí dá certo. A partir daí, você vai longe com a outra pessoa. Porque você sabe onde você quer chegar.

E hoje é em relação aos casais, são poucas as pessoas que aceitam, que venham casar, homem com homem ou mulher com mulher e em algum local se sentir à vontade. Parece que aquilo aí incomoda eles, parece tem uma coisa que eles não, não querem dizer, não querem botar pra fora. E pelo fato daquele casal estar lá, apresenta incômodo. Então, assim, como entendo que tem pessoas que não aceitam. Então, você tem que saber aonde é que você pode pegar na mão, onde é que você pode dar um abraço?

Há, você tá se reprimindo não, eu tô me valorizando, eu tô me respeitando. Eu não preciso estar num local e eu souber que tem algum homofóbico lá, ah, eu vou deixar de me beijar por causa dele? Não, eu estou me respeitando, eu não preciso tá me abraçando, me beijando, só pra dizer que eu tô junto com o fulano não. Eu preciso me respeitar. Se você tem vontade de dar um beijo, eu dou. Se ele se incomodar, ele sai, se eu me incomodar, eu saio.

Então, isso vai ter sempre. A gente não pode enfiar goela abaixo. E ninguém, eu sou gay todo mundo me aceita. Não, não é assim que funciona não. Eu sou gay eu me respeito, eu quero respeito.

Em relação ao poder público no município, olha, de verdade, pra mim isso aqui não existe. nós não temos apoio de nada, não existe local que você esteja passando por um problema específico, você encontre alguém pra conversar, um psicólogo, um amigo, um médico. E nem vai existir tão cedo, porque as pessoas, elas estão enraizadas com aquilo que elas acreditam. Infelizmente o machismo, o preconceito predomina.

Então é cada um si. Por isso, você tem que se respeitar, pra você entrar e sair, de qualquer local. Infelizmente, deveria existir esse apoio aqui na nossa cidade, nosso município. E ele iria engajar muita gente que precisa de ajuda. Que precisa até saber se colocar na vida. E se portar de uma maneira decente pra arranjar um emprego e pra ir pra qualquer evento. Mas, devido a desinformação, estamos aí do jeito que estamos. Gostaria que existisse esse entendimento com a sociedade, mas não, é cada um de si.

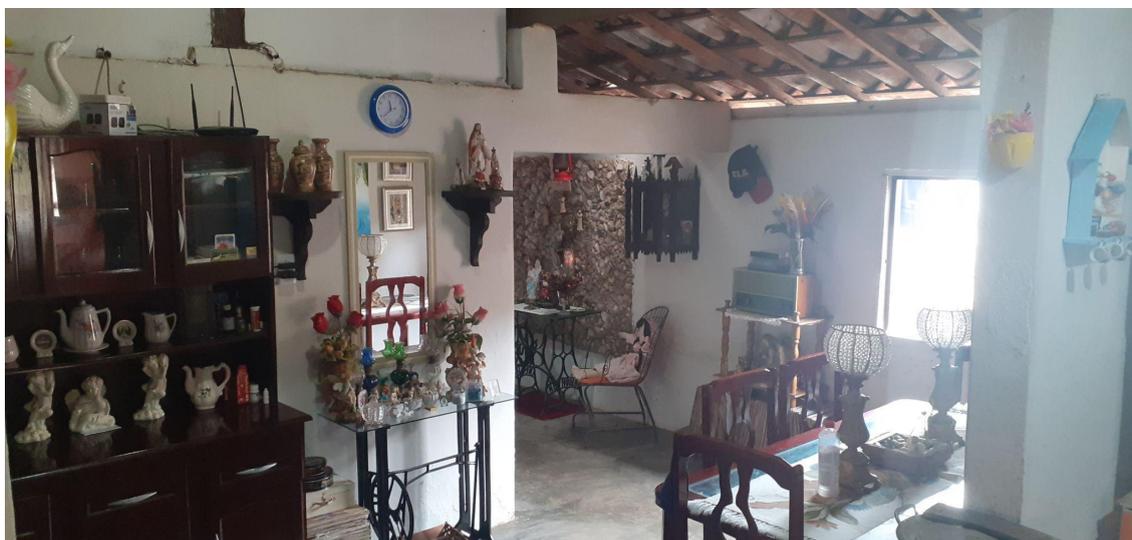
Sobre a questão da violência e assassinatos, eu acredito que não mudou nada, né? Até hoje é do mesmo jeito, o preconceito reina, se eu, se ele tem alguém que se sentir incomodado com a minha presença, vai lá e mata e não dá em nada porque as políticas públicas estão aí, mas não funcionam. É muito bonitinho no papel, mas não funciona, na realidade. Então, assim, se alguém bater no peito e dizer assim, ah, mas tem política pública, ah, mas não me diz, isso é mentira. Infelizmente, espero que isso mude. Eu também queria pedir, pra fazer o registro de algumas imagens aqui da casa, dos espaços. Tudo bem.

3.3 De Assis Stênio Gomes: historiador, professor de baby class (ballet infantil), ator e coreógrafo

A vida é longa. Eu nasci e me criei aqui no Coió de cima. Sou do dia vinte e quatro do onze, setenta e quatro, minha mãe chama-se ,chama-se acredito continuar sendo, chama-se dona Ilda, de Lima Martins, meu pai José Ribeiro Martins. Então, a minha vida, minha tragédia só olha que eu me lembro, assim, a cabecinha já está cheia de perguntas, mas tem respostas. Eu lembro já dos meus sete anos, eu lembro que eu tenho umas imagens bem nítidas.

Eh, quando, quando eu me descobri, eu acho que a gente, a criança já percebe algo diferente quando ela começa a descobrir brinquedo, meu pai comprava vários carrinhos bonecos, bolas e eu até brincava, mas por pouco tempo, porque o que me interessava era as bonecas da minha irmã, isso pra mim era normal, meu pai me educou assim, dizia que a boneca era pra menina e a bola era pro menino, sendo que até hoje a gente sabe que brinquedo são brinquedos não existe de menino ou menina.

Ilustração 10 - Fotografia da sala de jantar ornamentada pela mãe e mantida do mesmo jeito *in memoriam*.



Fonte: Arquivos da pesquisa de campo.

E daí então, eu já comecei a me sentir diferente, aí então veio a puberdade e veio aflorando mais a questão do discernimento de mim e aí também já comecei a me identificar com a arte, a sensibilidade da criança começa cedo, e no decorrer de toda essas histórias de sensibilidade foi aflorando eu, um menino, com um corpo de menino que se sentia uma menina, aí foi meu pai educando, minha mãe educado e explicando o que era de menino e o que era de menina, mas sempre teve isso dentro de mim, mas eu brincava muito de missa, eu vi o padre de batina e as freiras, aí quando eu chegava eu vestia uma camisola da mãe aí dizia assim, minha avó que não era minha avó, que fez o parto da minha mãe dizia assim, ele vai ser padre Zé Martins, ele vai ser padre, não eu vou ser freira e pegava um lencinho e botava na cabeça, eu quero ser freira, aí tinha aquelas florezinhas...

Eu fingia que era hóstia, enfim, aí, foi bem forte a época que eu fui pro lado artístico a mãe era dramista e eu sempre gostei, aí veio o sítio do pica pau amarelo, daí pronto, eu criava coisas, sempre queria ser a bruxa, sempre feiticeira sempre a menina da história, aí começou minha fase polêmica que eu queria saber das resposta das minhas perguntas e eu não sabia, foi complicado quando comecei a perceber que era uma pessoa diferente que tinha outro neném dentro de mim, que minha família me chama de neném, que era um neném que queria ser menina.

Agora a história vai complicar, eu comecei a pesquisar na televisão nas revistas escondido sobre a Roberta close, Clodovil aquele povo, bem bem Rogéria neh? Eu comecei a dizer o que eu era, eu comecei a deixar o cabelo crescer e a mãe cortava o cabelo, deixava o cabelo crescer e o pai cortava o cabelo, e pra mim era complicado nessa época a cabecinha cheia de perguntas sem resposta, as respostas ninguém conversava comigo e ia pra revistas escondido a revista manchete e a Roberta close era coisa de menino que me encantava com o nome Roberta close e a visão dela sobre a vida e eu sobre a vida dela.

Daí, voltava pra arte, deixa essa papo aqui mais pra frente, sim as artes, a arte comecei a fazer dança fazer, dançar na escola, lembro a primeira dança que eu fiz na escola com minha professora Aline Rocha, ela conseguiu me despertar mais pra arte, fui fazendo e nunca pensei que fosse sobreviver da arte, naquela época eu comecei a fazer parte de quadrilha comecei a fazer parte de teatro na escola e de dança na escola.

Aí em frente que já era um terreno, não sei se tu lembra, a gente fazia quermesse, a gente fazia quadrilha, a festa das crianças, das mães e a Via Sacra, tinha um grupo de jovens que minhas irmãs faziam parte com a Geni que era agente de saúde e daí começou toda minha vida graças às obras do Monteiro Lobato, do sítio e das roupas do teatro que era um encanto as perucas, os penteados e as maquiagens. aí comecei a fazer na escola.

Comecei a fazer na escola, passou um tempo a mãe começou a contar as histórias dela de drama e eu ia vendo aquilo na minha cabeça e dizia eu queria fazer algo parecido e é isso, tudo amador, quando recebi o convite do Sherlyn em 1998, pro “FESTAL” que o Governo do Estado fazia, ele veio aqui com a dona Gracinha pra mim fazer uma dancinha lá na Estevão Alves da Rocha, foi primeira grana que eu ganhei, foi tudo lá na Estêvão (Escola Estadual Estêvão Alves da Rocha) tudo começou na Estêvão, fizeram um contrato e fiquei lá 1999, 2000 e 2001, esses 3 anos, o Festival de Talentos das Escolas Públicas do Ceará (FESTAL) que teve começou lá, daí me levaram pro Liceu, no Liceu terminou o contrato e me levaram pro Maracanaú trabalhei na escola lá e de lá não parei mais comecei a fazer e fomos vencedores do FESTAL em 2000 e vice em 2001.

Aí comecei a fazer algo mais profissional, pensei que era preciso de um curso técnico e fui pra Goretti Quintela (Escola de Ballet Goretti Quintela) fiz a Goretti Quintela durante 5 anos aí pronto, comecei e foi só profissional, desse intervalo quando

sai da Goretti fui chamado pra um trabalho nos grupos dele, Chico Mendes que era o GAP (Grupo Artista Popular) e o GAN (Grupo Amigos da Natureza), assim foi, ninguém mais segurou “Stênio” E deixa eu ver, terminou o contrato do Estado, sai do Liceu, sai da Estevão e do Dom Quintino.

Dona gracinha precisava do meu trabalho no Rio Grande do Norte, era aniversário do Instituto Maria Auxiliadora, eu fui e passei 15 dias lá, fiz um grande trabalho, quando eu voltei vi a Teresa a dona da Escola Cosme e Damião no qual estou a 15 anos lá, agora dia 6 de março fez 15 anos que estou na escola, a Tereza veio aqui umas 7 vezes e a mãe, o que essa mulher quer menino. A dona de uma escola veio, vai lá conversar com ela, ah mãe quero saber mais de escola não oiá, um dia eu fui às três da tarde conversar com ela, a gente pretende fazer aqui um grupo de dança, a gente já conhece seu trabalho e a gente queria você aqui, pra quando é isso? Pra outra semana, aí fui e tô aí.

Que mais? Conheci Fran, Francinice Campos lá numa trabalho da Estevão, mas quem trouxe ela foi o Hernani, ele trouxe ela em 1994 pra dar um curso de teatro no centro comunitário, gostei muito dela e ela, tu não quer participar da minha companhia teatro não?! Ai eu quero, não não é querer querer querer, que pra mim a companhia palmas não é só uma companhia é um grupo, a sede fica na avenida da :Universidade e lá pra mim é uma universidade, lá é um casarão... quem passa pelas mãos da Fran, que passa ali, sai graduado, sai doutorado.

Você aprende a pintar, a bordar, você aprende a ter gosto pelo teatro, lá eh querer aprender, lá é como uma grande casa, um fica responsável pela limpeza da cozinha, da sala e do quintal lá é imenso, então sempre digo, lá você entra num berçário e sai doutorado, a companhia esse ano faz 22 anos e eu tô a 9 e foi ela que disse que é pra permanecer na Companhia.

Você tem que tirar sua carteira profissional, aí eu putz o que eu vou fazer? Passei pela bancada e tá lá minha carteira de trabalho como ator, aqui são poucos, só eu o Jeovane, o Jonh e o Arnaldo com carteira profissional, mesmo nos quatro que tem a carteirinha do satélite e é isso até hoje tô lá.

E aqui em Baturité só faço arte na escola, ah por que? Porque de tantos trabalhos que já fiz, você faz um projeto e mostra pra pessoa, ai pessoa tira isso daqui, isso aqui e isso aqui, resumindo você apresenta um projeto desse tamanho quando você for ver o projeto tá do tamanho dessa folha, não podemos, só faço na Companhia

Palmas e na Escola Cosme e Damião. Eu trabalhei quatro anos na escola Estevão Alves da Rocha, dois anos no Liceu, 5 anos e na CNEC, sempre contrato temporário, agora na escola é carteira assinada a 15 anos, graças a Deus.

Na escola meu Deus, quando ela me chamou pra trabalhar na escola eu pensei e agora? Tive uma vida louca bem louca como vou trabalhar em uma escola, eu sem cabeça, eu sou de 8 a 80, em um piscar de segundo, eu sou uma lady na mesa e uma louca na cama, ah pra eu virar uma mesa é dois tempos, e eu a meu Deus, vou ter que me segurar pra trabalhar em uma escola.

Lá em 2003 eu deixei o cabelo crescer e ainda faltava algo, aí conheci a Camila, aí eu tenho que colocar silicone, num podia fazer essa parte aí ela, eu conheço o Domingos meu primo estudou na Itália e mora na Duque de Caxias, ela chamou e eu bora. Eu, Domingos quero colocar silicone, quanto custa, custa 800 reais, aí quero 2 litros, peguei o dinheiro na outra semana último pagamento do Liceu, Domingos tô com dinheiro, aí ele colocou, eu tinha o quê, eu to com 46 e em 2002 tinha o que? Eu sou ruim em matemática, 30 e poucos era? Era 30 e poucos era? Enfim na casa dos 30.

Aí chegou a Mila com esses garrafões de desinfetantes, ela você comprou a xilocaína que era a anestesia e eu comprei não, ela foi na farmácia e comprou, um semana antes eu passei em casa e ela disse pra tomar anti inflamatório, aí cheguei e fomos pro quarto, desinfetou tudo com álcool, tomei um banho de álcool e vesti a calcinha e o meu silicone era quase isso aqui, ela marcou e colocou. Fez um lado e eu vi a pressão da coisa quando ela fez, eu disse era isso aqui que tava faltando, aí eu, e peito? aí ela muito consciente, não, esse produto é muito perigoso pra colocar peito nunca faça, lhe aconselho a colocar prótese, porque 1 gota se for pra corrente sanguínea você morre e essa Trans trabalhava com caridade em fortaleza, muito linda você não via gogô, não tinha trejeitos, uma calça, uma sandália, loira, muito fina uma senhora, daí tirou tudo aí tapou com base.

Eu aí, fiquei me sentido! Passei uma semana só de bruços, quando chegou o dia da massagem ela me deu uma toalha e disse morda, mas foi doloroso, ela foi olhar se tudo tava no lugar e passei mais 3 meses no edifício Jalcy, lá a população era só evangélico e travesti só isso. Haviam vários obreiros no elevador, evangélicos e travestis se batendo. Voltando pra escola, cabelo grande, siliconada nesse período eu comecei a tomar hormônio, e eu e agora, e agora, mas assim trabalho, trabalho e o Stênio, o tio Stênio sou um profissional e vou agir como tal.

Não queria trabalhar com criança, lá era só fundamental 2, aí as mães pediram para infantil, eu não, não, não. Primeiro que eu não tenho pedagogia e sempre tive um jeito forte de falar muito bravo e aí mais vamos tentar? Aí eu, não de jeito nenhum, mas vamos tentar 3 meses e as crianças gostaram, as mães chegaram lá pedindo, pedido e hoje tô com 23 criança e é a turma que mais gosto de trabalhar, pra cê vê né?

Porque criança é isso é apegado é abração é o tio, então, teve um que disse que até eu ri, disse tu é menino ou menina? Teve uma mãe uma vez que disse, a criança disse, mãe ele parece uma mulher é ela menino? Para com isso respeita tio e eu não não, deixa a criança me ver ao olhos dela e é verdade, a verdade aos olhos dela, deixa a criança ver o tio, se parece com menina é os olhos dela se ver como menino é os olhos dela, teve uma que disse assim na mesa do jantar, que perguntou, mas o porque o Tio tem um cabelo grande? Pai, o tio tem as unhas de mulher. Aí ela vai me dizer isso, o pai da amiga começou a rir. Eu disse, se vira, se vira, eu não tenho nada a ver com a sua resposta. (risos).

Já o fundamental II é outra coisa. Então, eu tenho assim, a minha fala, ela é muito grossa, dura as vezes, né? Mas todos já se acostumaram com isso. E olha, da época da Estevão de dois mil, noventa e nove pra cá. Um dia estava pensando, comecei a pensar, nossa, faltou muita gente. Alunos meus que hoje são pais, meninas que são mães, eu tenho alunos que já, que são filhos, que os pais já foram meus alunos. maioria. Quem já foi meu aluno hoje tem filho comigo ou tem filhos que hoje veem as fotos e mostram as fotos, e, é muito gratificante, muito gratificante.

Então, temos que cuidar, eles vão trabalhar na escola. Na escola eu sou muito sério. Aliás, na rua, eu sou mesmo. E eu prefiro que me tenham por antipático do que me tirar pagode. Prefiro, prefiro mesmo, sabe? O Stênio é muito besta, né? A gente é assim, aí quando me conhece, chega menino, achava você tão besta. Não, meu amor, continuo sendo besta, porque tu se acostumou com a minha besteira.

Tá, vou fazer faculdade, né? Se não passar nessa faculdade. E como, e como é importante, né? tem que ter a formação, eu vou fazer o quê? Queria fazer educação física. Devido aos teatros e a dança, exige muito, a gente vê muito disso, eu queria fazer educação física, não fechava tudo, eu com ódio, tempo passando, fazia alguma coisa, vou fazer história, que é a segunda opção que eu gosto de história. De toda essa vida minha de teatro, de dança. Tem tudo a ver, vou fazer história. E aí, fiz história, penso

tudo em história e daí, mas eu não atuo na escola como professor de história e sim com a dança. Que importante é a formação.

E tudo que eu queria da vida acadêmica eu aprendi. Claro que a gente leva pra gente, né? Lógico. Mas e por que tu não quer lecionar história? Aí vem a questão do teatro já. Porque na Companhia Palmas, eu vou, dia de sexta, sábado e domingo. Se eu tivesse na sala de aula, não tinha como fugir da sexta-feira e a escola já libera, porque eu troco. Se eu falto na sexta, já viajo na sexta, eu recupero um dia, pela manhã, essa questão aí. E é isso.

Na época que eu trabalhei não tinha feito faculdade ainda. Sempre fui trabalhar nas escolas, eu como professor de arte, como professor de dança. Claro, tem a diferença. O público da educação infantil é um, aí eu tenho que trabalhar tudo o que eu aprendi na academia Goretti Quintela, toda a questão lúdica, que é o Baby Class que é a aula que eu trabalho com as meninas da educação infantil.

Todos os bambinos educação infantil é o baby class. Eu trabalho usando os animais. Pezinho de palhaço, que se eu falar pra uma criança de cinco, seis, sete, oito anos, vão saber o que é um Grand Battement, vão saber o que é? Não vão saber. Então, o que a gente faz? A aula que eu dou é toda voltada para o lúdico e para os animais. Que uso, faço? A tromba do elefante aí tem a questão de fazer o braço, a questão do pezinho de palhaço, pra fazer a primeira e a segunda, a terceira posição, o João do pezinho de palhaço, né? É bem diferente a educação infantil, já é puxada mais pra realmente pra linguagem do balé. Então, assim, dá trabalho? Dá.

Eu não queria trabalhar com educação infantil por causa disso, porque como havia um balé, já, sequente, esse tempo é outro, é outro, totalmente diferente do tempo. Totalmente diferente. Levar mais tempo pra trabalhar com criança. Muito mais trabalho que outro, viu? Muito mais trabalhoso. Questão lúdica, você ser criativo, porque criança não pode ter uma aula de trinta minutos, ele não, não tem como, não tem como. É muito puxado mais cara do que com a educação fundamental dois. Ô, bem diferente. Assim, todas as escolas eram assim. Só uma, duas que eu não trabalhei com criança, foi a Dom Quintino e a Raimundo Silveira. Nós também não trabalhamos com crianças, mas era jovens.

Trabalhei com idosos em Capistrano, três anos. Lá era drama e quadrilha. Lá eu me realizava. Se você perguntar assim, você gosta mais de trabalhar com crianças ou idosos? Ai, meu Deus. Acho que com os idosos. Com os idosos . Porque eles já

passaram tantas coisas, tanta coisa e pra chegar bem aqui, eu acho que é hora de acolhimento. Volta a ser criança, na verdade, né? Criança, não. A criança ainda tem todo um processo pra passar até chegar lá. Enquanto os idosos já passaram. Então bem aqui, quase chegando lá e não tem quem abrace, não tem quem cative, não tem com quem passar muitas coisas, o idoso é colocado mais pra escanteio. Então, eu gosto mais dos idosos, mas os idosos. Eu tenho essa afinidade com os idosos.

Aqui na estrada da comunidade, na época, a gente não tinha, o pai nunca deixava a gente brincar com os vizinhos, não, sempre é nesse pedaço do terreno os vizinhos é que vinham pra cá. Tudo era que nem esse terreno, tudo, tudo. A gente brincava de queimada, a gente brincava, de bila, a gente fazia tanto guisado nesse quintal, era muito bom, fazia barraquinhas, eles brincavam, eles brincavam no quintal, menino era bom demais, muito, muito, muito. Aprontei muito mesmo o quintal.

Meu pai tinha um banheiro bem ali que era de palha. Aí eu com raiva das meninas uma vez, taquei aquele fogo no banheiro do pai, ele, meu Deus do céu. Já que o pai nunca bateu na gente. Aqui, quando a gente fazia uma malinação, uma danação, era a base da palmatória. Dependendo do que você fizesse, era na mão. Aqui não, que num tinha essa essas coisas toda de violência doméstica, não.

Quando eu ia pra escola, era tranquilo, ia pra Dom Pedro segundo, mãe fazia merenda e eu ia pela estrada, até lá na escola Dom Pedro segundo. A professora, ela tinha tanto medo, porque pra mim ela via a pessoa, a menina que tinha dentro de mim. Aí chegava nela, ah, meu filho, agora vou falar uma coisa que lembrei, cê não podia esquecer disso. Aí eu perdia a Educação Física, eu sofria, sofria. Aí, não precisava de sentir, aí eu senti forte o que é o preconceito, porque eu tinha um preconceito, eu não queria fazer educação física com os meninos. Meu Deus do céu, queria fazer com as meninas e, né? Naquela época, quem percebeu me deu a maior força na Eliane Franklin. Então, quando tinha, assim, Educação Física amanhã, era dia de quarta-feira, na terça-feira à noite, já ficava febre, porque eu sabia que eu ia ter que jogar bola com os meninos. Esses períodos eram horríveis, horríveis. Teve uma época que eu fiquei reprovado, por não ir. E aí, eu cheguei lá, eu chorava, a dona Eliane, muito sensível, porque o professor tem disso. Nós temos que ter a sensibilidade pra ver a sensibilidade do aluno. Ela percebia. Então, não jogava bola.

Aí, olha, o mariquinha não quer jogar bola não. O mariquinha ódio do nome mariquinha. E aí, a dona Eliana não deixava jogar bola. Você vai ficar me ajudando

aqui, eu ia pegar uma bola, eu ia pegar bola, jogava bola, mas não jogava. Fazia chamada, ficava ajudando, sabe? Ficava, nesse período era, foi horrível, horrível. E tem uns traumas também, né? Ficou os traumas, eles tinham uma professora chamada Carmem, até hoje eu não precisei matemática, eu tenho um abuso, eu tenho um pavor de matemática devido a essa professora como eu falei, você tem, tem que ter a sensibilidade de perceber a sensibilidade do aluno. E aí, hoje eu vou falar uma matemática, vem a cara daquela mulher. Ah, infeliz.

E na escola, sempre, nunca sentava na frente porque era um tipo de proteção minha, aquela proteção, nunca sentavam na frente, nem no meio, sempre do lado da parede, atrás no canto da parede, sempre assim, ó. Nunca no meio. Quando eu chegava atrasado, que tinha gente na minha carteira, pra mim era um tormento, se eu ficasse no meio era como se todo mundo olhasse mim era muito ruim, era péssimo. Eu tano no canto é como se tivesse aquela parede me protegendo, entendeu? Me protegendo, sempre assim, na frente nunca. No canto ou atrás, nunca no meio da frente, jamais, jamais, jamais, jamais, jamais, jamais.

Mas tive grandes professores, hoje eu sei fazer uma boa leitura, sou bom de português, eu tive um professor chamado Jonas Pires de Carvalho, que pra mim, aquele homem foi fundamental. A minha vida como professor de português, né? E era isso, na escola sofria bullying naquela época, me chamava pra jogar, eu não ia jogar na escola e me chamava de Mariquinha, eu chorava, dava escândalo, queria vim pra casa. E algumas professoras já perceberam esse meu, esse meu jeito e me abraçaram, trazia pra elas, tanto que ficava mais seguro, mas e assim foi. Até hoje, aqui, briguento, corajoso, sem entender mais nada.

Ah, tranquilo, tranquilo. Tempos diferentes, tempos diferentes, mas ela por ser dona de uma escola, vem de uma família católica, esposa, católica, tem um filho dela aqui, que é seminarista, onde até aí tem um então, mas tranquilo, a cabeça das pessoas mudaram, mudaram.

Todo mundo sabe que eu tenho um companheiro há quatorze anos, que aqui mora aqui na casa, só eu, o pai e ele, todo mundo sabe, querem muito bem a ele, é muito prestativo, a diretoria é uma irmã que eu não tive em casa, converso tudo que você possa imaginar com ela, ela é uma nossa senhora, é uma Teresa, um anjo e Deus colocou na minha vida e ela é tudo na minha vida, pra tudo na minha vida eu converso

com ela, tranquilo isso aí, aí ela diz, ela sempre diz, pra todo mundo, olha gente, a vida de vocês, esse portão pra cá me interessa.

Quero saber do portão? Tá dentro. Aqui dentro quero o profissional, o profissional. E assim, eu tenho um jeito de ser que eu sou muito direto, às vezes dizem assim, comé que fala? Sinceridade demais é falta de educação, digo, ah, vou morrer mal educado, vou morrer mais todo mundo lá sabe. Se alguém me perguntar uma coisa, vai perguntar, tem certeza que vai perguntar, porque já sabe, porque se me pergunta, eu vou falar. Na minha opinião, né? Eu não dou se tu não perguntar, mas se tu me perguntar isso, visse, isso? Eu digo, tranquilo, tranquilo, tranquilo.

Mas lá em relação a homossexualidade é tranquilo, lá tem. Espíritas, tem Umbandista, tem Testemunha de Jeová e tem Ateus. Então, o gestor, não, na escola toda, como um todo. Então, lá, todo mundo sabe da minha vida, todo mundo se respeita, lá dentro é o profissional e acabou. Uma vez na educação infantil, chegou uma meninazinha e perguntou, se eu era balde? O que é menina? Isso é uma pergunta de uma criança. Digo, não. A minha tia disse que o senhor era balde, peraí, peraí. Fui lá dentro. Que é isso aqui? O que é isso aqui, é um balde, é um balde, balde, eu sou, o tio aparece com balde, bem pedagógico, né? Fui bem na raiz.

A bicha é ruim não, eu digo, pois é, quem disse foi a minha tia? Tá vendo? Como o adulto é maldoso, aí eu volto pra questão. Deixa a criança me ver aos olhos dela, mas essa infeliz fica, eu sei quem é, da menina que falou isso, foi altamente irresponsável. Irresponsável e preconceituosa, mas isso eu tiro de letra graças a Deus, jogo aberto, jogo aberto e é isto!

Essa nossa casa era de taipa, na época meu irmão ia casar e tinha comprado muito de tijolo, material, tava tudo ali, aí meu irmão terminou o casamento, enfim, disse pai, os tijolos tá aí, vamos fazer a nossa casa, a casa do pai, vamos. Fizeram essa casa, mas sempre iam nos pés da mãe, sempre nos pés da mãe. Meus irmãos todos iam pro roçado com o pai, falei, todos errei, né? Porque? Eu não ia. Se vai, vai me levar sementes pra plantar. Eu tinha ódio, que era tanta da motuca, eu começava a chorar e queria voltar pra casa, eu vinha alegre, satisfeita. Bambi na floresta.

O meu negócio, era aqui dentro de casa com a mãe. A minha avó morava no quintal, a minha mãe ficou grávida de mim, a avó veio cuidar de mim. Pra cuidar, acabou ficando, ficando, construímos uma casa pra ela lá no quintal, morreu no nosso poder. A minha vida toda foi lá ao lado das duas mulheres da minha vida, que era a mãe

e minha avó, minha avó e minha mãe. E daí, sempre, dentro de casa, fazendo as coisas, comecei a passar pano e ela sempre cuidando da casa, sempre cuidando da casa e do jardim, sempre com a mãe. Minha ligação com a mãe é muito grande, muito, muito grande, menos com o pai.

E sempre tinha atrito com meu pai, até hoje, cada discussão aqui sabe. A questão, não sei afinidade minha, mas com a mulher, a matriarca, aquela coisa, a coisa toda. Sempre fui com a mãe. E aí, meus irmãos quando percebiam, se falavam só entre eles, depois, pra mim saber o que comentavam, alguma coisa, mas, enfim, eu não pedi opinião de ninguém, nunca pedi a opinião de ninguém. Não, não tinha o que fazer. É respeitar, acabou a conversa.

A perda da minha mãe foi um baque muito grande, porque ela teve um câncer de pele. Que perda, perda lá pra Deus, não pra doença. E todos os filhos, nós somos dois homens, duas mulheres e eu. Aí, todos pediram pra mãe fazer a cirurgia, mas não tinha que fazer a cirurgia. Aí, bem aqui, eu me ajoelhei nos pés dela pedindo pra ela fazer a cirurgia dela. Meu filho, eu tenho medo de morrer. Mas, mãe, eu não queria perder a senhora não, eu tinha muito medo de perder a mãe, ela sempre foi meu porto seguro.

A questão é pesada. ela fez a cirurgia, aí na época o médico pediu a gente pra assinar, todo mundo tinha que assinar aquele papel, pro médico, ela pode perder a fala, pode perder o paladar, pode perder, perde aquilo e a cirurgia muito demorada. Aí não, nós vamos fazer, levamos ela, fez um monte de exame, meu irmão mais ou menos ela levou e foi atendida, ela entra na cirurgia por volta de oito horas. Saiu duas da tarde, muito demorada pra cirurgia. Mas quem estava cuidando dela era um médico muito bom, Estado do Ceará, eu esqueci o nome dele agora. Cê sabe essa cirurgia da mãe, pegou, duzentos e oitenta e três pontos, foi uma pizza a cabeça da minha mãe, passou mais um mês na Santa Casa e era gente na Santa Casa, beleza, veio embora, cara, cabecinha careca.

Teve que passar um tempo, ficou melhor, aí tinha que fazer a rádio, porque um ponto inflamou, não é que desse ponto que inflamou, aí não mais. Não falou mais, normal, ela também não quis fazer mais nenhum procedimento. Ela disse, não, meu filho, não vou não. Eu quero ficar na minha casa e nós respeitamos. E aí, arreventou de novo, ela tentou fazer rádio, mas não conseguiu, porque estava muito quente, ela diz, não, não vou mais. Aí ficou em casa, beleza. E ficar em casa e aumentando o negócio

de novo, aumentou e aumentou e aumentou e arrebitou, ficou enorme. Um dia eu limpei o olho dela quando eu passei o coisa aqui, o olho já, água estourou, mas ela não dizia nada.

E eu ia trabalhar, foi um período horrível. Eu ria muito, sempre assim, eu e ela. Tinha minha irmã, minha irmã fazia só a comida e o curativo. Mas a casa e a parte principal ninguém fazia assim, quando a pessoa vai chegando na idade, vai pensando que a cada dia, leva a vida da gente assim, ó, um dia a mais, é um dia a menos. Já parou pra pensar nisso? Um dia mais, é um dia a menos pra nós. quanto é contraditório, um dia a mais é um dia a menos. E para idoso é isso. Pra poder chegar.

Às vezes, eu, mãe, tenho tanta vontade de comer tapioca. Mas, meu filho, não posso nem fazer, traz a massa, levava massa goma, botava na perna dela e ela ficava, ficava, mas nem queria comer tapioca. Era pra ela se sentir útil. Aí, eu dava uma mordida ali, daí guardava a tapioca, ia lá, pegava outra mordida, comi duas, graças a Deus. Mas não, era só a palavra se sentir útil. Aí, quando eu chegava, tava assim, só, olhando pro tempo e dizia, não é bom.

Ninguém tinha a sensibilidade que eu tinha, falo sem medo, sem nenhum orgulho de cuidar dessa parte interna, dessa parte espiritual e de sensibilidade que ninguém tinha. Eu botava o DVD, o meu amigo fez um não sei quantas mil músicas, quando chegava botava pra músicas, ela queria eu botava pra tocar, ficava mostrando álbuns a ela, ficava conversando, fazia uma coisa, fazia outro sabe, se sentir o útil e não ficar tão só, porque o que mais me doía era quando eu chegava da escola, que ela tava sozinha, que ninguém vinha nem pra conversar.

Nego não, isso não pode, tá errado, isso me magoava, isso me deixava angustiado, me deixava pra baixo mesmo e aí, é sempre nossa, muitos segredos, que ficou só entre a gente, muita coisa, ela sabia de tudo, viu? Cabeça boa, mas morreu com oitenta e quatro. Oitenta e quatro, ela sofreu oito anos, em quatro anos em que seu processo aumentou, aumentando, até que um dia de noite, eu, aquilo era preocupante, que eu via aquilo grande, né? A gente via tudo na cabeça, tudo, tudo assim dentro, essa parte que lá nela, eu tava no lugar, mas comeu tudo. Oh doença infeliz.

E aí o médico dizia, olha, tome muito cuidado pra não entrar mosca e a gente todo dia trocava a fronha, a colcha de chenille, a luva tinha o ventilador, tinha, o mosqueteiro quando tinha mosquito e um dia nós fazendo o curativo, encontramos larvas na cabeça dela, nesse dia eu não tive como segurar. Mas não podia desabar na

frente dela. Aí eu vim pra esse hospital aqui, eu chorava, eu me mordida. Era um desespero tão grande que você vê a sua mãe ali, bem velhinha e vê aquela larva na cabeça dela.

Foi desesperador pra mim, muito nesse dia, mas nunca perguntavam assim, por que Deus, por que isso? Por que com minha mãe? Por que eu tô? Nunca perguntei isso, por quê? eu não me achava no direito de perguntar o por quê? Porque não ele, porque não ela, né? Foi muito, foi aterrorizante. Pode lavar a cabeça dela Aí, banhar, banhar, era eu que banhava. Aí, ela andava bem devagarzinho. Até o que eu disse, mãe, pra senhora num cai ou correr o risco de cair, ave Maria. Aí, consegui a cadeira de rodas. Ela ia na cadeira de rodas. Imagina, só pra ir pro banheiro, tá? Mas acabou servindo, depois ela não consegue mais nem andar direito, mas levantava.

Eu que banhava, botava fralda, lavava o cabelo dela, aí onde tá essa cadeira (no alpendre da cozinha), ela sentava, era bem aqui, tem um monte de imagens ali, ela sentava aí, eu ficava fazendo as unhas dela, adorava pentear o cabelo branco dela, sempre foi nossa senhora, eu e a mãe, muito, muito, muito, muito, muito. Aí, teve um tempo que ela passou muitos dias sem defecar, nenhuma das filhas tiveram coragem, ou tiveram, eu acho que a empatia de mãe, eu chamar pra fazer uma lavagem, não. Eu, mãe, vamos fazer uma lavagem, mas vou, não, meu filho, vou lá, aquele médico pra ir no médico mexendo em mim, eu, deixa eu fazer na senhora. Aí cê faz, digo, faço, fui na farmácia, falei com uma dona que me deu uma garrafinha assim, e eu fiz a lavagem nela, foi um alívio, tanto pra ela como pra mim.

Então, eu e ela sempre de ligação muito grande, muito grande mesmo, em tudo, em tudo, nas conversas, nos tempos. Dia de sábado, pra mim, era o que eu sentia mais falta. Era pra todo eu fazer as unhas dela. Passava horas e horas olhando pra mim, fazendo cafuné na minha cabeça. E eu aqui, fazendo as unhas delas. que foi um dia ela foi pro hospital, eu a levei porque estava com dor no estômago, bem ruim. Eu pensei, naquele dia que ela estava mal, e eu, a mãe voltou. Aí levei ela pro médico, foi a última vez, aí no médico olhava pra mim, cê tá concluindo. Ai neném, eu quero ir pra casa. Não, mas vamos só tomar um remédio?

Aí, ficou lá, ficou internada, consegui, até eu, olha, fazia coisa que não era eu, mas eu fazia, mas não era, eu sabia que não era eu. Eu conseguia, eu fazia, eu aspirava, eu fiz, eu fiz. O que eu acabei de falar. Lavagem, aspirava, lavagem, eu banhava, lava o cabelo. Aspirava secreção, que ela não tinha mais força pra torcir, pra

botar pra fora a secreção, eu ia, aspirava. Coisas que eu jamais pensei na minha vida, nem imaginava que eu fosse fazer isso. Deus fazia. Mas não era eu que estava atuando, eu tinha certeza que não era. Não era eu.

E pronto, eu dizia assim, não brigava muito com Deus, olha Deus, eu acompanhei tudo da mãe, eu me ajoelhei aos pés dela, pedi pra ela fazer. se pediram ela dizer que não, eu pedi. Acompanhei ela. Levava lá pra mim. Pra tu ter ideia, a minha diretora, como é mais irmã, irmã que eu não tenho em casa, ela foi muitas e muitas e muitas vezes, só pra levar e voltar. Não queria dinheiro pra gasolina, as vezes eu dava não queria. Ah, mas a Teresa veio muitas vezes comigo pra fortaleza, com mãe, só pra ir e voltar. Não queria nada, nem dinheiro de gasolina. E eu, a mãe foi assim, sinto muito interligada, muito ligada, eu vi ela, muito elo de ligação.

Nesse dia, era seis e quinze da tarde, aí eu tava lá, Ivone chegou com o cliente, ela ficou, aí pronto, aí deitou, disse, mãe, a mãe tá respirando, olha só. Ela foi fechando os olhos, fechando os olhos, eu vi, peguei nela, tava ficando arroxeadada aqui, mas tá morrendo, mas que não. Aí, eu pedi a Deus. É Deus, não te perdoo pela partida dela, se eu não estiver com ela, eu não te perdoo, óia, eu falo com Deus, brigava muito com ele e isso. E eu acho que Deus me ouviu mesmo, mas tem que ser eu, tem que ser eu, passar por tudo isso e ela morreu, só tava eu e ela.

No hospital..., eu fiz um poema pra ela, aí na hora da passagem ainda recitei esse poema, esse poema pra ela, agradecer muito a ela. Agradei muito tempo, falei pra ela assim, eu sabia que a gente sabe quando o cérebro da pessoa morre. O cérebro fica funcionando ainda durante alguns minutos. Aí disse a ela que não se preocupasse, eu ia cuidar do pai, eu ia cuidar da casa e agradei a ela do meu jeito que ela matou minha fome, pelos passos que ela me ensinou. Aí pronto. Aí, em nenhum momento eu deixei lá só.

Ela falava muito comigo. Nem como vai morrer. Eu digo, ah, não, ela morre. Quero saber disso não. Faleceu, aí liguei pro meu irmão, passou um tempo, o médico veio, doutor já examinou, deu laudo e eu ali com ela. O rapaz veio com a maca, eu disse não, aí eu peguei ela botei ela na maca e desci aquele corredor do hospital empurrando a maca, eu não deixei a mãe, nenhum momento. Ela não ficou só, desse jeito o corredor e eu empurrando a maca, lá no final dobrei e fiquei com ela lá, aí chegou a Teresa, a Teresinha ficou de longe olhando. depois avisa, avisei o plano Plaza e fiquei lá meu, plaza chegou, botei ela no carro, fui pro plaza atrás, não deixei nem um

minuto só, cheguei no plaza. Os menino ajeitando, só, eu vim em casa, peguei, peguei a roupa dela que ela fez bodas de ouro, levei, vesti ela, botei o melhor perfume, porque quando banhava ela cadê o perfume bom? Aí eu botava o perfume nela, botei o perfume, me ajeitei, botei no carro, vim com ela até aqui, descí, o pai estava em prantos ali, eu fui lá, peguei o pai pelo braço, tá aqui sua esposa.

Eu fiz tudo que eu queria fazer, e o fiz. Desde de levar, convencê-la a fazer cirurgia, o tratamento, banhar, conversar, fazer companhia, fazer. Na hora da morte estava lá, deixei em nenhum momento lá só, porque eu sabia que ela não queria, ela falava, mas sobre isso. E foi isso, morreu, só eu e ela, ela só nós duas lá. Então, o elo de ligação com a minha mãe foi muito grande. Tem até hoje, eu mantive tudo aqui, eu tinha uma casa, que eu vivia com companheiro, sete anos lá com companheiro que eu não queria trazer logo ele pra cá.

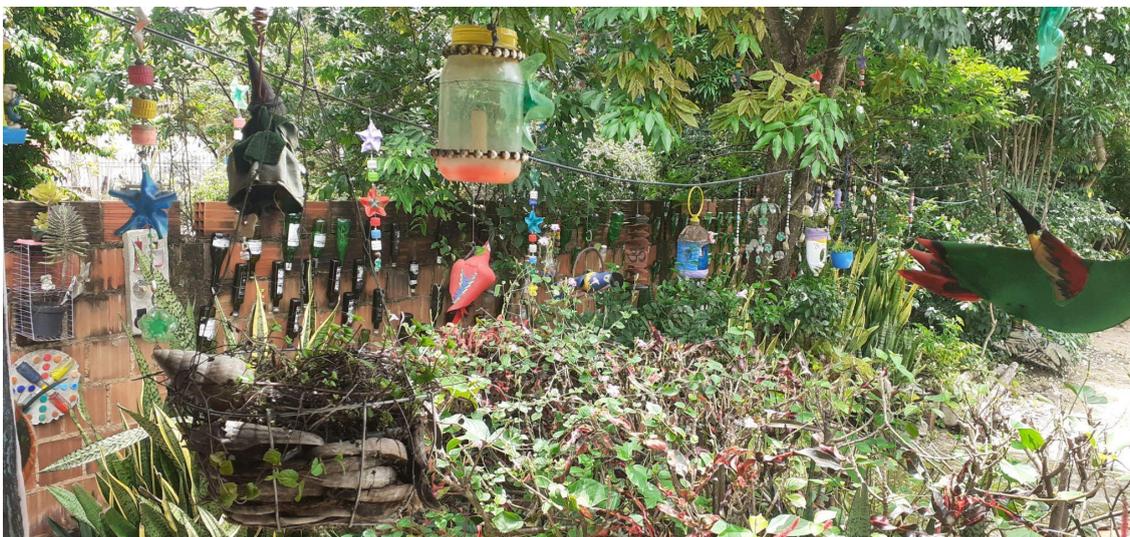
Aí, meu irmão mais velho, ele bate de frente comigo. Não achava isso certo, trazer homem pra, tá dentro de casa. E aí, a gente teve uma reunião de família. Meu companheiro aqui fora pintou uma cadeira, eu lá conversando e levando um monte de coisa. É, eu não aceito isso, eu vocês podem aceitar, mas eu não acho isso adequado não, trazer um homem pra dentro da casa do senhor, pai, que é o homem da igreja, entendeu? Cê tá botando um catinga, né? E eu calado, ele olhou pra mim e disse, primeiro que essa vida aí não acho certo, cê num vai ter salvação. Segundo, vai morrer só, nem tem um filho pra cuidar de você, né? E hoje, tá sem família, sem trabalho, sem mulher, sem porque, né?

Muito danado, tem muitos filhos, cadê os filhos pra cuidar dele? Porque nem um filho quer ele. Aí eu digo, cadê? Filho quer dizer, quantidade de filho não quer dizer segurança pra gente em nada, pra quem é pai e mãe, não é velhice não, porque ele tem sete filhos, nenhum, liga pra ele, aí ele quer vir pra onde? é morar aqui. E aí meu pai já dividiu isso aqui, mas não tu vai querer terreno, num quero terreno nenhum, que eu num quero construir nada. Rapaz, hoje você vai ficar vai ficar com a casa e o restante do dali eu vou dividir. Tá bom. Aí dividiu a parte da Ivone, aí as partes de cada casa já no cartório registrado autenticado e carimbado.

E hoje mora aqui, eu pai e meu companheiro, nós três, e o pai com noventa anos, um homem da igreja, ministro da eucaristia, da Legião de Maria, do Terço dos Homens. Mas o pai tem a cabeça muito aberta. A cabeça do meu pai é muito aberta, pras coisas do mundo e já meu irmão, a cabeça exatamente fechada. Esse negócio de

casa era a sacada dele, era conseguir aqui. Mas aí meu pai já disse então pronto, aqui já é minha, daí vocês fazem o que quiserem.

Ilustração 11 - Fotografia do terraço em frente à casa, com exposição de artesanatos feitos no período da pandemia.



Fonte: Arquivos da pesquisa de campo.

É isso. passei muita coisa boa com homem. Homens, a minha vida toda foi com casados. Todos eu tinha uma coisa, sabe? Assim, porque eu nunca me vi com homem solteiro. Homem solteiro, na maioria das vezes, eles querem dinheiro. E homem casado, já tem uma vida segura e eles querem sexo, eu sempre pensei isso e vi isso há muito tempo. E nunca gostei do solteiro, sempre gostava de homens casados. Sempre gostei, pra mim dava mais emoção quando eu, quando eu ia sair, tipo, eles assim, minino, hoje eu não vou sair não, eu vou sair com minha namorada, não vai dar pra gente amanhã? Pá, sabe? dava mais adrenalina!?

Sempre gostei, a minha cabeça sempre foi assim, sempre casado. Nossa, casado pra mim é tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. Todo, todo espírito, tudo e mais um pouco, né? Sempre há um fetiche e comigo mesmo. Muito. A história é longa. Muito louca. E sempre nisso, as relações foram assim, muito eu, no meu canto, sempre respeitava o espaço deles, sempre respeitei. E o mínimo que a gente pode fazer, vocês colocar no seu lugar. Tem que colocar no seu lugar, você nunca pode querer ocupar o espaço da primeira que você nunca vai ser. Não, não existe isso, não existe, impossível. Acho que até pra quem é as amantes que são amantes, tem que saber ser, porque você não já sabe que a pessoa tá ali, já tem uma família, já tem um núcleo que é a base dele.

Então, você não pode querer destruir pensando que vai ficar porque vai perder esse tempo. Vai perder o seu tempo.

É, tem muita coisa que eu vivi. Vivi e aprendi durante toda essa vida, a vida é um aprendizado, aprendi isso que eu falei lá no início. Às vezes, ah, eu queria ter a cabeça de hoje a tantos anos atrás, não, vocês tinham que viver, passar por aquilo que cês, que você passou, que você viveu pra se aprender e hoje você viver de uma forma mais tranquila. Assim, eu vivi o que eu queria fazer. Então, tá perfeito. Eu costumo dizer que a gente tem que viver o que é pra viver, fazer. Faça tudo que você quer fazer? Pra depois você querer fazer, nem poder fazer, por alguma coisa, num sei, né? Então, tem que fazer tudo, passar por tudo. E de relações que foram muitas, a história é cabeluda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consolidação desse trabalho nesse tempo, tempo no sentido das adversidades, reflexões e das ausências materiais cotidianas, relaciona-se com o olhar e o fôlego ao qual os sujeitos colaboradores desse processo tomaram para construir a narrativa de suas experiências. Nesse sentido, reconhece-se que tanto na perspectiva teórico metodológica quanto na profundidade das diferentes dimensões expressadas nessas narrativas, propõe-se para a continuidade desse estudo a partir de outras problemáticas de pesquisa.

Partindo do percurso metodológico de produção de fontes inéditas de pesquisa a partir das experiências de “homens-gay” frisando suas interfaces como sujeitos LGBTQIAPN +, trabalhadores da educação e atuantes no circuito cultural profissional do município de Baturité, o trabalho apresenta-se como mediador de humanização e visibilidade.

Diante disso, a inserção desses sujeitos na construção de uma abordagem histórica inclusiva que de forma pertinente aflora para uma história de possibilidades dissidentes, rompendo com a tradição historiográfica dos grandes “homens” e sua relação com a memória celebrativa que propõe uma narrativa oficial e heteronormativa, para uma proposição revolucionária como diria Walter Benjamin (1940) citada por

Lowi (2011) na perspectiva de uma história “a contrapelo” e a Portelli (1997) pela igualdade nas relações entre pesquisador e pesquisado.

A densidade das narrativas apresentadas dialoga com as memórias coletivas, e é aparente o quanto de experiência familiar com os pais, mães e irmãos aparecem em contexto. A formação e inserção social e mediada pelo trabalho, diante disso, as questões de autonomia, colaboração e credibilidade passam pelo campo do trabalho, quando os sujeitos da pesquisa apresentam suas sociabilidades e conflitos, a categoria trabalho mesmo nos moldes da produção capitalista é acionada como mediadora de ascensão, ruptura do contexto familiar e de oportunidade.

Nesse jogo, a educação escolarizada aparece enquanto firmamento dessa possibilidade de “ser social”, conseqüentemente, um caminho para o mundo do trabalho. Nas três experiências apresentadas pelas histórias de vida, o trabalho será em momentos diferentes, acionado, não só como mediador das relações em sociedade capitalista de modo geral, mas também pelas problemáticas sociais da experiência prática cotidiana que condicionam os sujeitos á papéis sociais numa estrutura normalizadora além das relações de gênero, mas de classe social, territorial e de poder.

Ecléa Bosi (1994. p. 76) afirma que, “A idade adulta é norteadada pela ação presente: e quando se volta para o passado é para buscar nele o que se relaciona com suas preocupações atuais”. Nesta perspectiva, entende-se esse constrangimento e empobrecimento da memória adulta, enquanto puramente social. Desse modo, a pauperização e as deficientes políticas públicas na periferia e nas zonas rurais de municípios como Baturité. Portanto, ao implicar um conjunto de problemáticas desde o acesso ao trabalho e educação, como em outros meios de produção material da existência o que dialoga diretamente com os conflitos sociais enunciados nos contextos rememorados.

Sobre o contexto da educação, o entrevistado Glauber Sebastião, narra sobre seu processo de escolarização como fator de extrema importância para o desenvolvimento pessoal, atribuindo-a como um marcador social de humanização e reconhecimento social. Essa questão vai endossar as demais narrativas, extremamente quando relacionada à visibilidade e ascensão no campo da cultura, conseqüentemente no mercado de trabalho no município. Configurando um padrão hierárquico entre sujeitos que ascendem socialmente e sujeitos subalternizados, sem acesso à educação e ao trabalho.

Glauber Sebastião, ao afirmar que não teve conflitos relativos à afirmação identitária enquanto sujeito LGBTQIAPN +, acredita que por trabalhar desde muito cedo foi diferente em relação a seus colegas gays. Como afirma que, dos cinco irmãos, foi o único que concluiu o ensino básico e cursou faculdade, o curso de pedagogia. O trabalho é acionado pelas famílias como determinante de um destino satisfatório, ou mesmo de sobrevivência pessoal e coletiva, quando a mãe afirmava “vá se virar, vai trabalhar fora”, esse “fora” corresponde a procurar trabalho em outros lugares para contribuir com o sustento familiar.

O período da pandemia da Covid-19, contexto de realização da pesquisa de campo, apresentou especificidades tanto para execução das entrevistas quanto na dinâmica de trabalho e relações sociais ocasionadas pelo isolamento social. Nesse sentido ambos os sujeitos, mas principalmente Glauber Sebastião afirma que encontrou subterfúgios para o cotidiano familiar e de trabalho, quando afirma ter “a arte como ferramenta de ocupação na pandemia” apesar de no campo do trabalho ter dificuldades de exercer suas atividades em modo remoto a partir do aparelho celular, por estar horas afincado atendendo demandas da escola onde trabalha.

Na perspectiva do cotidiano de isolamento no sítio, não houve estranhamento no período de isolamento social pela própria dinâmica de ser morador da zona rural e viver uma rotina mais tranquila cuidando dos afazeres domésticos e de trabalho em seu ateliê de arte. Somando a essas experiências com a cultura e arte, ambos os entrevistados trabalham com teatro, como atores, diretores ou como profissão registrada. A arte e educação estão presentes nas trajetórias de vida de ambos, o ser artista configura em parte suas identidades sociais, além de profissionais da educação como professor da educação básica, diretor de teatro e arte educador compõe as facetas de suas experiências no município.

Os cuidados com familiares, especificamente as mães nesse percurso de pesquisa, aparecem como uma dimensão atribuída aos filhos gays que mesmo com seus relacionamentos homoafetivos são de maneira autônoma direcionados a essa função, acredita-se que a formação de núcleo familiar monogâmico patriarcal formados por pais, mães, filhos e um lar, enquanto os casais homoafetivos com dois homens não ter filhos e seja tratado como tabu esse reconhecimento, os filhos gays acabam que assumindo essa função indiretamente imposta pelas dinâmicas sociais. Ambos os

sujeitos naturalizaram essa relação com suas mães no processo de envelhecimento e adoecimento e morte.

Atuação profissional diferente da formação superior ou mesmo atribuindo uma certa profissionalização e reconhecimento profissional, é outro fator que atribui esse cuidado com os pais. De modo que, os sujeitos entrevistados, mesmo que precarizados são sujeitos ativos no mercado de trabalho e o fato de não ter um núcleo familiar dependente como filhos, potencializa essa atribuição como senso de responsabilidade naturalizado para com seus entes familiares.

O machismo é um fator recorrente nas narrativas, pois predomina com relação aos papéis sociais das crianças dentro e fora da escola, espaços de atuação profissional e de vivência de suas subjetividades, a escola como meio formador e transformador de realidades, possibilita o pertencimento dos sujeitos e ainda dispõe enquanto espaço de debate e acolhimento para as tensões sociais relativas a esses papéis de ser “homem e mulher” e suas dissidências de gênero e sexualidade.

A proposta deste Programa Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades como experiência nos cursos de graduação que vivenciei na Unilab, amplia o arcabouço teórico e metodológico, não restringindo as pesquisas a um campo específico e sim a reflexões a partir de outros aportes como a História, a Antropologia, a Sociologia, Filosofia e aos Estudos de Gênero e Sexualidade que possibilita uma visão de totalidade das experiências de vida no exercício da interdisciplinaridade.

As pesquisas em ciências humanas e sociais apresentam sempre um campo possibilidades e novas reflexões, considerando as dinâmicas bem particulares que condicionaram o desenvolvimento deste trabalho, traz-se perspectiva de seguir novos caminhos enquanto pesquisador, na carreira acadêmica. De modo que, propõe-se a partir dessa labuta, um desdobramento inicial, uma nova proposição para alçada nessa encruzilhada que é a pós-graduação, a partir de um aprofundamento de questões pertinentes relacionadas ao mundo do trabalho e a produção material da existência enquanto sujeitos políticos LGBTQIAPN +.

Assim, partindo da trajetória teórico metodológica e filiando-se de forma densa a uma perspectiva marxiana da teoria social e crítica a economia política, busca-se numa pesquisa futura aperfeiçoar o campo de análise das experiências de vida desses sujeitos a partir do seguinte temática em construção, “a precarização e alienação

docente: experiências profissionais de professores LGBTQIAPN + da rede pública de ensino de Baturité - Ceará”.

Desta forma, teremos a possibilidade de dar continuidade aos estudos sobre as experiências de vida LGBTQUIA+, tendo como escopo central, a dinamização e aprofundamento sobre o debate teórico sobre as relações de trabalho, alienação, proletariado docente com as relações de gênero, identidade e sexualidades a partir deste trabalho, comprometido com a perspectiva interiorizada de nossa universidade, Unilab, a partir da categoria trabalho e experiências de vida LGBTQIAPN + no contexto do maciço de Baturité-CE.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Acesso em: 07 Abr. 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: A invenção do “falo.” Uma história do gênero masculino (1920–1940)**. São Paulo: Intermeios, 2013. Akotirene, Carla **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

ALVES, Giovanni Antonio Pinto; ARAÚJO, Renan. Thompson, Lukács e o conceito de experiência-um diálogo mais que necessário. **Revista Mundos do trabalho**, p. 53-73, 2013. p.56.

Benevides, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022** / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023. 109p.

BENTO, Berenice. O belo, o feio e o abjeto nos corpos femininos. **Sociedade e Estado**, v. 36, p. 157-172, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/FL6YVY3NCjKjmGOJTk5Q78p/> . Acesso em: 26 Nov. 2022.

BOLA, J. J. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Tradução de Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BONASSI, Brune Camilo et al. **Cisnorma: Acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero**. 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** / Ecléa Bosi. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, v. 2, 2000.

CASTRO, José Liberal de. **Urbanização pombalina no Ceará: a paisagem da vila de Montemor-o-Novo d'América**. Separata de: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, n. 113, p. 35-81, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** / Antonio Chizzotti. 11. ed. São Paulo : Cortez, 2010.

DA MOTA, Murilo Peixoto. **Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência**. *Revista Sinais*, n. 06, 2009.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

DE BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Nova Fronteira, 2018.

Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidade Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm Acesso em: 23 Jan 2023.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. *História oral*, v. 6, 2003.

DE PONTES, Júlia Clara; DA SILVA, Cristiane Gonçalves. **Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans**. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2017.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes Franco. **Raízes & Memórias: o florescimento histórico-educativo em Esperantina (1930-1960)**. Teresina: UFPI, 2004. (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO)

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes,; ARAUJO, Francisco Evandro de . **A DIMENSÃO INTERDISCIPLINAR DO MÉTODO DA HISTÓRIA ORAL**. In: FRANCO, Roberto Kennedy Gomes; BEZERRA, Tânia Serra Azul Machado; GONZÁLEZ, Pedro Francisco. (Org.). **Interdisciplinaridade, Trabalho Investigativo e Educação**. 1 ed. Campina Grande: Realize Eventos, 2020, v. 1, p. 11-28.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FRY, Peter. **O que é homossexualidade** / Peter Fry e Edward MacRae. -- São Paulo : Abril Cultural : Brasiliense, 1985.(Coleção primeiros passos ; 26)

GATTAZ, A.C. Lapidando a fala bruta: a textualização em História Oral. In: MEIHY, J.C.S.B. (org.). (Re)definindo a História Oral no Brasil. São Paulo, Ed. Xamã, 1996. p. 135-40. disponível em: [André Gattaz • Artigos: Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral \(gattaz-artigos.blogspot.com\)](http://André Gattaz • Artigos: Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral (gattaz-artigos.blogspot.com)) Acesso em: 10 Jan. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso em: 13 Jan. 2023.

IPEA. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. **Nota técnica N° 51**, 2018.

PORTELLI, Alessandro et al. **FORMA E SIGNIFICAÇÃO NA HISTÓRIA ORAL: A PESQUISA COMO UM EXPERIMENTO EM IGUALDADE**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 14, 1997.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: FGV, p. 31-45, 2000.

LANÇA, Marta. **A lusofonia é uma bolha**. Buala. 2008. Disponível em (blog): <https://www.buala.org/pt/jogos-sem-fronteiras/a-lusofonia-e-uma-bolha> Acesso em: 24 Jan. 2023.

Lei de criação de nº 12.289 de 20 de julho de 2010. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2010/lei-12289-20-julho-2010-607326-publicacaooriginal-128192-pl.html> Acesso em: 20 Jan. 2023.

LEMEBEL, Pedro, Poema - Manifesto (Falo por minha diferença), 1986. [linhas, 146-154]. Disponível em: (escritas.org). Acesso em: 27 Nov. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (org.) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 2. Ed., 2ª reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LÖWY, Michael. “**A contrapelo**”. **A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940)**. Lutas sociais, n. 25-26, p. 20-28, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18578> Acesso em: 25 Jan. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Guia prático de história oral : para empresas, universidades, comunidades, famílias** / José Carlos Sebe B. Meihy r Suzana L. Salgado Ribeiro. - São Paulo : Contexto, 2011.

MICHELS, Eduardo ; MOTT, Luiz Mott & PAULINHO. Relatório: **Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil**. (ORG) Grupo Gay da Bahia - GGB, 2018. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contr-a-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf> Acesso em: 08 Abr. 2023.

NICOLAZZI, Fernando Felizardo. **O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica**. 2004.

POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011.

PORTELLI, Alessandro et al. FORMA E SIGNIFICAÇÃO NA HISTÓRIA ORAL: A PESQUISA COMO UM EXPERIMENTO EM IGUALDADE. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, 1997.

Prins, B., & Meijer, I. C. (2002). **Como os corpos se tornam matéria**: entrevista com Judith Butler. *Revista estudos feministas*, 10 (1), 155-167.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social**. Epistemologias do Sul / org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Menezes. -- 2º ed. (CES : conhecimentos e instituições), 2010, p. 73-116. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf Acesso em: 20 Jan. 2023.

RELATÓRIO: Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil. GGB-Grupo Gay da Bahia, 2018.

Trevisan, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade** / João Silvério Trevisan - 4. ed. rev., atual. e amp. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2018.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos. 2018.

Thompson, Paul, 1935-. **A voz do passado: história oral** / Paul Thompson ; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. -- Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. " Escrivivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social**. Epistemologias do Sul / org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Menezes. -- 2º ed. (CES : conhecimentos e instituições), 2010, p. 73-116. Disponível em:

http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf Acesso em: 20 Jan. de 2023.

FONTES ORAIS:

Sebastião. **História oral de vida.** Entrevista I, cedida à Leonardo da Silva Leal. [mar. 2021]. Baturité, Ceará, 2021. I arquivo .m4a (62 min.), 1 arquivo word. Arquivo dos autores.

Marinho. **História oral de vida.** Entrevista II, cedida à Leonardo da Silva Leal, [abr. 2021]. Baturité, Ceará, 2021. II arquivo .m4a (43 min.), II arquivo word. arquivo dos autores.

Stênio. **História oral de vida.** Entrevista III, cedida à Leonardo da Silva Leal, [abr. 2021]. Baturité, Ceará, 2021. III arquivo .m4a (90 min.), III arquivo word. Arquivo dos autores.

APÊNDICE - A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TECLE

Prezado,

Você está sendo convidado pelo discente Leonardo da Silva Leal e pelo orientador prof. Roberto Kennedy Gomes Franco, a participar como voluntário de uma pesquisa do Mestrado Interdisciplinar em Humanidade-MIH, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, intitulada *Traços de si, experiências de homens gays na cidade de Baturité/CE (1970-2021)*. Você não deve participar contra sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

O objetivo geral do estudo é investigar as interfaces das experiências de homens gays no contexto da cidade Baturité/Ce, utilizando da abordagem qualitativa de história de vida para compreender a pluralidade de experiências vividas com as diferentes instituições de “poder” que mediarão a construção dos referenciais para as sociabilidades da população Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e mais - LGBTQIAPN +, tendo como interlocutores artistas, professores homossexuais cis-gênero em envelhecimento. Ressalto que a colaboração e participação poderão trazer diferentes possibilidades de pensar o conhecimento socialmente constituído e potencializar esse campo de pesquisa e a produção de conhecimento. Assim, reforça a importância dos estudos de gênero e suas intersecções no campo das humanidades, considerando a totalidade complexa do conhecimento estratificado e o exercício e prática de novas formulações em nossa trajetória de pesquisa. Para tanto, não receberá nenhum pagamento pela colaboração com pesquisa.

A coleta de dados se dará da seguinte forma: você será convidado a participar de uma entrevista coletada por meio de relato oral de história de vida, gravada e previamente agendada, seguindo todos os protocolos de distanciamento e uso de equipamentos de proteção (máscara e uso de álcool em gel) medidas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde e o Governo do Estado do Ceará em decorrência da pandemia da Covid-19. Sua participação é livre e exigirá sua disponibilidade de tempo para responder a uma pergunta relacionada à sua história de vida como homem gay.

Asseguro-lhe a garantia de que as informações coletadas serão usadas apenas para a realização da minha pesquisa e, também lhe asseguro que a qualquer momento terá acesso às informações sobre os procedimentos e benefícios relacionados ao estudo, inclusive para resolver dúvidas que possam surgir. Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e não participar do estudo, sem que isto lhe traga nenhuma penalidade ou prejuízo. E, finalmente, informo-lhe que a sua identificação será preservada, e que a divulgação das informações coletadas só será realizada entre os estudiosos do assunto, mas que em nenhum momento sua identidade será revelada.

Essa pesquisa tem como risco o possível sentimento de constrangimento ao ser questionado (a) acerca do seu estado mental, já que as perguntas envolvem aspectos pessoais, em que sentimentos de preocupação, medo e incertezas podem surgir durante a aplicação do instrumento em decorrência do contexto da pandemia. É apontado como benefício o fato de que com os resultados, será possível apresentar a comunidade científica e aos membros da população LGBTQIAPN +, expondo a relevância o campo

dos estudos de gênero e sexualidade em sua multirreferencialidade e na abordagem metodológica atribuída para o desenvolvimento desta pesquisa na relação do objeto à realidade do sujeito.

Uma cópia deste formulário ficará em sua posse e, após o envio, a outra via ficará de posse da pesquisadora. Em caso de dúvidas contate-me, o responsável pela pesquisa:

Nome: Leonardo da Silva Leal, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades - POSIH da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab.

Endereço: Avenida da Abolição, 3. Centro. CEP: 62.790-000. Telefone para contato: (85)992088914. E-mail: leoleal@aluno.unilab.edu.br

A concordância dada abaixo ratifica ser de livre e espontânea vontade que estou participando como voluntário da pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. Declaro que tomei conhecimento do estudo citado acima, tendo sido devidamente esclarecida a sua finalidade, condições da minha participação e aspectos ético-legais, sendo assim:

Concordo em participar voluntariamente do estudo.

Assinatura do entrevistado.

Nº do RG ou

CPF: _____

Data: _____